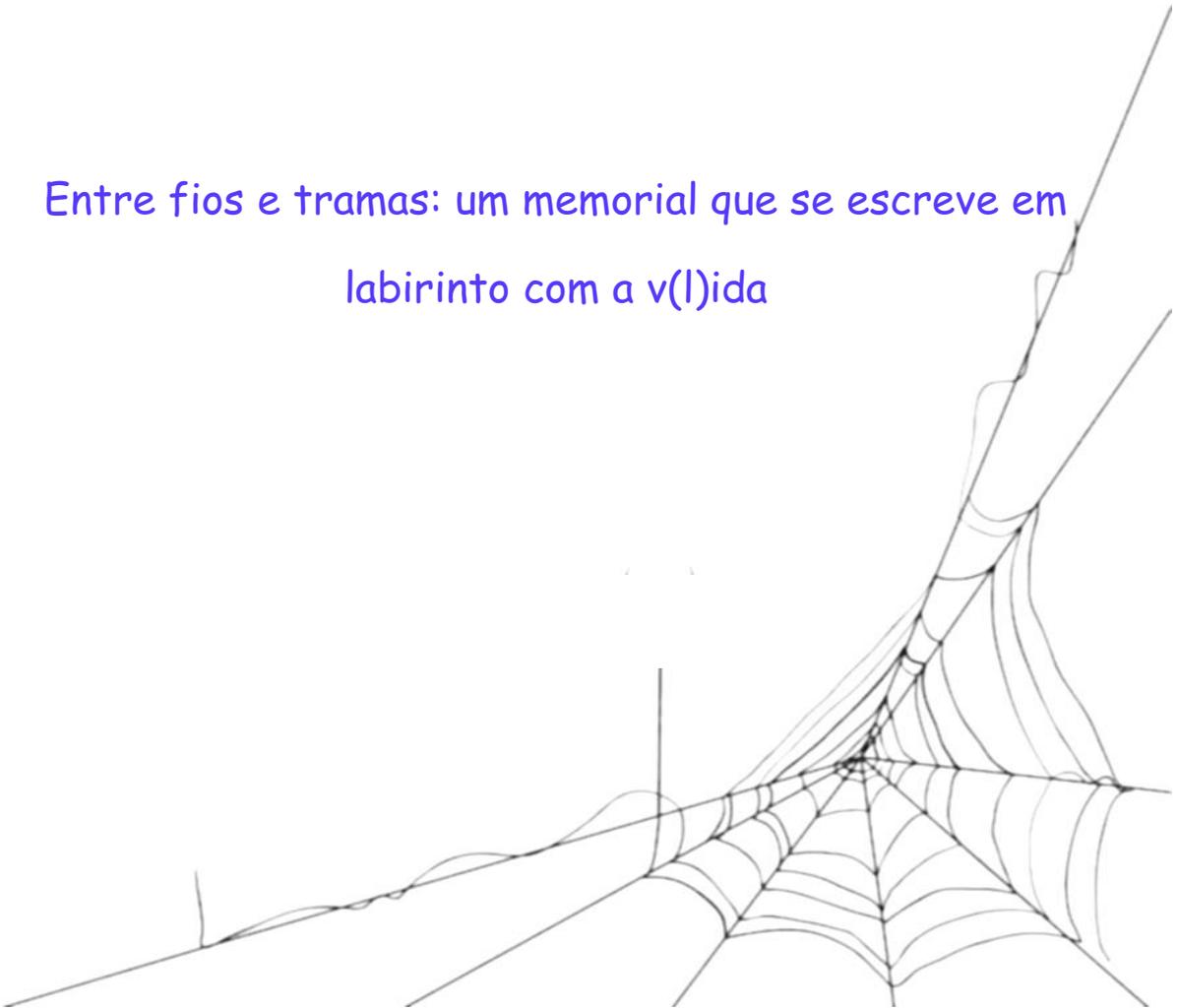


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

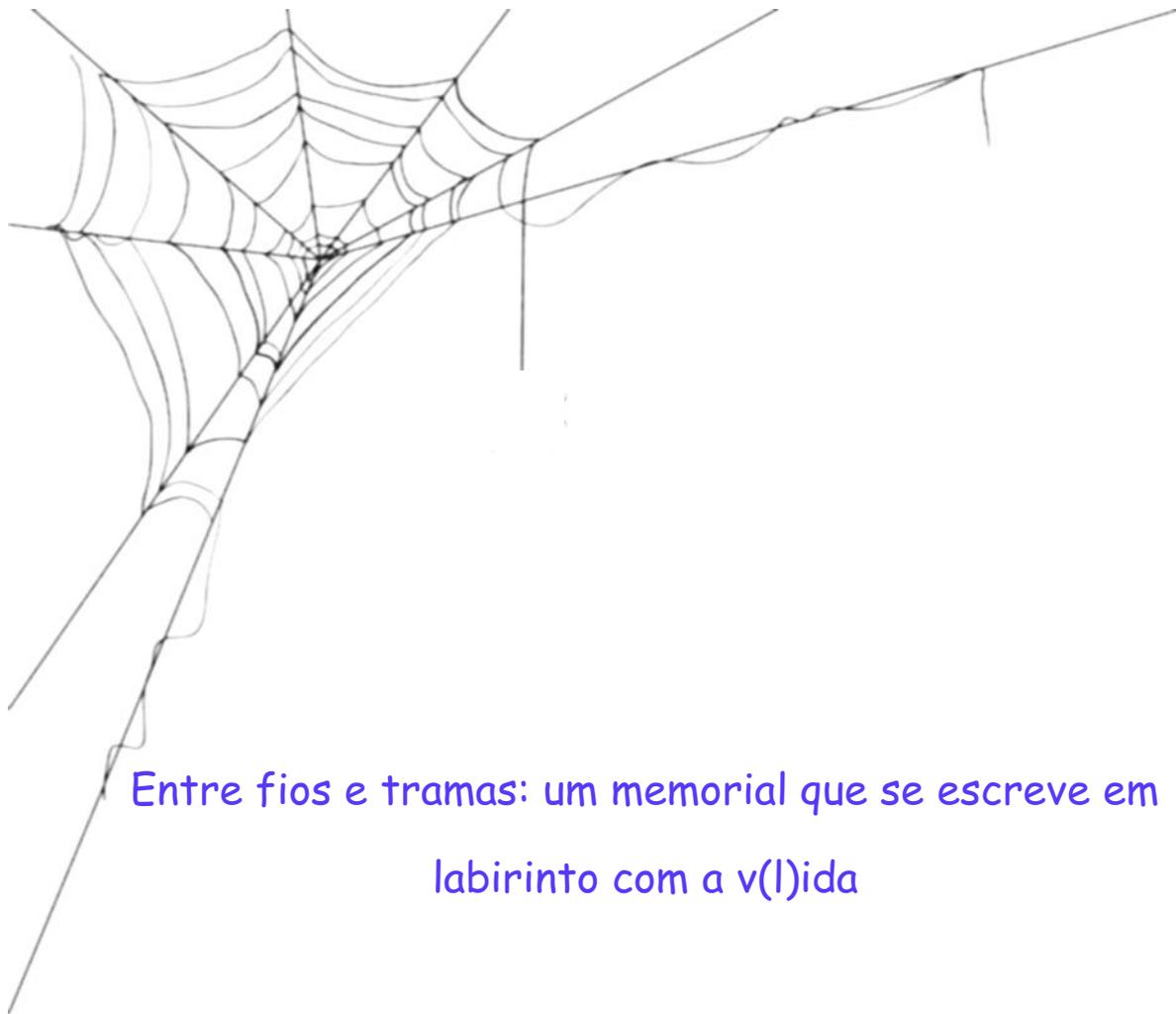
MARISA MARTINS GAMA-KHALIL

Entre fios e tramas: um memorial que se escreve em  
labirinto com a v(l)ida



Uberlândia-MG  
Dezembro de 2020

MARISA MARTINS GAMA-KHALIL



Entre fios e tramas: um memorial que se escreve em  
labirinto com a v(l)ida

Memorial apresentado ao Instituto de Letras  
e Linguística como requisito para promoção  
para a Classe de Professor Titular da  
Carreira de Magistério Superior, conforme  
Resolução 03/2017 do Conselho Diretor.

Uberlândia-MG  
Dezembro de 2020

*É então que ensinar a arte de resistir às palavras se faz preciso, a arte de não dizer nada além do que desejamos, a arte de violentá-las e submetê-las. Em suma, fundar uma retórica, ou melhor, que cada um aprenda a fundar sua própria retórica.*

Francis Ponge (2017, s.p.)

*À minha mãe, Maria do Carmo, companheira de uma vida inteira! (Todo dia 15 de outubro ela vinha, de manhã cedinho, me dar um abraço apertado e carinhoso pelo dia dos mestres. No último 15 de outubro, eu disse a ela: “Você é a grande professora, de fato; e que, com maestria, me ensinou a respeitar e a escutar o outro, grandes qualidades da docência”).*

*Aos meus filhos, Lucas e Máisa, que nos momentos mais difíceis estiveram ao meu lado como grandes amigos, fazendo-me compreender alguns sentidos importantes da humanidade.*

*Aos colegas docentes e pesquisadores, aos alunos, aos orientandos, que constituíram minha subjetividade ao longo dos fios e tramas.*

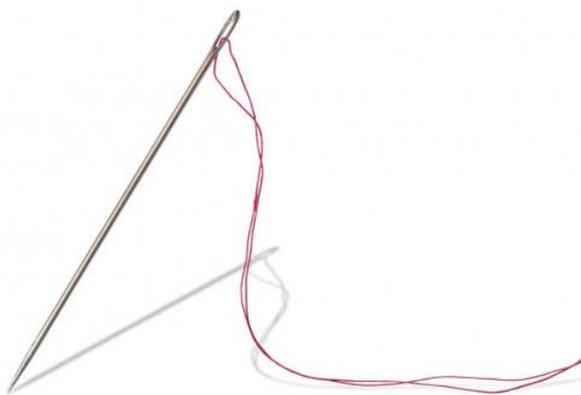
*À Léa e ao Lucas, agradeço pela leitura deste Memorial – a um só tempo atentos, competentes e afetuosos!*

## SUMÁRIO

FIOS INTRODUTÓRIOS: O PRIMEIRO ALINHAVO PARA OS FIOS E AS TRAMAS .....	07
FIOS DAS LEITURAS DE MUNDO: EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E ESCOLARES	12
Trama "Batata doce com livros" .....	13
Entremeada "Professor de Inglês" .....	13
Trama "Contos e cantares... levezas" .....	14
Trama "Entrando num <i>Sítio</i> " .....	14
Trama "Pisando no solo de <i>mirabilia</i> " .....	15
Trama "Um certo professor-homem comunista" .....	16
Entremeada "Interpretação" .....	16
Trama "Pra 'ser' a banda a passar" .....	18
Entremeada "Padrinho querido" .....	19
Trama "Geografia" .....	20
Entremeada "Educador" .....	20
Trama "FEUC: Letras e o início de uma jornada" .....	21
Trama "Sem beca e com Sendim" .....	22
Entremeada "Vou fazer Letras" .....	22
Trama "Entrelivros na biblioteca" .....	25
Trama "Um concurso de contos" .....	27
FIOS DE FORMAÇÃO NA PÓS ...	28
Trama "Especialização... em Linguística" .....	29
Trama "Especialização em Literatura Infantil nas veredas da PUC de BH" .....	30
Entremeada "Amigas nas salas, nas linhas e na vida" .....	30
Trama "Mestrado: <i>O olhar estampado no sofá - uma leitura semiótica da visualidade inscrita n'O sofá estampado</i> " .....	31
Trama "Doutorado: <i>Por uma arqueologia do leitor - perspectiva de estudo da constituição do leitor na narrativa literária</i> " .....	33
Trama "Pós-Doutorado: <i>Objetos insólitos - as representações espaciais e o fantástico em Objecto quase, de José Saramago, e em Objectos turbulentos, de José J. Veiga</i> " .....	36
FIOS DE ENSINO .....	38
Trama "Estágio & Pós-Estágio" .....	39
Trama "FEUC - Agora professora!" .....	39
Trama "Vamos para Porto Velho. Você vai amar o Rio Madeiral!" .....	40
Entremeada "Dos cabrais" .....	41
Entremeada "Muito trabalho" .....	42
Trama "Prohacap" .....	44
Trama "Pós na UNIR e na UFAC" .....	48
Entremeada "Amigos do Acre" .....	48
Trama "De mala, cuia, livros, mãe, filhos pras Minas Gerais" .....	49
Trama "Em outras IFES" .....	51
FIOS DE EXTENSÃO .....	52

Trama "Prosaleitura/UNIR" .....	53
Trama "Roberto Farias, CCPC & outros acontecimentos" .....	54
Entremeada "Roberto, AMIGO" .....	54
Trama "Teatro na UNIR" .....	56
Trama "CENAs na UFU" .....	57
Trama " <i>Lector in fabula</i> " .....	59
Trama "Fórum de projetos: teorias em foco" .....	60
FIOS DE PESQUISA .....	62
Trama "CEL da UNIR" .....	63
Trama "Intercampus: ponte Amazônia & Espanha" .....	65
Trama "Linhas, celas, magias e Paulo Freire" .....	66
Entremeada "Céu de estrelas" .....	67
Trama "GEADUNIR" .....	68
Trama "GPEA" .....	69
Trama "GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional" .....	71
Entremeada "Amigo do Rio" .....	71
Trama "Projetos CNPq" .....	72
Trama "Projeto A literatura em devir" .....	75
Trama "ICs da UNIR" .....	76
Trama "ICs da UFU" .....	77
Trama "Orientações de Mestrado" .....	78
Trama "Orientações de Doutorado" .....	80
Trama "Supervisões de Pós-Doutorado" .....	81
Trama "Artigos publicados em periódicos" .....	81
Entremeada "Labedisco & GPEA" .....	81
Trama "Capítulos de livros" .....	82
Trama "Livros organizados" .....	84
Trama "Publicizações orais das pesquisas" .....	85
Trama "Verbetes, prefácios, posfácios e outros" .....	86
Trama "Bancas de conclusão de trabalhos acadêmicos" .....	86
FIOS DE ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E TÉCNICAS... .....	87
Tramas "Na UNIR" .....	88
Tramas "NA UFU" .....	88
Tramas "Na CAPES" .....	89
Tramas "No CNPq" .....	89
Tramas "Outras..." .....	89
FIOS DA CONCLUSÃO NA FORMA DE TRÊS CARTAS E MUITOS SONHOS .....	91
FIOS DAS REFERÊNCIAS .....	101
FIOS TRAMAS DA VIDA .....	104

## FIOS INTRODUTÓRIOS - O PRIMEIRO ALINHAVO PARA OS FIOS E AS TRAMAS



O sentido-acontecimento é sempre tanto a ponta deslocada do presente como a eterna repetição do infinito.

Michel Foucault (2000, p. 89)

Uma questão mobilizadora de um memorial, talvez a principal, é aquela relacionada a “quem somos nós hoje?”, porque essa indagação – em tons foucaultianos – move-nos a puxar pelos fios da memória o “quem fomos nós” ao longo da história, dos acontecimentos, de tantos trajetos, desejos e tramas. O que somos hoje nos antecede e, para resolver a questão, pode ser necessário fazer como Jorge Luis Borges, no conto “O outro” (1999): dois Borges encontram-se sentados em um mesmo banco, o Borges de 1969 com o Borges de 1918. Os dois Borges convergem em um só espaço sem abandonar seus espaços de origem, pois um está em Genebra e o outro em Cambridge. Ambos fazem convergir e entrecruzar temporalidades diversas. Penso que isso seja próximo do que acontece na feitura de um memorial, ou seja, é mister que estejamos situados em um território espacial e temporal, o qual emerge da atualidade, e que, engendrando forças, aglutinemos estilhaços de outras espacialidades e temporalidades. O resultado é um território *heterotópico*, na forma de um rizoma de *memórias*, território composto de *rastros*, no qual os *acontecimentos* e as *experiências* emergem, fazendo surgir espaços de *subjetividades* com os quais a nossa história se constituiu.

Lancei nesse parágrafo de abertura algumas noções que são caras ao trajeto composicional deste Memorial – acontecimento, experiências, heterotopias, memórias e subjetividade – e por isso sinto-me instigada a abordá-las ao menos pontualmente, em se tratando do delineamento delas no tecido deste texto que começo a “fiar”.

Antes de tudo, pensemos nas metáforas relacionadas ao fiar que uso no título geral, nos títulos das partes que compõem o Memorial, e no texto como um todo. Sempre me fascinou o entrelaçamento da linguagem a formar desenhos, imagens verbais que desencadeiam imagens visuais; entrelaçamento que pode ser comparado ao processo artesanal do fiar, afinal o vocábulo “texto” origina-se do latim “*textus*” e significa “tecido” (FERREIRA, 1999, p. 1956). Roland Barthes faz uso dessa analogia em várias partes de sua obra, mas é em *O prazer do texto* que a explicita de modo mais detalhado:

*Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir*

a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha). (BARTHES, 2010, p. 74-5, grifos do autor citado).

Coloco em relevo o que Barthes faz questão de acentuar: não o caráter conclusivo da escrita, mas sua dimensão de constante movência e abertura. O sujeito escreva se faz e se desfaz pela/na teia da escrita, e assim é possível depreender que o tecido, formado de fios e tramas, que se entrelaçam perpetuamente, atua na construção de subjetividade daquele que escreve e que se escreve.

Sempre tive medo de aranhas, todavia sempre me fascinou o trabalho lento, meticuloso e artístico das teias que elas tecem. Frágeis tais quais o fio frágil de Ariadne, frágil, porém, indicador de saídas e de aberturas a novos espaços.

Curiosamente, meu padrinho, tio Mitinho, era alfaiate e minha madrinha, tia Antonieta, costureira. Tinha ainda a tia Mariazinha, costureira, que tentou me ensinar a costurar. Eu, de fato, nunca tive jeito com agulhas, alfinetes e tecidos, entretanto enveredei pelos tecidos de linguagem. Ana Maria Machado, em seu texto “O Tao da teia – sobre textos e têxteis” (2001), lembra o quanto os lugares de fiação e tecelagem eram no passado espaços predominantemente de mulheres, contudo os homens também se faziam presentes neles ao fim do dia para ouvir histórias. Assim, uniam-se mais uma vez a ideia de tecidos de costura e de tecidos de escrita em um único espaço: “um recinto que associava a criação de têxteis e de textos, os dois signos mais evidentes da condição humana frente aos animais” (MACHADO, 2001, p. 27). As imagens das mitológicas parcas, fiandeiras filhas da noite, reforçam o liame entre os fios e a existência/condição humana. Por considerar frutuosas essas analogias entre têxteis e textos, decidi trazer para este Memorial figurativizações que conduzirão o tecer da escrita: fios e tramas. Os fios constituem-se como instâncias basilares que irão nortear os enredamentos, as tramas; estas, portanto, abrigam as histórias/cenas tecidas pelos fios. E uma trama muitas vezes leva a outras tramas; a estas eu chamarei de “entremeadas”.

O tecido do Memorial resgata a minha subjetividade, colhendo cenas de espaços e tempos diversos. Nesse sentido, o Memorial que aqui se apresenta não segue uma linha necessariamente cronológica, seu movimento é descontínuo e sinuoso. Se se move por vezes sugerindo certa linearidade, enrola-se nos fios da memória, assume a forma incontinua, fragmentada e heterotópica de um labirinto. A heterotopia, afirma Foucault (2001, p. 418), “tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis”. Em função de essa trama tecer-se como um labirinto, decidi apresentá-la a partir de cenas. Em uma metáfora tecelã, podemos comparar tais cenas a tramas, espécies de *patchworks*, sim, peças de

variadas cores, formas e padrões, costuradas entre si, entretecidas, que formam desenhos e tramas singulares.

Conforme exigido pelas normas da Resolução 03/2017, procurei dividir este Memorial nas partes inerentes ao ensino, à pesquisa e à extensão, contudo, como se poderá verificar ao longo das tramas, essas instâncias se entremeiam e se enlaçam. Assim, a divisão entre ensino, pesquisa e extensão existe, mas pressupõe também o necessário contato entre elas. Não há, muitas vezes, como separá-las e, em função disso, ao mesmo tempo em que ocorrem disjunções entre as instâncias, em alguns fios lançados nas tramas elas voltam a se encontrar, a se conjugar.

As tramas que irão se desenhar ao longo deste Memorial são recolhidas da memória, em uma oscilação que une experiências e acontecimentos significativos; estes é que definem a movência das cenas que aqui se apresentarão. Retomo a epígrafe lançada no início deste momento introdutório para tratar da noção de acontecimento e para elucidar a razão de ela figurar como dispositivo importante da escrita deste texto. Foucault, em seu “Theatrum Philosophicum” (2000, p. 46-51), comentando Deleuze, define o “sentido-acontecimento” como sendo “sempre tanto a ponta deslocada do presente como a eterna repetição do infinitivo”. O acontecimento enquadra o futuro pelo passado e o presente é capaz de desenhar o futuro na sua própria forma. Emaranhado, entrelaçado. Fios que se cruzam. A memória opera a partir desses atravessamentos entre as temporalidades, cruzamentos de imagens significativas para aquele que rememora. O acontecimento, na perspectiva foucaultiana, abre-se como lugar da irrupção de uma singularidade única e aguda... espaço de experiência. Jorge Larrosa explica que a experiência não é o que simplesmente se passa ou o que acontece ou ainda o que toca, mas é essencialmente “o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca” (LARROSA, 2014, p. 12, grifos meus) de modo singular, atravessando-nos e constituindo-nos; portanto, é plausível afirmar que nossa subjetividade se move e se constrói não somente no momento da irrupção das experiências e dos acontecimentos, mas também no momento da sua escrita: “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2014, p. 11).

Os fios que conjugarão as tramas se iniciam com aqueles atinentes às leituras de mundo e depois se encaminham para aqueles inerentes aos acontecimentos e experiências acadêmicas, ou seja, mais diretamente à trajetória profissional mais específica a que se refere este Memorial. Considero os fios anteriores, das leituras de

mundo, imprescindíveis para compreender a construção dos fios posteriores e que dizem respeito aos movimentos que me permitiram tornar-me educadora e pesquisadora.

FIOS DAS LEITURAS DE MUNDO: EXPERIÊNCIAS  
COTIDIANAS E ESCOLARES



No jardim... irmãos, primas e cachorro!

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo.

Michel Foucault (1999, p. 5)

## Trama "Batata doce com livros"

A primeira imagem relacionada à minha área de atuação que me vem à lembrança é a da mesa da cozinha repleta de livros. As pilhas de livros de um lado e um prato com mandioca, batata doce e manteiga de outro. Era manhã de sábado. Atrás dos livros estava meu pai. Eram livros de eletricidade e de inglês. Naquela época ele atuava como eletricista no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Os manuais e livros de eletricidade, a maioria em língua inglesa, o levaram ao estudo laborioso e deleitoso dessa outra língua<sup>1</sup>. Eu me lembro de perceber nele um olhar de prazer pelo estudo, pela leitura. Ele me pegou no colo e me serviu café com leite e batata doce com manteiga. Bem próxima ao "sentimento de *madeleine*" proustiano é a sensação gustativa dessa batata doce com manteiga que me faz lembrar as imagens dessa lembrança que deve ter acontecido lá pelos idos de 1966:



---

<sup>1</sup> Entremeadada "Professor de Inglês": O baiano Antonio Gama Filho chegou ao Rio de Janeiro, como tantos outros nordestinos, para tentar a vida. Era eletricista, sonhador e curioso. Queria aprender mais e mais de sua área. Deparava com aqueles manuais escritos em inglês e passou a estudar por conta própria, comprava livros para com eles aprender. No meio de livros e da lida, entra para a Marinha no cargo de eletricista. Um dia, na hora do almoço, estava sentado em um canto, aproveitando o tempo para estudar. Com um livro de inglês no colo, ele ouve as palavras de um capitão: "Gama, o que está fazendo?" Ele responde: "Estudando!" E o capitão: "Pra quê?". Pois bem, aquele "pra quê?" doeu, mas foi decisivo para meu pai. Com boa parte do salário o Gama pagava um curso na Cultura Inglesa, onde estudou por cinco anos consecutivos. Anos depois o Gama entrou para a universidade e cursou a Licenciatura de Letras-Ingês. Formado na Graduação, fez um concurso e tornou-se professor de Inglês da Escola Técnica do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e vez ou outra ajudava os capitães na tradução quando das frequentes visitas de técnicos norte-americanos e ingleses. Posso dizer que herdei o seu jeito sonhador e a sua curiosidade; herdei igualmente a resposta ao "pra quê?" com muito estudo, trabalho e sonhos.

## Trama "Contos e cantares... levezas"

Qualquer oportunidade era boa para minha mãe contar histórias. Maria do Carmo Martins Gama sempre teve um jeito leve e alegre de viver. Agora que ela se foi, sinto com o pulsar das batidas de meu coração – que batem também ressoando a ausência dela em minha vida –, sinto de forma muito nítida aquilo que mais a definia. Poderia dizer que era a alegria. Era também, mas, antes, aquilo que incitava a sua alegria era a leveza. Leveza definia sua alegria e seu modo de contar e cantar. Ficava pensando onde ela guardava todas aquelas histórias... e toda aquela leveza. Muitas histórias eram de arrepiar... para contar nas noites sem luz. A energia falhava e a voz dela emanava narrativas repletas de magia... mas a magia melhor era a da sua voz a entretecer palavras, ritmos, imagens.

Além de contar, ela gostava de cantar. As canções que cantava também eram repletas de histórias... "Um pequenino grão de areia, que era um pobre sonhador, olhou pro céu, viu uma estrela e imaginou coisas de amor...". Parece-me que herdei – ou quero herdar – dela a sua leveza. Sim, às vezes sinto que vou ficando pesada, muito pesada, com as pressões do cotidiano, as angústias do mundo no meu entorno, entretanto nesses momentos procuro seguir a lição da leveza de Maria, minha cantora predileta, porém, como diria Paul Valéry (citado por CALVINO, 1990, p. 28), procuro "ser leve como um pássaro e não como uma pluma" e ter uma direção que me guie em minhas experiências reais e imaginárias.



## Trama "Entrando num Sítio"

Era uma tarde chuvosa. Dia de pagamento. Quando meu pai recebia seu salário, chegava mais cedo em casa. Passava no Centro do Rio e comprava doces e salgados árabes. Era um mimo para minha mãe e para os três filhos – eu, Paulo Cezar e Paulo Roberto. Entretanto, naquela tarde chuvosa ele não trazia doces e salgados, trazia um pacote grande envolvido em papel pardo. Consigo sentir o cheiro do papel molhado

até hoje, porque o cheiro me traz a lembrança da imagem que vi quando o papel foi retirado: um monte de livros de encadernação vermelha – era a coleção do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Até hoje quando sinto cheiro de papel molhado vêm-me à mente essa cena tão cara à minha formação de gosto pela leitura.

Aquele “monte” de livros teve o valor de boa parte do salário de meu pai. Apertamos as contas naquele mês e em outros, mas se apertamos de um lado, afrouxamos de outro... a minha imaginação passou a correr solta e eu lia, lia, lia. Sentia-me literalmente “no” *Sítio*. Entrei ali inúmeras vezes. Li toda a coleção, mas as *Reinações* e a *Chave do tamanho* foram relidas a perder da conta.



... e o *Sítio* me acompanha até hoje!

### Trama “Pisando no solo de *mirabilia*”

Esta memória relaciona-se aos períodos de minhas férias. Durante a minha infância e adolescência passávamos as férias no Guarujá em casa de um tio de terceiro grau de parentesco e de primeiríssimo grau de coração. Meu avô paterno também morava nessa ilha que àquela época era o nosso paraíso. Na casa do meu tio João Cruz havia, no escritório, uma estante com alguns livros e, dentre eles, um grande em extensão e em tamanho, cujo título era algo como *Contos de fadas do mundo inteiro*. Nessa lembrança o sentido encadeado é tátil, a gostosa sensação do meu corpo no tapete macio e felpudo, pois era ali o meu espaço de entrada para aquele universo de *mirabilia* dos contos de fadas. Lia incansavelmente. Sempre depois da praia e do almoço... boa parte da tarde meu corpo entrava nos “bosques da ficção”, recitando aqui o Umberto Eco (1994), e o tempo era simplesmente mágico – horas e horas pareciam minutos. Todo ano, quando eu voltava ao Guarujá, o mesmo ritual “*mirabilioso*” acontecia... e o livro era lido mais uma vez. Quantos anos? Não fiz a conta. Lembro-me de que até jovem eu o lia, só que o levava para o quarto e selecionava aqueles espaços de alguns contos que meu corpo queria visitar.

## Trama "Um certo professor-homem comunista"



Quando eu cursava o antigo Primário, uma novidade aplacou o Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa: um professor-homem (A redundância aqui colocada eu a recolho da memória, pois era assim que a comunidade escolar – docentes e discentes – se referia a ele, ao Professor Francisco. O único homem professor do colégio e que foi designado para lecionar na minha turma). E esse sujeito, que fugia à normalidade pelo fato de ser homem, também transgredia outras normas pelo fato de levar um violão todas sextas-feiras. Nessas aulas com violão ele nos ensinava a cantar uma canção e dizia que nela havia poesia; no ritmo da canção, ele nos educava à leitura de poesia, à leitura de literatura, mostrando que ali não havia um só sentido, apenas uma forma de ler, mas ali os caminhos se abriam para as variadas interpretações<sup>2</sup>. Do rol de músicas, lembro-me com perfeita exatidão de cenas vivas de a gente cantar com ele “*I wanna go back to Bahia*”, de Paulo Diniz<sup>3</sup>. Uma linda memória auditiva! Éramos um coral empolgado, a música começava a me fascinar.

Assim como intermediava o nosso encontro com canções, mediava também nosso contato e diálogo com os livros de literatura. Agora entendo muitos dos seus

---

<sup>2</sup> **Entremeadada "Interpretação"**: Há escritores e professores que compreendem o quanto é imprevisível a trajetória interpretativa e por isso delegam ao leitor o direito e o prazer de inventar os caminhos de tal trajetória, como nos explica Fernando Pessoa no poema *Isto*, do qual transcrevo a última estrofe: “Por isso escrevo em meio/ Do que não está ao pé,/ Livre do meu enleio,/ Sério do que não é,/ Sentir, sintam quem lê!” (1980, p. 104). Os sentidos da interpretação, como assinala Pessoa, devem ser arquitetados pelo leitor, pois o eu-lírico libera-se do “enleio” de um sentido único, pois entende que o dito já prenuncia o não-dito e assim o faz porque sabe que a sua voz, ela mesma, é uma vertente interpretativa em meio a tantas outras. O enunciado existe e inscreve alguns prováveis canais de interpretação, mas as posições ocupadas pelos intérpretes definem direções dos sentidos. Por isso, cabe perguntar quem faz a interpretação e em que lugar ele se situa. Foucault nos ensina que “o princípio da interpretação não é mais do que o intérprete” (2000, p. 62). Cada intérprete, por sua vez, – e agora chamamos a voz de Italo Calvino – é “uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (1990, p. 138).

<sup>3</sup> Somente muitos anos depois eu soube que Paulo Diniz havia feito aquela música para Caetano Veloso, que se encontrava exilado.

procedimentos relativos à socialização das leituras. O que ele fazia era um letramento literário muito antes de Graça Paulino (2017) ter cunhado esse termo. Ele nos oferecia o livro – repleto de palavras – como um presente e depois tínhamos que retribuir essa doação afetuosa com nossas palavras. Palavras trocadas, palavras pensadas, muitos diálogos. Essa experiência com as palavras lidas e ouvidas nas aulas do professor-homem faz-me lembrar vivamente algumas palavras de Jorge Larrosa:

O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. E lê também escutando a si mesmo e aos outros. O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz que ele empresta é também sua própria voz, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada (LARROSA, 2000, p. 141).

Francisco foi o primeiro professor a trabalhar efetivamente a leitura no decorrer da minha trajetória de estudos antes da universidade e a trabalhá-la exercendo as três escutas de que fala Larrosa. As leituras que eu fazia aconteciam por conta própria, muito incitada pelo afeto da minha mãe e pelo exemplo do meu pai, todavia na escola... só, de fato, com o professor-homem. Foram vários passeios que fizemos com ele. *A ilha perdida*, de Maria José Dupré, foi uma aventura que fiz com ele e meus amigos da sala e depois fiz várias vezes sozinha, porque eu amava entrar na floresta daquela ilha, tão misteriosa, e ficar lá. Os espaços nas narrativas sempre me fascinaram e mais tarde eu me tornaria uma pesquisadora deles. Lemos com ele também *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (Achava tudo ali tão fascinadamente simbólico! Na época eu não dizia simbólico, mas que tinha imagens mágicas); *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, incitou-me a chorar com as tristezas – e também com as alegrias – de Zezé. Identificava-me com seu imaginário tão potente! Enquanto pesquisadora e professora de literatura infantil entrei em contato com as ideias do uruguaio Jesualdo (1985) e pude perceber como nesse romance, *O meu pé de laranja lima*, há o trabalho majestoso com o caráter imaginoso e com o dramatismo.

O professor-homem também lia contos em voz alta e pedia que o ajudássemos nessa atividade com as nossas vozes. Com ele lemos muitos contos; alguns deles mais tarde eu trabalharia em minhas aulas de literatura, como “Uma galinha”, de Clarice Lispector, “Um apólogo”, de Machado de Assis, e “Fita-verde no cabelo”, de João Guimarães Rosa. Esse último entristeceu-nos: a morte! Me lembro de ele ter feito de forma muito apropriada uma leitura comparada entre esse conto e o dos irmãos Grimm. Mas a morte da avó! E contada de modo tão brusco e poético que chegava a gelar

depois de lida a última palavra! E o lobo? Existia? Não existia? Era apenas uma sombra ou sua forma concreta poderia colocar-nos em risco?

As aulas eram tão prazerosas, entretanto percebíamos aqui e ali algumas contrariedades em relação ao nosso professor. Depois da aula em que ele cantou conosco "*I wanna to go back to Bahia*", a supervisora conversou muito com ele. Escutamos ela falando que se ele quisesse cantar era para escolher outras músicas e de preferência músicas de crianças. Lembro-me de ela ter falado aquilo gritando na porta da sala. (Eu pensei de imediato: "*I wanna to go back to Bahia*" não pode ser música de criança? Anos depois, enquanto educadora e pesquisadora da área de Literatura infantil e juvenil, passei, por meio de teorias, a questionar se há mesmo necessidade de adjetivos para determinar e qualificar a literatura).

Depois desse episódio, volta e meia víamos o rosto da supervisora a espiar o que se passava naquele nosso espaço da sala de aula. Pelos corredores ouvíamos nossos colegas de outras turmas falando que nosso professor era comunista. De professor-homem ele passou a ser chamado de professor-comunista. Como as pessoas gostam de rótulos, estereótipos...

No ano seguinte Francisco já não estava mais lá na nossa escola.

Muitos anos depois li *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, e entrei em contato com a professora e a sua maleta. Depois da leitura pensei: a maleta do Francisco era o seu violão? Ou simplesmente o seu jeito de trabalhar a literatura e as outras matérias ensinando-nos gentileza, humanidade, leveza?

### Trama "Pra 'ser' a banda a passar"

E a música voltou à minha vida escolar, porém de modo mais efetivo, através de minha participação em coral e em banda de música. Na quinta série mudei de escola e nesta havia um maestro que regia a banda e o coral. O Mestre Aniceto, assim se chamava o maestro, era amigo do meu pai, que lecionava Inglês à noite naquela escola. Meus irmãos já estudavam naquela escola, tocavam pistom na banda e cantavam no coral. Eu também entrei logo para o coral, cantando como contralto, e comecei a aprender saxofone alto com o instrumento que pertencia à escola. Meu pai um dia (um daqueles dias de salário, quando ele chegava mais cedo) trouxe um enorme embrulho, como aquele da coleção do *Sítio*. Era uma tarde de sol e o embrulho foi aberto. O sol, que entrava pela janela da sala, logo bateu na superfície prateada de um saxofone! O brilho reverberou pela sala e pousou dentro dos meus olhos. Meu pai havia deixado na

loja mais outra vez uma parte boa do seu salário. Ele tinha um quê quixotesco e amava a arte. Quando meu padrinho<sup>4</sup> chegou em casa ficou feliz com nossa alegria e disse que o sax seria um presente seu. Deu o dinheiro ao meu pai e as finanças normalizaram. Aprendi a tocar e um ano depois passei a ajudar o Mestre Aniceto a ensinar os novatos nos saxofones e nos outros instrumentos de palheta. Eu gostava de experimentar outros instrumentos que não os de palheta, especialmente a flauta transversal, porém o Mestre sempre me advertia: “Vai perder a embocadura! Volta para o sax! Volta para a palheta!”. Mas eu já gostava de transgredir... e continuava, quando estava sozinha na sala da banda, a exercitar-me com a flauta.

A banda tocava nos desfiles da cidade, em quermesses e festas afins. Era uma banda de escola, porém bastante requisitada para acontecimentos extraescolares. Tocávamos inclusive em outros municípios. Muitas vezes fazíamos espetáculos duplos: banda e coral. No desfile de Sete de Setembro havia um campeonato de bandas e a nossa ganhava todo ano, porque o Mestre Aniceto inovava continuamente com músicas nada convencionais (em se tratando de banda escolar). Ele transformava em marchinha músicas da *Hit Parade* – da música *pop* ao *rock*, misturando acordes de música clássica. Um grupo seleta da banda – dos mais velhos – também tocava em bailes de Carnaval por todo o Estado do Rio de Janeiro e às vezes em outros Estados vizinhos.

Comecei a aprender piano. Como é difícil coordenar as duas mãos em movimentos diferentes! Estava começando a aprender, mas o Mestre foi transferido para Ponta Porã pelo Exército e deixou comandando a banda e o coral o seu filho mais velho. Meu aprendizado de piano foi interrompido e não retomado.

Apesar de a banda ter uma relação próxima com uma ordem quase militar (O Sete de Setembro e os passos ritmados à maneira dos soldados) e ser comandada por um maestro que era militar, ela fugia de uma visão muito reta do mundo, em função das músicas que tinham a ver conosco, com a nossa juventude, bem como pela forte amizade entre nós, uma rede de afeições próxima a uma família. Saí da banda e do coral quando terminei o Curso Normal. Mesmo depois de entrar para a universidade continuei tocando sax em casa, para me distrair, tirando músicas “de ouvido” e passando-as para partitura, mas às vezes vinha a preguiça e então tirava as músicas e as guardava em mim. O processo foi ficando fragmentado, quebrado. Até que comecei a trabalhar e os

---

<sup>4</sup> [Entremeada "Padrinho querido"](#): O irmão mais novo do meu pai, meu padrinho, Hamilton Santos Gama, morava conosco. Durante a semana, ficava na Tijuca e na sexta-feira à noite ia para nossa casa, ficando até segunda-feira. Alfaiate de profissão e tio mais querido do coração. Ele cobria a mim e aos meus irmãos de carinhos, nos levava a passeios, nos ensinava bondades. Depois casou-se e me deu para batizar sua primeira filha. Levo e levarei sempre em minha lembrança o seu sorriso lindo! (Ele sorria por dentro e por fora).

meus encontros com o sax foram se rareando mais e mais. A música – praticada/exercida – ficou para trás, entretanto sempre forte na lembrança.

## Trama "Geografia"

Antes de eu começar o Curso de Letras, o contato mais prazeroso e efetivo (em se tratando da leitura realizada como um processo) só ocorreu pelas mãos do professor-homem ou professor-comunista. As outras experiências com o livro literário que tive com outras professoras eram fragmentadas e destituídas de sentido: ou se lia o livro para responder questionários objetivos de interpretação ou para responder questões referentes à gramática e ao uso da norma padrão. Os questionários de interpretação eram objetivos porque apontavam para uma única e exclusiva resposta, muitas vezes a ser respondida na modalidade de múltipla escolha, no qual só se admitia uma resposta apenas. Mas o professor Francisco já havia me ensinado a ler literatura, a procurar "buracos nas palavras", porque as palavras na literatura, assim eu entendia naquele tempo, não são retas, elas possuem um fundo, muitas vezes bem fundo, de onde sai mais de uma possibilidade de interpretar... de ler! Contudo, as outras professoras e professores queriam nos fazer crer que as palavras da literatura eram retas. Diante disso, perdi a vontade de me encantar com as leituras literárias nessas minhas tramas escolares. Continuei lendo em casa, deixando minha paixão pelos livros me conduzir a espaços variados e mágicos.

Entretanto, uma outra disciplina me encantou profundamente, a Geografia, e isso se deveu especialmente ao professor que a ministrava<sup>5</sup>. O Professor Lourival lecionava

---

<sup>5</sup> **Entremeada "Educador"**: Nesta entremeada movo-me a refletir sobre a importância do professor, daquele que, aliás, faz muito mais do que ensinar, ele ensina educando... o educador. Na trama sobre o professor de Geografia isso fica claro, como ficou, penso eu, quando contei a trama do professor-comunista. Dois educadores. Depois falarei de outros educadores nas minhas tramas referentes à universidade. Paulo Freire, o filósofo da educação consagrado mundialmente, mostrou-nos em sua *Pedagogia da Autonomia* (1996) alguns saberes necessários à prática de um educador. Relaciono esses saberes ao professor Francisco, que me ensinou a ler literatura, ao professor Lourival, que me ensinou a ser atenta com a importância dos espaços, e a outros educadores plenos que me forneceram fios para eu formar as minhas tramas. Esses educadores me ensinaram, com suas práticas, a me tornar a educadora que fui anos depois. Não trarei aqui todos os saberes de que trata Paulo Freire, no entanto alguns que considero primordiais para a atividade da docência. O primeiro desses saberes é o de que não há docência sem discência, ou seja, o educador deve sempre colocar-se na posição do aluno e estar disposto a aprender sempre, continuamente. E esse "aprender sempre" relaciona-se a outro saber: o da necessidade da pesquisa na prática do educador, uma vez que sua docência depende da pesquisa; logo, não existe docência sem pesquisa. Em sua relação com os alunos, alguns saberes necessários são o respeito que o docente deve ter com os saberes dos alunos e a constante necessidade de instigar a curiosidade deles – a curiosidade ingênua deve ser transformada em curiosidade epistemológica. Outro saber se refere à condição do professor e do aluno: a sua incompletude; a assunção da incompletude vincula-se à assunção da humanidade. Por último, quero lembrar um saber muito importante, o de que ensinar exige ética e estética. Escutemos Paulo Freire (1996, p. 36-7): "A necessária promoção da

Geografia de uma maneira tão científica e mágica que me fascinava. Ele nos fazia ver outros espaços diferentes daquele que habitávamos, como se estivéssemos lá, do outro lado do mundo muitas vezes; nos levava a pensar nas diversas culturas, algumas tão distantes das nossas. Enfim, viajávamos com ele, mas não silenciosamente, porque nos incitava ao diálogo ao longo de toda a aula, nossa curiosidade era fortalecida e não tínhamos vergonha de perguntar nada por sabermos que nossa palavra seria respeitada.

Muitos anos após, depois de pesquisadora formada e professora em universidade, atei a Geografia aos estudos literários ao estudar o espaço ficcional e sua contribuição para a geração de sentidos na literatura.

### Trama "FEUC - Letras e o início de uma jornada"



Após terminar o Curso Normal, fiz o vestibular no sistema CESGRANRIO (Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio) e optei para Comunicação na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e também prestei o vestibular para Letras-Literatura na FFCG (Faculdade de Filosofia de Campo Grande) da FEUC (Fundação Educacional Unificada Campograndense), na qual meu pai havia cursado Letras-Inglês. O resultado da FEUC foi divulgado primeiro. Fui até a FEUC com meu pai. Olhei a lista dos aprovados e não encontrei o meu nome. “Não passei, pai!”. Ele ajeitou os óculos, olhou e logo na sequência falou: “Seu nome está bem aqui em cima, é o primeiro. Primeiro lugar!”. Foi uma das grandes alegrias que dei a ele. Seus olhos brilhavam como os de um menino abrindo um presente muito desejado – sua filha estudaria no lugar onde ele havia estudado e compartilharia talvez algumas memórias e alguns sonhos.

---

ingenuidade a criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. [...] Educar é substantivamente formar”. Devo a Paulo Freire e aos excelentes educadores que passaram pela minha vida a minha paixão pela docência.

Na FEUC, engajei-me nas lutas políticas daquele momento, dirigi um jornal com dois companheiros de curso, fiz livros de poesia, participei da comissão organizadora de alguns eventos e dediquei-me ferrenhamente às aulas, especialmente às de Literatura.

Meu círculo de amizades compreendia amigos de variados cursos: das Letras, das Ciências Sociais, da Filosofia, da História e da Geografia. Esses diálogos transdisciplinares fomentaram não só a produção do jornal, como também serviram de mote para pequenos eventos que privilegiavam o olhar sobre a literatura partindo do foco de outras áreas.

Do grupo da Geografia fazia parte Sandra; nossa amizade nasceu ali e se estreitou com os anos dentro e fora da universidade. Hoje somos amigas e comadres. Nas minhas andanças pelo Brasil – Rio, Porto Velho, Assis, Araraquara, Uberlândia –, Sandra sempre vai ao meu encontro visitar-me, e sempre rememoramos com prazer o delicioso tempo de FEUC com nossos amigos e professores.

Minha opção pelo Curso de Letras em detrimento do Curso de Comunicação definiu meus horizontes. Dei uma alegria imensa ao meu pai, mas dei a mim um futuro frutuoso, porque hoje não consigo me imaginar sem a docência e sem a pesquisa<sup>6</sup>.

### Trama "Sem beca e com Sendin"

Foram quatro anos repletos de atividades. No último ano, assumi menos compromissos depois que meu pai faleceu (uma bala perdida pelos céus do Rio o levou bruscamente). Chegou a época de minha formatura e entristeci-me imensamente porque me dava conta de que meu pai não estaria lá naquele momento tão importante. Penso que ele, mais do que eu, sonhara tanto com aquele momento. Não consegui preencher o vazio deixado pela sua ausência e essa sensação lacunar, de vazio fundo, invadiu todo

---

<sup>6</sup> **Entremeada "Vou fazer Letras"**: Nesta Entremeada dou um salto de duas décadas. Vou a Porto Velho. Estou em um domingo no meu escritório preparando as aulas da semana. Meu filho, Lucas, senta no chão, olha para mim e fala: "Vou fazer Letras!". Ele estava no terceiro ano do ensino médio e era tempo dessas decisões, porém até então ele não havia mencionado tendência para a escolha de Letras. Dias depois, eu e meu querido amigo Roberto Farias fomos à escola onde Lucas estudava. Era uma escola municipal que funcionava em parceria com uma ONG (Organização Não Governamental) italiana e por isso a diretora era uma freira, irmã Carmem. Esta, quando nos viu, chamou-nos à sua sala e externou o quanto admirava o Lucas, um dos melhores alunos de toda a escola e, por isso, disse ela: "ele poderia escolher tantos outros cursos de mais *status*, como Medicina, Engenharia... e ele escolheu Letras!". O pensamento da irmã Carmem condizia com o que pensa grande parcela da sociedade, que não valoriza o exercício da docência. Eu e Roberto rimos um para o outro e depois para ela. Parece que somente naquele momento ela lembrara que eu e Roberto éramos professores do Curso de Letras. Ela riu sem graça e depois disse que, enfim, era a vontade dele. Eu lembrei a ela que sem o professor não haveria o médico, o advogado, o engenheiro... E Lucas fez Letras!

o espaço onde estava sendo realizada a cerimônia da Colação de Grau. Eu estava sem beca, havia me recusado a vestir aquilo para cumprir uma simples formalidade. Só eu e Jorge, um grande amigo da turma, estávamos quebrando aquela formalidade de vestuário. Desde o início do meu curso era meu projeto não vestir a beca na Colação; em minha visão era apenas um rito sem sentido – a formação se concretiza na prática e não na roupa que se veste na cerimônia. Dias antes a coordenadora tentou me convencer e eu disse que eu vestiria beca somente se fosse obrigada a isso. “Eu sou mesmo obrigada?” Não, eu não era... e não fui de beca. Na mesa oficial de Colação estava o patrono de nossa turma, o Professor Edson Sendin Magalhães, que havia lecionado Teoria Literária durante o nosso primeiro ano de curso. Ele nos fascinou desde o primeiro encontro, quando entrou na sala declamando alguns poemas de Fernando Pessoa, de Carlos Drummond de Andrade e outro(a)s poetas. O que trançava os poemas em uma linda e significativa rede era seu tom metadiscursivo – todos eram metapoemas, os quais tinham naquele momento a função de instigar nossa reflexão sobre Literatura. Ele ia declamando, passando entre as carteiras e entregando uma folha mimeografada com aqueles poemas que invadiam a sala sonoramente. Suas aulas – literalmente todas – tinham sempre o texto literário como seu centro; e é assim que eu faço também em minhas aulas, porque em todas a literatura tem o seu lugar central.

Parece óbvio dizer que uma professora de literatura coloque como centro de suas aulas a literatura, mas não é, pois sabemos que infelizmente em muitas aulas de literatura trabalha-se com a crítica literária ou a teoria literária sem a presença do texto literário. Por exemplo, em uma aula de Teoria Literária, na qual se estudam noções que dizem respeito à literatura, o professor ou professora deve trazer o texto literário como ponto de apoio para a discussão de tais noções. Numa aula de Literatura Brasileira, pode-se trazer a historiografia e a crítica literárias, mas elas devem estar relacionadas à leitura do texto literário. Esse foi um legado do Sendin em minha trajetória docente; o segundo legado foi o gosto pelo enlace de vários autores e/ou vários textos em torno de um tema, um olhar da multiplicidade. Uma vez indagado em sala sobre esse novelo que ia tecendo de autores, textos, ideias, ele disse que fazia isso porque a literatura era assim: múltipla, nela cabe todo o mundo e algo mais. A literatura é feita de tensões e relações, pontos que atam e outros que desatam, uma rede, um “aranzel” que forma um novelo. Italo Calvino encerra assim a parte dedicada à multiplicidade das suas *Seis propostas para o próximo milênio*:

Chego assim ao fim dessa minha apologia do romance como grande rede. Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que o *self* de quem escreve, a

sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1990, p. 138, grifos do autor citado).

Anos mais tarde li as *Seis Propostas* do Calvino e lembrei-me do Sendin! Aliás lembrei-me de toda minha trajetória, tecendo redes, como a que faço aqui agora. Nada mais significativo para o meu Memorial que ele se teça como uma grande e múltipla metáfora de redes, tramas, aranzéis, que indicam o sinuoso e desafiador caminho da multiplicidade. Fiz isso em minha tese de Doutorado, conforme veremos adiante.

Há um terceiro ensinamento de Sendin que se alastra em minha trajetória acadêmica – em todos os momentos, como um refrão (teórico), que me define; trata-se da belíssima e necessária *Aula* (1988), de Roland Barthes. Se tem uma coisa difícil de definir essa coisa é a literatura, devido inclusive à sua rica multiplicidade e à constante movência das condições de produção e de recepção; entretanto ali, em *Aula*, há traçados e contornos que nos indicam de forma poética como podemos compreender o literário por meio de três grandes forças: a *mimesis*, a *mathesis* e a *semiosis*. Barthes e Sendin (de modo indireto, sendo esse “indireto precioso”) estão em minhas aulas da Graduação e da Pós-Graduação, encontram-se nos meus encontros de orientação, passeiam pelos meus ensaios, artigos, comunicações, conferências...

Além do Sendin, outros dois mestres da Graduação deixaram alguns fios que foram por mim puxados para se somarem ao enredamento de minha docência na área da literatura: os professores Francisco Venceslau dos Santos e Florêncio Pinto da Rosa. Venceslau ministrava aulas de Literatura Brasileira e foi quem me ensinou a ler Machado de Assis com maior perspicácia e prazer, e Florêncio me conduziu ao fascínio pela cultura e literatura portuguesas, especialmente pelas poéticas vertiginosas, cerebrais e mágicas de Luiz Vaz de Camões e Fernando Pessoa.

Voltamos agora à cena da Colação de Grau e nela encontramos Sendin um pouco incomodado com aquela formalidade toda. Antes de encaminhar-se para a composição da mesa falou, sorrindo, comigo e com Jorge, os únicos sem beca: “Transgressão até aqui?”. Depois, quando já estava na formalidade da mesa, de vez em quando lançava sorrisos irônicos para nossa turma. Mas na hora do discurso do Sendin foi que aconteceu mesmo a transgressão. Iniciou falando do seu contato conosco atravessado pela força a um só tempo prazerosa e séria da leitura do texto literário; falou do papel da universidade em nossa formação e no fim dirigiu seu discurso para a

reflexão sobre a encampação necessária da instituição pelo Estado, primeiro de modo apenas sugerido, mas depois misturando metáforas e palavras diretas. Foi um alarde. Praticamente a Colação ficou em suspenso. Terminou declamando “Mãos dadas”, de Drummond, e sentimos como se ele abraçasse a cada um demorada e carinhosamente.

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,  
a vida presente. (ANDRADE, 2005, p. 59).



### Trama “Entrelivros na biblioteca”

Depois que meu pai faleceu, quando eu ainda estava cursando o último ano da graduação, decidi que deveria procurar um emprego, porque nossos recursos financeiros haviam diminuído, em função de a pensão inicial que minha mãe recebia da Marinha ser bem menor do que o salário que o meu pai recebia. Tive a sorte e a felicidade de uma amiga minha trazer-me a notícia de que a Biblioteca dos Empregados da *Light*, onde ela trabalhava, precisava de uma pessoa para organizar os livros, catalogá-los quando havia compra, atender os leitores e auxiliar na organização de eventos que a biblioteca promovia – todos ligados à literatura e outras artes, como encontro com autores, lançamento de livros, exposições de pintura. O salário era curtíssimo, como estagiária, mas já seria suficiente para complementar a renda e, o que seria melhor, era um emprego dos sonhos, pois ficaria rodeada de livros e trabalharia com arte!



O prédio da *Light*, na Rua Larga (Av. Marechal Floriano), era belíssimo – antigo e majestoso, pertinho da Central do Brasil; nele eu tinha a sensação de deslocar-me no tempo<sup>7</sup>. A *Light* possuía outras bibliotecas espalhadas pelo Rio de Janeiro; aquela onde eu trabalhava era a Biblioteca Central da *Light* e por isso havia mais serviço. Como ela era a maior unidade e possuía mais livros, recebíamos pedidos de outras unidades. Eu trabalhava de 10h às 16h, e eram seis horas muito prazerosas. Em geral, os leitores liam *best-sellers*. Sidney Sheldon era o campeão de retiradas; havia lista de espera para os livros dele. Outros autores muito procurados eram Agatha Christie, Danielle Steel, Ken Follet e, para a minha alegria: Umberto Eco, com o seu *O nome da rosa*. Eu conversava muito com eles e, com respeito e muito delicadamente, procurava inserir novos livros em suas vidas. Às vezes dava certo!

A Biblioteca ficava razoavelmente próxima à Biblioteca Nacional, o que me dava condições de ser frequentadora assídua dessa que é uma das mais belas bibliotecas do mundo. Fazia minhas pesquisas lá. Era fabuloso, porque tudo aquilo de que eu precisava ou que eu desejava ler havia lá. Meus amigos achavam engraçado eu sair de uma biblioteca e ir para a outra. Não me cansava de estar entre livros, entre textos, entre tramas.

Os funcionários da Biblioteca dos Empregados da *Light* procuravam-me muito para retirar livros para os filhos e dessa parte eu gostava imensamente! Havia de dois em dois meses um sábado de leituras e outras atividades no saguão do prédio. Era muito instigante porque os funcionários levavam suas famílias e fazíamos rodas de leitura. Eu lia em voz alta contos e desde aquela época acreditava que literatura não tinha que ter adjetivos. Lia contos dos livros de Câmara Cascudo e ao redor de mim estavam crianças, jovens e adultos. Dias antes eu fazia uma seleção daquilo que eu ia ler, bem como ensaiava entoações, pausas e gestos. Nosso chefe um dia me segredou que aqueles sábados nunca tinham tido graça e que agora alguns funcionários pediam

---

<sup>7</sup> Nesse Prédio hoje funciona o Centro Cultural *Light* (inaugurado em 1994), o qual englobou os projetos artísticos e culturais que já aconteciam na década de 1980.

que eles passassem a ser mensais. Mas alguns meses depois fui ser leitora e professora na Amazônia.

### Trama "Um concurso de contos"<sup>8</sup>

Um ano depois de terminada a Graduação, nas horas vagas, entre cursar as disciplinas da Especialização, dar aulas na FEUC e trabalhar na Biblioteca, eu me arriscava na escrita de poemas e contos. Depois deixei essa prática da escrita criativa, parece que o encontro com as teorias me deixou muito exigente em relação à minha própria escrita. Sim, mas naquela época eu escrevia até que com certa frequência. Quando terminei a escrita de um conto, minha amiga Inês leu e me disse que eu poderia enviá-lo para um concurso de contos que iria ocorrer na cidade de Franca, interior de São Paulo. Ela também iria submeter um seu e ofereceu-se para colocar nossos contos nos Correios. Praticamente eu havia me esquecido da inscrição no concurso quando recebi uma carta informando que meu conto havia sido premiado com a menção honrosa e convidando-me a ir à cerimônia dos prêmios. Meu prêmio foram cinco livros. Parece pouco ter sido menção honrosa e ter como prêmio livros, entretanto fiquei imensamente feliz.

Minha mãe e minha amiga Inês incentivaram-me a ir a Franca receber o prêmio. Foi uma viagem ímpar. Era o ano de 1985. Saí do Rio no finalzinho da tarde e cheguei lá bem cedinho. Na Secretaria de Cultura, fui recebida pelo Secretário. A cerimônia seria à noite. Durante o dia ele fez um passeio turístico conosco – eu e os demais premiados – pela cidade: pelas fábricas de sapato, pelos pontos turísticos e... pelo cemitério. Pois é, o Secretário era um amante de esculturas e nos segredou que lá estavam as mais bonitas, e não é que ele tinha razão? À noite a cerimônia teve a parte bem oficiosa, mas depois um coquetel fascinante regado a muita música clássica. Voltei para o Rio com os livros que ganhei como prêmio e com um olhar renovado sobre o mundo não só em função do evento propriamente dito, porém por ter conhecido o interior de São Paulo e me encantado por aquelas paragens. Anos mais tarde faria meu Doutorado muito próximo dali, em Araraquara. A viagem foi uma experiência ímpar, constituindo minha trajetória, minha subjetividade.

---

<sup>8</sup> O conto foi publicado no ano de 1991 no número 2 da Revista *RE-UNIR*, periódico acadêmico-científico da Universidade Federal de Rondônia.

## FIOS DE FORMAÇÃO NA PÓS...



Abrço de dupla das amigas Maria Calixto e Roselene, depois da defesa.

O estudo só pode surgir quando as respostas não saturam as perguntas, senão quando são, elas mesmas, perguntas; quando as palavras não preenchem o silêncio, senão quando são, elas mesmas, silêncio.

Jorge Larrosa (2000, p. 205)

Como estou falando em processos e experiências que nos atravessam e nos subjetivam, transformando não somente nossos conhecimentos, mas também nossa percepção humana, dedico um espaço a cinco experiências de aprendizado: Especialização em Linguística, Especialização em Literatura Infantil, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. As segunda e a terceira foram realizadas na época em que eu era professora da UNIR (Universidade Federal de Rondônia) e, na última, eu já atuava como professora da UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Vamos a elas!

### Trama "Especialização... em Linguística"

Pois é, minha primeira Especialização foi em Linguística. Acontece que eu havia terminado a Graduação e fui logo depois convidada a dar aulas como professora substituta de Teoria da Literatura na universidade onde me formei. Um dos professores de Teoria da Literatura havia entrado de licença e surgiu uma vaga nessa área. Alguns ex-professores indicaram o meu nome e lá estava eu na entrevista para o cargo de professora numa graduação. Até então havia trabalhado em duas escolas: uma com o ensino fundamental e outra com o ensino médio. A coordenadora do Curso de Letras e suas diversas Habilitações (a mesma que conversara comigo sobre a beca) disse primeiramente que estava feliz por ter uma ex-aluna assumindo aulas; depois ponderou que seria uma tarefa bem difícil pela falta de experiência na docência superior etc. etc. etc.; em terceiro lugar, informou que a UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) iria oferecer a partir do mês seguinte cursos de Especialização oferecidos pelo próprio corpo docente e que, na nossa área, seria o de Linguística. Eu perguntei se não haveria mesmo nenhum em Literatura. E não, ao menos logo de início, não haveria. Aconselhou-me a cursar a Especialização. Fiz o curso ao longo de um ano e meio, e não me arrependi, porque foram vários saberes aprofundados sobre a linguagem. No curso, afinei-me mais às disciplinas ministradas pelo Professor Sebastião Josué Votre e com ele fiz minha monografia.

## Trama "Especialização em Literatura Infantil nas veredas da PUC de BH"



No início dos anos 1990, quando eu já fazia parte dos docentes do Curso de Letras da UNIR, chegou até nós a notícia do curso de Especialização em Literatura Infantil na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Belo Horizonte, que seria coordenado pela Professora Maria Antonieta Antunes Cunha. Eu, Aracy Alves Martins e Carla Martins, professoras da UNIR, ingressamos naquela turma – e agora me dou conta de que éramos três Martins! Sonia Sampaio também foi conosco, mas para o curso de Literatura Brasileira, e Roberto Farias para o curso de Linguística. Além de nós, professores da UNIR, foi conosco Mara Genecy (que hoje também integra o quadro docente da UNIR) para fazer o curso de História<sup>9</sup>. Os cursos aconteciam nas férias de julho e de início de ano. E lá íamos nós, numa caravana cansativa, mas deliciosa. Uma viagem de ônibus que durava dois dias e meio! Em meio a tantas conversas e expectativas e desejos, atravessávamos o chão do Brasil e nossa amizade ultrapassava os limites do comum, ampliava-se e reinventava-se a cada viagem de ida e de volta, a cada partida de buraco nas noites na casa de Dona Rosa, mãe de Aracy, a cada passeio em Belo Horizonte e nos momentos de intervalos entre as aulas. Sim, porque não cansávamos de nos ver; se nos sobrava um tempinho, nos encontrávamos para dizer das saudades de nossas famílias ou falar sobre alguma descoberta feita nas páginas dos livros que líamos.

No curso de Especialização, vivi muitos aprendizados e experiências que definem até hoje o meu olhar sobre a Literatura infantil e juvenil. A disciplina com Antonieta Cunha abriu-nos a compreensão acerca da definição sobre a Literatura infantil, problematizando sua relação tensa com a Pedagogia, bem como a sua restrição

---

<sup>9</sup> Entremeada "Amigas nas salas, nas linhas e na vida": Conheci Sonia Sampaio e Mara Genecy quando ambas eram alunas na UNIR. No ano em que comecei a dar aulas na UNIR as duas estavam terminando as suas Graduações – Sonia em Letras e Mara em História. Tornamo-nos amigas. Nossa amizade se estreitou quando do projeto com as escolas das linhas (do qual trato em uma das Tramas), no contato com aquela experiência tão desafiadora. Sonia hoje é amiga e comadre. E tive a honra de co-orientar a tese de Doutorado de Mara sobre os espaços cimiteriais em Porto Velho.

a um público definido. Com o querido Professor Edmir Perrotti fomos um pouco à história dessa literatura no Brasil e no mundo, e também aprofundamos nossa compreensão tão necessária acerca do discurso estético e do discurso utilitário. As professoras Vera Casa Nova e Graça Paulino nos ofereceram experiências espetaculares com questões que permeavam as teorias literárias. Vera, pelos meandros dos diálogos entre literatura e imagens – pintura, ilustração, texturas e textualidades. Graça foi quem me iniciou nos estudos de Michel Foucault. Sugeriu-nos a leitura de “*Sultifera Navis*”, da *História da loucura*, para compreendermos algumas imagens que entremeavam loucura e literatura. Li a cópia que nos havia oferecido do referido capítulo. Peguei o livro na Biblioteca da PUC e nas noites daquela semana li Foucault e amei aquela experiência. Conteí à Graça, ela falou-me d’*As palavras e as coisas* e de outros livros de Foucault. Naquela semana comprei em um sebo de BH *As palavras e as coisas*. Um caminho havia sido iniciado. Em uma confraternização na casa de Mazza, Graça apresentou-nos a primeira versão do seu poema “Carim de Graça Paulim”, que depois integrou uma publicação, intitulada *Óia*, representativa do percurso de nossa turma e editada pela Mazza Edições. O pequeno livro era resultado da disciplina “Editoração e expressão gráfica do livro infantil”, ministrada por Paulo Bernardo Vaz e pela Mazza. Também tivemos aulas com Fanny Abramovich, sempre nos presenteando com surpresas e discussões questionadoras.

Em um dos módulos levei Maísa, minha filha, na época com cinco meses. Era chamada de “o bebê do PREPES”. A filha e a sobrinha da Aracy ficavam com ela pelos corredores e jardins, e na hora da mamada da Maísa elas me entregavam e, na sala, ela mamava... e muito! Antonieta me disse que nenhuma mãe havia levado ainda seu bebê para o curso ali na PUC. Anos depois eu a encontrei e ela me disse que Maísa havia iniciado uma tradição e que agora muitas mães levavam seus bebês para as aulas.

O curso acabou, contudo, continua reverberando até hoje em minhas aulas, em meus ensaios, enfim, na visão que defendo de uma literatura sem adjetivos, de uma literatura para crianças que seja antes de tudo “LITERATURA”.

*Trama “Mestrado: O olhar estampado no sofá - uma leitura semiótica da visualidade inscrita n’O sofá estampado”*

Fiz meu Mestrado na UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) em Assis, uma cidadezinha no interior de São Paulo, próxima ao Estado do

Paraná. Iniciei em 1992 e concluí, com a defesa da dissertação, em 1994. Fui com toda a família, meus filhos eram bem pequenos ainda. Morei em uma casa muito próxima à universidade. O *campus* da universidade é belíssimo, com jardins, um bosque ao redor, e uma biblioteca linda e muito rica na área de Letras:



Em meu projeto de pesquisa, buscava pesquisar a visualidade inscrita no livro *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga. Em minha hipótese, eu considerava que o romance bojunguiano: por meio do seu “dizer” – olhos, olhares e visões se espalham pela trama narrativa; e por intermédio do seu “fazer”, ou seja, o texto, através do aproveitamento de algumas técnicas das artes visuais – com o cinema e o teatro, por exemplo – sugere-se visível. Na banca de seleção do projeto não havia nenhum professor presente ali que orientasse na área de Literatura Infantil. Uma das professoras da banca disse que o projeto era maravilhoso, original etc., mas o romance escolhido... Ela não concluiu com palavras sua ideia, contudo com gestos faciais e corporais. Entendi, infelizmente, o preconceito da professora em relação à Literatura infantil. Depois ela sugeriu que, se eu escolhesse um autor, talvez de Literatura Portuguesa, por exemplo, para tratar da mesma questão, o projeto ganharia força e visibilidade. Eu respondi que a obra de Bojunga suscitava aquela abordagem e que talvez a de outros autores não gerasse o mesmo efeito. A banca informou-me depois que a Professora Maria de Lourdes Zizi Trevisan Peres, que trabalhava com Literatura Infantil e estava lotada no *campus* da UNESP de Presidente Prudente, havia visto o meu projeto e manifestado interesse pela orientação. Fui ver Zizi na UNESP de Prudente naquela semana acompanhada por outra orientanda dela, Lúcia Maria de Assunção (Daquela viagem em diante eu e Lúcia iniciamos uma amizade que continua até hoje, trinta anos depois). Zizi era encantadora, uma mulher belíssima, inteligente, especialista em Umberto Eco! Com ela estudei com afinco a obra de Eco, especialmente o difícilíssimo *Tratado geral de semiótica*, do qual tomei como base para minha dissertação a noção de projeção, a fim de explicar como a literatura bojunguiana visualizava-se, isto é, fazia o enlace com as artes visuais. Tínhamos encontros teóricos extensos e muito produtivos.

Fiz as disciplinas e tive um rendimento muito bom em todas. Quase sempre fazia as disciplinas com Lúcia e Maria Adélia Menegazzo. Trocávamos muitas ideias, estudávamos sempre nas mesas do bosque. Três dos meus professores das disciplinas que cursei incentivaram-me a tentar passar direto para o Doutorado, alegando a minha maturidade e a alta qualidade do projeto que eu desenvolvia, que inaugurava uma perspectiva de trabalho com a obra bojunguiana. Consultei minha orientadora e ela disse que concordava com esses professores, porém acreditava que a banca que seria formada para analisar o caso não permitiria por dois motivos especialmente: pelo fato de a UNESP ser uma faculdade conhecida pelos seus vínculos com a tradição, o que inviabilizaria mudanças radicais nos trâmites usuais do Programa de Pós-Graduação; e também em função de o projeto voltar-se a uma literatura considerada menor, a Literatura infantil. Decidi tentar. Montei um memorial, ampliei o meu projeto, já apresentando a introdução e dois dos capítulos, conforme as exigências para tal tramitação. Zizi estava certa. Percebi que a banca nem havia lido o material que entreguei. Hoje, refletindo sobre o ocorrido, entendo que foi até bom eu não ter ido direto para o Doutorado, porque eu não teria tido as experiências singulares que tive no Doutorado na UNESP de Araraquara.

Encontrei-me com Antonieta Cunha meses antes da defesa – ela estaria na minha banca – e, nessa ocasião, ela aconselhou-me a escrever para Lygia Bojunga, contar para ela sobre minha dissertação. Fiz isso. Um tempo depois recebi uma carta de Londres! Era carta da Lygia – falo sobre ela em uma outra Trama.

### Trama "Doutorado: *Por uma arqueologia do leitor - Perspectiva de estudo da constituição do leitor na narrativa literária*"

Terminado o Mestrado, voltei a Porto Velho. Todo o aprendizado das disciplinas, das orientações e estudos sobre a obra de Umberto Eco com Zizi, e da pesquisa sobre a obra de Bojunga transformaram-me como docente e pesquisadora e influenciaram muito positivamente minhas práticas. Não cheguei a constituir um grupo de pesquisa<sup>10</sup> oficialmente, todavia, com algumas alunas fazíamos reuniões para discutir sobre literatura infantil e sobre os estudos de Umberto Eco, especialmente aqueles relativos a *Lector in fabula*, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, *Apocalípticos e integrados* e *Obra aberta*. Não chegamos a nomear o grupo, eram apenas "encontros" despreziosos e frutuoso.

---

<sup>10</sup> Nessa época, ainda não havia, como hoje, uma constância de formação de grupos de pesquisa.

Alguns anos depois de retornar, a universidade liberou-me para o Doutorado. Desta vez fui para a UNESP de Araraquara, orientada pelo Professor Sidney Barbosa. Era o início do ano de 1998. Novamente fui com toda a família e alugamos uma casa bem próxima ao *campus*.



UNESP/Araraquara

Fiz as disciplinas e, dentre elas, cursei uma de Análise do Discurso, ministrada pela Professora Maria do Rosário Gregolin. Ela estava começando um grupo de estudos, o GEADA (Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara), e convidou-me a fazer parte dele. Pediu, em um primeiro encontro, para escolhermos um texto, o qual seria lido e discutido na próxima reunião. Fátima Cruvinel sugeriu um texto de Mikhail Bakhtin, Roberto Baronas, um de Michel Pêcheux, e eu sugeri “Isto não é um cachimbo”, de Michel Foucault. O grupo votou e optou por Foucault; de certa forma essa escolha esteve na base da perspectiva que o grupo assumiu, a foucaultiana. As atividades do grupo eram intensas e frequentes, porque, além dos encontros de estudos, desenvolvíamos outros projetos, como o de organização e escrita de livros. Eu participava como autora de capítulos, como revisora dos textos (como eram deliciosos nossos encontros para revisão dos textos!) e em um deles fui também organizadora.

O grupo também se fazia presente em muitos eventos por todo o Brasil. Sempre íamos juntos, apresentando comunicações, proferindo palestras em mesas redondas, organizando e coordenando simpósios. Rosário Gregolin lembrava-nos de uma coisa importante: tínhamos vários projetos, mas o mais importante era o projeto de felicidade. Concordo muito com Rosário, porque sem a felicidade nada tem sentido, inclusive o ato de pesquisar. Vejo muitos pesquisadores que “sofrem” com suas pesquisas e pergunto sempre aos meus botões: “se é para sofrer, para que pesquisar?”.

A minha ideia inicial de tese era o estudo do leitor/narratário no romance de Italo Calvino *Se numa noite de inverno um viajante*, considerando sua condição pós-moderna; entretanto, modificada pelas disciplinas, pelas leituras foucaultianas do GEADA e pelas leituras realizadas na excelente biblioteca da UNESP de Araraquara,

minha tese foi se modificando, ampliando-se e abarcando outros leitores narrativizados na história da narrativa literária.



Na biblioteca da UNESP li alguns autores de que só havia escutado falar, ou lido pelo prisma dos críticos, como, por exemplo, Laurence Sterne, Willian Makepeace Thackeray e o fantástico Luciano de Samósata, e descobri o modo singular como trabalhavam o leitor narrativizado no tecido literário. Foucaultianamente, entendi que eu poderia fazer uma investigação arqueológica desses leitores narrativizados, muitos deles jamais focalizados pela crítica. E, nesse novo rumo, o estudo da tese tomou como base textos literários que, em diversificadas épocas, elegeram o narratário – leitor ficcionalizado – como elemento fundamental para a arquitetura narrativa. Demonstrei, por meio de um batimento entre teorias e textos literários, qual a relação dessa figura constitutiva do mundo diegético com as propostas estético-ideológicas dos autores estudados. Para mapear o diálogo entre as ficções literárias que privilegiam a comunicação narrativa, elegi a concepção da história das descontinuidades, inscrita no método arqueológico de Michel Foucault, e procurei mostrar o jogo das correlações entre os textos. Tratando os textos literários como práticas discursivas descontínuas, que se excluem, mas também se cruzam, aponte para a regularidade das séries discursivas que, norteadas pelas *vontades de verdade* de determinadas épocas, possibilitam determinar razões para a interdição ou para a irrupção da figura do narratário. O percurso de análise tomou como pontos de partida *As Mil e uma noites* e as epopeias de Homero, e teve como entremeios textos de autores como Luciano de Samósata, Giovanni Boccaccio, François Rabelais, Willian Makepeace Thackeray, Laurence Sterne, Honoré de Balzac, Fiódor Dostoiévski, Machado de Assis, Jorge Luis Borges e muitos outros. Fiz um capítulo central, de destaque, sobre *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. O *porto* final do percurso foi o romance *Se numa noite de inverno um viajante*, de Italo Calvino. O romance, que se insere na tendência pós-moderna, configura o narratário, denominado Leitor, como protagonista dos acontecimentos narrativos: é um leitor que busca encontrar os desfechos dos romances inconclusos que começa a ler. Há,

no Leitor de Calvino, uma irrupção de marcas de leitores narrativizados da tradição literária, como o *D. Quixote* de Cervantes, por exemplo, mas há também a emergência e a *ordem da vontade de verdade* do pós-modernismo, vontade que redimensiona o fazer literário, definindo-o a partir de tendências como o descentramento, a redescoberta do enredo e do prazer da leitura.

Tive na verdade dois orientadores: Sidney, que me guiou com as teorias do romance, e Rosário, pelas mãos da qual Foucault tornou-se o fio central metodológico e filosófico da tese que concluí em três anos. Voltei a Porto Velho com renovadas experiências.



Antes da defesa: Isadora, Paulinho, eu e Helen.



Abraços depois da defesa: abraço de dupla das amigas Maria Calixto e Roselene; abraço apertado de Rosário Gregolin.

### Trama Pós-Doutorado "*Objetos insólitos: as representações espaciais e o fantástico em *Objecto quase*, de José Saramago, e *Objetos turbulentos*, de José J. Veiga*"

Quando estava cruzando o Atlântico, sentada numa daquelas poltronas apertadas de um avião, escutava imaginariamente em meu ouvido a voz da minha mãe cantando a canção "Coimbra é uma lição/ De sonho e tradição/ O lente é uma canção/ E a lua a faculdade". A UFU havia me liberado em 2014 e eu estava indo fazer meu Pós-Doutorado em Coimbra sob a supervisão da Professora Maria João Simões. O projeto que desenvolvi, com bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior), teve como proposta o estudo da importância dos espaços ficcionais na construção da ambientação fantástica dos contos de *Objecto quase*, do escritor português José Saramago, e de *Objetos turbulentos: contos para ler à luz do dia*, do escritor brasileiro José J. Veiga. Dentre os espaços ficcionais elencados como objeto de pesquisa, selecionamos os “objetos” que aparecem no centro da narração dos contos.

Conhecer a Universidade de Coimbra, uma das mais antigas do mundo, foi uma experiência ímpar. Tinha uma sala que foi a mim reservada, mas a usei apenas uma vez, porque, quando eu estava na universidade, eu gostava mesmo era de estudar no espaço majestoso da grande e linda Biblioteca Geral.



Fiz conexões importantes para o meu Grupo de Pesquisas em Especialidades Artísticas (GPEA), especialmente em terras portuguesas e espanholas, bem como colaborei com a consolidação internacional do TOPUS, grupo de pesquisa de que faço parte, coordenado pelo meu ex-orientador de Doutorado, Professor Sidney Barbosa, na medida em que realizamos, naquele ano em que eu estava em Portugal (2014), junto à ESEV (Escola Superior de Educação de Viseu), a primeira edição da JOEEL (Jornada de Estudos sobre o Espaço Literário) em Portugal. O evento ocorre anualmente, intercalando: um ano em Viseu, Portugal, e outro ano em uma cidade brasileira.

Além disso, após o meu Pós-Doutoramento, passei a integrar o quadro de pesquisadores do CLP (Centro de Literatura Portuguesa) da Universidade de Coimbra.



Na varanda do restaurante da Universidade de Coimbra.  
Atrás, o poético e poetizado Rio Mondego.

## FIOS DE ENSINO



Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes, que eles trazem consigo.

Michel Foucault (1999, p. 44)

Trago a partir de agora algumas tramas relacionadas à minha atuação na docência do ensino superior, carreira a que se refere mais especificamente este Memorial. Todavia, antes de ir a essas tramas, existe uma trama anterior que registro aqui: minha atuação antes de lecionar em universidades.

### Trama "Estágio & Pós-Estágio"

Quando fazia o Curso de Letras, fiz meu estágio na Escola Municipal Charles Peguy, no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro. Eu tinha que ministrar algumas aulas de Português e Literatura, sob a supervisão da professora da escola e do orientador de estágio, numa turma da oitava série. Foi muito significativo esse estágio para mim, porque a professora de Língua Portuguesa das turmas nas quais estagiei, após a primeira aula que ministrei, disse a mim que meu jeito de lidar com o texto literário (era uma aula de interpretação de texto: um poema de Drummond) tornava menos "pesada" a literatura. Ela, professora, achava a literatura "pesada", por causa da sua "linguagem complicada, que não fala direto". Confessou-me ainda que, enquanto aluna no Curso de Letras, sempre fez as disciplinas de literatura "apenas para passar", porque achava difícil aquela linguagem.

Também estagiei no CAEL (Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis) da faculdade na qual fazia o Curso de Letras – FEUC, ministrando aulas de Literatura, em uma turma de segundo ano do segundo grau. Depois que terminei o estágio, fui chamada para ministrar aulas de Literatura nas turmas de primeiro ano do ensino médio, onde fiquei até ser chamada para dar aulas de Teoria da Literatura na FEUC.

Dei aulas também para turmas de sexta e sétimas séries de um colégio privado evangélico no município de Mesquita, porém o pagamento nos primeiros meses vinha sempre atrasado e depois os professores ficaram sem receber por dois meses. Pedi demissão.

### Trama "FEUC - Agora professora!"

Como narrei na Trama "Especialização... em Linguística", logo depois que terminei a Graduação, fui chamada para assumir como professora substituta aulas de

Teoria da Literatura na FEUC. Assumi uma disciplina a ser ministrada em duas turmas – duas habilitações diferentes do Curso de Letras. A dificuldade maior que enfrentei, na primeira aula que ministrei, foi certamente sentir se eu seria capaz de conduzir uma aula em uma graduação. Nos primeiros 2 minutos, nos quais fazia a minha apresentação, senti que os olhos de todos convergiam sobre mim e eu procurava ler o que eles diziam. Eu tinha uma idade muito próxima à dos meus alunos e percebia que por esse motivo especialmente eles desconfiavam da minha capacidade. Nesse momento, sentei-me em uma cadeira vaga situada na primeira fileira e dali comecei a narrar a minha história, com foco especial para a minha trajetória naquela instituição. Quando terminei, estavam todos com outro olhar, olhares que vinham direto aos meus olhos, comecei a aula... Dei aulas na FEUC até o dia em que resolvi procurar novos rumos e novas tramas na Amazônia.

### Trama "Vamos para Porto Velho. Você vai amar o Rio Madeira!"

Aqui faço um recuo no tempo que me leva a mais ou menos um ano antes da morte do meu pai. Meu querido irmão Paulo Cezar havia ido morar em Porto Velho no ano de 1982 e no ano seguinte meu pai foi visitá-lo. Nessa época ele já havia se aposentado na Marinha, porém havia continuado a dar aulas de Inglês à noite na escola próxima à nossa casa. Voltou maravilhado com a Amazônia. Sentou-se ao meu lado e disse: "Vamos para Porto Velho. Você vai amar o Rio Madeira! Termine sua faculdade e depois vamos morar lá. Há muito campo de trabalho para nós. Uma universidade com um prédio tão bonito no centro da cidade!". Sim, eu e ele estávamos decididos. Contudo, ele se foi para um outro espaço muito mais cedo do que deveria ir. Um grande vazio ficou e por um tempo deixei aquele projeto da Amazônia num dos cantos de silêncio dentro de mim. O tempo passou, formei-me – sem beca, como narro neste Memorial –, fiz a Especialização, dei aula na FEUC, em um período de férias, decidi: "Vou ver o Rio Madeira de perto." Fui e de fato o amei. Majestoso rio:



A cidade encravada naquele rio também me encantou:



E a universidade... seu prédio antigo, que linda!



Dois anos depois, voltei a Porto Velho definitivamente. Casei-me e decidi dar um novo início à minha vida naquele lugar que fora escolhido por meu pai. Fui de mala e cuia, como se diz, mas não só: de mala e cuia e mãe – minha mãe, companheira, sempre comigo! Decidi fazer minha história ali. Registro aqui um trecho do poema-canção “Porto das esperanças”, do poeta Bado, porque ele representa muito do início de minha trajetória nos espaços de Porto Velho, nas paragens amazônidas:

Quem te vê assim Porto das Esperanças. O barranco onde os cabrais enfiçam âncoras em busca de uma história. De alamedas e vãos, parque das mangueiras e dos arazás aprendi na canção, e colhi teus sinais sobre a dança das correntezas.

Eu me sentia como um daqueles “cabrais”, em busca de uma história naqueles idos de 1987<sup>11</sup>. E uma boa parte de minha história se fez ali. Iniciava uma vida nova,

---

<sup>11</sup> Entremeadada “Dos cabrais”: Essa imagem dos cabrais conduz-me com carinho à lembrança de Roberto Farias, meu grande amigo e irmão que a vida me deu. Mas a ele dedico uma trama especialmente. Parecia a mim e ao meu amigo Roberto que essa imagem dos cabrais, no poema-canção de Bado, não remetia à imagem de sujeitos desumanizados, com gestos autoritários e colonizadores (que viam o outro como um ser inferior), porém a sujeitos humanizados, conscientes de sua inconclusão e por isso

experimentava uma nova cidade – rodeada pela floresta amazônica. Iniciava definitivamente minha vida de professora e pesquisadora universitária, de que havia tido uma experimentação muito proveitosa no ano em que lecionei na FEUC. Tudo era novidade. Assim que cheguei lá vi que havia uma carência de professores de literatura nas escolas. Havia muita gente dando aula de literatura formada em outras áreas: Comunicação, Educação Artística, Direito (havia vários dessa área!!!). Logo consegui emprego em três escolas: no salesiano Dom Bosco pela manhã, no Granjeiro à tarde e no Einstein (posterior Objetivo) à noite. Um mês depois surgiu uma vaga para professor substituto na UNIR na área de... Linguística! Minha área era a Literatura, mas, olha, a Especialização em Linguística como veio a calhar!

O concurso para aquela vaga consistia em uma aula, uma entrevista e análise de *currículum*. Fui muito bem na aula; o ponto sorteado foi na área de Fonologia com um tema que havia sido bastante contemplado na Especialização. Depois, na hora da entrevista, havia três professores da área da Linguística e Filologia e mais um da área da Literatura. Esse último, Professor Vítor Hugo Martins, estava ali para sondar um possível professor que o substituiria caso a sua saída para o Doutorado fosse aprovada pelas instâncias superiores da universidade. Na entrevista eles pediram para eu falar da minha experiência na docência superior e o Professor Vítor fez “mais ou menos” uma sabatina de literatura improvisada; depois ele disse (soube anos depois) aos outros que se saísse de fato para o Doutorado, ele desejava que eu assumisse as turmas dele; portanto, que eu atuasse preferencialmente na área de Literatura<sup>12</sup>. Fui aprovada em primeiro lugar, chamaram-me logo e também aprovaram a professora que ficou em

---

em busca de uma história naquela mágica e bela terra, percebendo os outros como seus irmãos. Era assim que nos víamos: cabrais humanizados. E se conversávamos muito sobre essa imagem provocadora dos cabrais de Bado era porque havia um contexto que muito nos incomodava. Porto Velho recebeu nas décadas de 1970 e 1980 muitos brasileiros e estrangeiros. A TV divulgava propagandas governamentais em que se veiculava a ideia de Rondônia como o novo eldorado brasileiro (A capa da Revista *Veja* de 11 de agosto de 1971 traz o enunciado “A Amazônia à espera dos conquistadores”, e a capa da mesma revista de 1982 apresenta a manchete “Rondônia, uma nova estrela do Oeste”). Muitos chegaram, mas chegaram como sujeitos que se declaravam superiores – conquistadores (conforme incitava a *Veja*) – à gente daquela terra. Sabemos que o mito de uma raça superior não é um caso isolado do nefasto nazismo de Hitler, infelizmente ele se encontra disseminado em muitas práticas em nossa sociedade. E assim eu e Roberto percebíamos com tristeza que muitos daqueles sujeitos oriundos do Sul e Sudeste destravam os irmãos portovelhenses que os recebiam tão bem. Eles também pintavam aquela terra como sendo um inferno. Sim, ela só prestava para eles se beneficiarem economicamente. Repudiávamos essa postura e dizíamos que eles eram cabrais colonizadores, ao passo que nós éramos os cabrais de Bado.

<sup>12</sup> **Entremeada “Muito trabalho”**: Uso no trecho a palavra “preferencialmente” porque como naquela época o Curso de Letras da UNIR contava com um pequeno quadro docente, os professores tinham que assumir várias turmas e disciplinas variadas. Nesse primeiro semestre em que atuei como professora substituta, além das turmas de Literatura (duas de Literatura Brasileira e uma de Teoria Literária), ministrei aula de Língua Portuguesa em uma turma do Curso de Geografia. Decidi, valendo-me dos meus conhecimentos da área da Linguística, conduzir a disciplina para o campo da Geolinguística e a experiência foi muitíssimo boa. Depois houve mais contratações para a área de Língua Portuguesa e Linguística, e nós, da Literatura, finalmente ativemo-nos às disciplinas do campo literário.

segundo lugar. Eu fiquei com as turmas do Vítor e outras turmas, e ela com a maior parte das turmas de Linguística. Deixei as aulas no Granjeiro, porque coincidiam com as turmas da UNIR, que eram à tarde; mas continuei até o fim do ano com as aulas no Einstein e no Dom Bosco.

Dois anos depois, em 1989, houve um concurso para professor efetivo na área de Literatura, fui aprovada e atuei com muita seriedade ao longo de dezenove anos na UNIR<sup>13</sup>.

Mudança para o *campus*... no limiar da mata. No ano seguinte ao meu ingresso como professora substituta, a UNIR mudou para o *campus*. Os cursos aumentaram oferta de vagas e outros cursos foram implantados. Assim, aquele espaço do prédio da UNIR no centro da cidade ficou muito pequeno para abarcar tantos novos docentes e discentes. O *campus* localiza-se na BR 364/sentido Rio Branco e no início houve uma grande resistência por parte da comunidade acadêmica em realizar a mudança, mas aos poucos fomos nos acostumando com aquele novo espaço: à sua frente a BR e em todos os outros lados a mata – misteriosa e sedutora.



O *campus*

Em minha trajetória de ensino na UNIR, trabalhei com as seguintes disciplinas: Teoria Literária I (princípios e noções gerais, e narratologia), Literatura infantil, Literaturas Portuguesas (especialmente aquelas referentes ao Trovadorismo e Classicismo, Romantismo e Realismo, Modernismo e Literatura Contemporânea), Literaturas Brasileiras (especialmente aquelas referentes ao Realismo e à Literatura Contemporânea), Mito e Narrativa, e Prática de Ensino de Literatura.

A disciplina Literatura Infantil, na UNIR, desde que foi estabelecida como disciplina obrigatória, tinha um componente prático e extensionista, na medida em que realizávamos toda a parte teórica em sala de aula e conduzíamos um projeto em algum espaço na comunidade. Ao longo de todo o tempo em que ministrei a disciplina, levamos experiências com a literatura infantil para escolas – estaduais e municipais –, alas

---

<sup>13</sup> Até o ano de 2006, quando, concursada, comecei a trabalhar na Universidade Federal de Uberlândia.

pediátricas de hospitais, asilos, associações de bairro. Uma experiência muito produtiva foi com a Associação dos Moradores do Bairro Triângulo, localizada bem perto do rio Madeira, do beiradão. Foi uma das alunas que nos sugeriu o trabalho naquela associação porque ela era moradora do referido bairro. De acordo com o relato de alguns moradores, aquele espaço “vivia às moscas”, sendo usado raramente. Levamos uma oficina para crianças e outra para jovens. Os moradores otimizaram, a partir de algumas ações, como rifas, a compra de livros, a confecção de almofadas, e foi montada uma aconchegante sala de leitura. Ficamos atuando ali por algum tempo. Os professores e as professoras que moravam no bairro, como a nossa aluna, começaram a se encarregar de desenvolver atividades de leitura ali. Os moradores adultos também gostavam de ir lá para ler, fazer tricô, trocar ideias. Enfim, o espaço passou a ser *emplazado* e agregar pessoas leitoras de palavras e leitoras do mundo!

### Trama “Prohacap”

Ao longo de vários anos, a UNIR desenvolveu o PROHACAP, um amplo Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos. Eram cursos de licenciatura ministrados durante as férias e feriados. A missão era árdua, quase impossível, pois nós, professores e eles, alunos, ficávamos sem férias, entretanto os resultados eram valiosos. O Curso de Letras tinha polos espalhados em todo o Estado de Rondônia, inclusive na capital, Porto Velho. Atuei em vários polos, porém mais intensamente em dois: de Ouro Preto do Oeste e de Costa Marques. Em Ouro Preto do Oeste, o Curso foi coordenado pela minha grande amiga e comadre Sonia Sampaio, também docente da área de Literatura da UNIR. Íamos muitas vezes eu e Roberto juntos. Eu ministrava uma disciplina na parte da manhã e ele, uma disciplina na parte da tarde. Passávamos duas semanas para completar a carga-horária das disciplinas. Quero trazer aqui a lembrança de dois alunos: Cláudio e Israel. Israel tinha uma letra desenhada, como nunca vi igual, linda. Ele sempre trazia em pedacinhos de papel poemas que havia escrito. Não eram arremedos de poemas, eram poemas, com toda força da *semiosis* (BARTHES, 1988) que uma poesia deve portar. Leitor de Drummond, Israel reinventava-o. Buscava na Biblioteca da escola onde trabalhava, em Ouro Preto do Oeste, livros de Drummond. Já havia lido todos. Emprestei outros a que ele não tivera acesso ainda. Muitos alunos mostraram-me poesias ao longo de minha vida de docência, contudo conheci apenas um grande aluno poeta, que foi ele. Israel ensinou-me

a delicadeza. Embaraçado com a incompletude humana e com a pressa cotidiana ele se foi muito cedo.

Do Cláudio, para contar um episódio, tenho que recuperar um pouco de sua trajetória. Quando eu estava ministrando a disciplina Literatura Infantil e Juvenil na turma deles, ele relatou-me que até entrar no Curso de Letras nunca havia lido um livro inteiro. Na escola em que estudou na cidadezinha onde morava, Tarilândia, não havia biblioteca e os textos literários que ele lera até então se encontravam nos livros didáticos; assim, eram pedaços de histórias que lia. E assim ele relatou a mim e à turma: havia lido apenas pedaços de histórias (Sim, ele havia entrado no Curso muito modestamente, sabendo de suas limitações, e por isso decidiu ir “em busca do tempo perdido”, como ele dizia. Dedicou-se com afinco, seriedade e método em todas as disciplinas e tornou-se um dos melhores alunos de sua turma. Quando a turma estudou Latim, cansei de ver Claudio sentado à mesa da cantina ensinando aos seus colegas. Foi eleito por unanimidade como o orador da turma, mas isso eu conto em detalhes depois.). Em minha disciplina de Literatura Infantil e Juvenil, eles teriam que desenvolver um trabalho colocando em prática essa literatura, uma pesquisa-ação. Depois da aula em que falamos sobre essa atividade que eles teriam que desenvolver durante o semestre em suas escolas, ele me disse: “Eu poderia desenvolver um trabalho com literatura oral, contando histórias que a gente escuta e passa adiante, não é, professora? Na minha escola não tem livros, como já falei. Mas... eu queria desenvolver um trabalho com livros!”. Uma ideia surgiu-me e eu disse a ele: “Você pode vir a Porto Velho assim que o semestre começar? Você vai ter seus livros”. Eu conhecia os livreiros da cidade. Fui a eles junto com Heva Bieger, amiga e professora substituta do Curso de Letras; contamos a história dele, conversamos com eles sobre a possibilidade de iniciarmos uma biblioteca na escola do Claudio com exemplares dos livros destinados aos professores que as editoras sempre enviavam e talvez com alguns que eles quisessem doar. Quando Claudio foi a Porto Velho, levei-o às livrarias e ele ficou muito feliz, porque conseguimos três caixas repletas de livros de literatura diversos. Ele levou os livros à sua cidade. Lá os livros não tinham um espaço fixo, não havia uma biblioteca; os livros ficavam dentro das caixas num cantinho da sala da diretora. Contudo, Cláudio venceu a dificuldade: na hora do recreio, ele pegava os livros, colocava em um carrinho de mão e levava-os para o meio do pátio. Alguns alunos o ajudavam a anotar em um caderno os livros emprestados para os alunos levarem para casa. Ele pedia que não lessem sozinhos, que lessem para/com a família. Foi uma completa revolução. A escola fez uma festa junina e decidiram que o dinheiro arrecadado era para o Cláudio voltar a Porto Velho e

comprar mais livros. Em Porto Velho, eu o ajudei a comprar mais livros e ainda conseguir outros de brinde. Contou-me que um dos alunos que o ajudavam a emprestar os livros, quando ele chegou de volta com os livros, disse a ele: “Professor, o senhor se lembra daquele dia em que disse que ia ler aquele livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o senhor disse que não era para minha idade (o aluno tinha doze anos)? Pois é, eu desobedeci e li... e gostei. O senhor trouxe mais livro desse Machado de Assis?” Eu ri muito. Cláudio disse-me que no fundo não havia dado muito atenção quando na disciplina Literatura Infantil e Juvenil eu havia dito que a questão das faixas etárias relacionadas à leitura da literatura não era tão simples, porque nesse contexto há que se considerar não somente a idade física – como acreditam o mercado editorial e muitos professores –, porém e especialmente a história de leituras do aluno. E então ele disse: “agora entendo como estão errados os livros que trazem na contracapa a indicação da faixa etária e mais ainda errados os professores que seguem essa indicação cegamente”. Cláudio fez sua monografia, orientada por mim, sobre a questão da faixa etária no processo de formação de leitura. Como já contei anteriormente, ele foi eleito orador de sua turma na formatura; vestia um terno de linho que havia sido dado a ele por toda a comunidade de sua escola. Eu, a paraninfa da turma, entrei de braços dados com ele, chorando de emoção, obviamente. Em minhas aulas de Literatura Infantil, essa experiência do Cláudio sempre está em minha lembrança.



Da turma de Costa Marques, da qual eu era a coordenadora, relato um episódio, mas antes devo informar que Costa Marques é uma cidade localizada no Vale do Guaporé, região belíssima da Amazônia, fazendo fronteira com a Bolívia. Essa minha história tem uma história dentro, em “enfiaada”, dando um efeito em *mise en abyme*. Muitos anos depois narrei essa história em um ensaio intitulado “O boto e sua sogra: o mito e o real maravilhoso” (GAMA-KHALIL, 2015) para tratar do real

maravilhoso e das linhas abissais, no livro *Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Passo a registrar aqui o que narrei no ensaio:

Esta narrativa foi contada a mim por um dos graduandos da Licenciatura em Letras/ PROHACAP/ UNIR, polo de Costa Marques, durante a disciplina “Mito e narrativa”. O acadêmico iniciou a sua narrativa explicando que, no Vale do Guaporé acontece tradicionalmente a Festa do Divino. A cada ano uma das cidades desse vale é a sede da Festa. Os barcos vêm pelo Rio Guaporé e afluentes em romaria e aportam na cidade sede para ali os festejos se desenvolverem. Os festejos do Divino na região do Vale do Guaporé fincam uma tradição de mais de cem anos. Durante quarenta dias a coroa do Divino Espírito Santo percorre aproximadamente onze cidades do Brasil e da Bolívia e, ao final, a festa é realizada na última cidade aportada pela romaria fluvial. O final da festa ocorre no dia de Pentecostes.

Em um desses anos, a comunidade sede da festa foi Costa Marques. E a cidade se encheu de católicos para festejarem o Divino Espírito Santo. Esses religiosos, durante a sua estadia na cidade, foram visitar alguns pontos turísticos, dentre eles, o principal, o Forte Príncipe da Beira, monumento antiquíssimo e enorme, hoje reduzido a ruínas, localizado às margens do Rio Guaporé. O acadêmico narrador da história era uma das pessoas responsáveis por essa visita dos católicos ao Forte. Lá no Forte, os católicos visitantes souberam da existência de uma senhora que morava bem perto dali e que criava um boto nos fundos de sua casa, pois no quintal localizado atrás da casa dela passava um igarapé, um afluente do rio Guaporé. Eles ficaram mais curiosos ainda quando um dos moradores informou que ela acreditava que o boto era o pai do seu neto. Prontamente eles foram suscitados pela curiosidade e decidiram ir ao local para que pudessem verificar de perto a história, que, no ponto de vista deles, avultava-se tão fantástica e despropositada. Chegando lá, os católicos viram logo o boto. Lá estava ele de fato. Ficou por ali, deu meia volta, como a se exhibir no balanço das águas, depois sumiu pelo beiradão do rio. Os católicos visitantes viram também o menino, de uns cinco a seis anos aproximadamente, que estava ali na beira do rio a brincar com borboletas amarelas. A senhora apontou o menino orgulhosa e disse que era seu neto, filho de sua filha, a qual falecera no parto. Ela, a avó, criava o menino, que não lhe dava trabalho, pois passava o dia a brincar com as borboletas, com os peixinhos do rio e com o seu pai, o boto. Depois os visitantes, entre risos e ironias, perguntaram àquela humilde senhora ribeirinha se ela acreditava de fato que aquele boto era o pai daquele menino. Ela logo percebeu a incredulidade e a zombaria dos visitantes e disse, com a sua sapiência amazônica, mais ou menos estas palavras:

Vocês são muito engraçados, porque acreditam que Jesus foi gerado na Virgem Maria por obra e anúncio do Divino Espírito Santo. Mas eu pergunto: quem já viu o Espírito Santo? E vocês fazem festa todo ano para esse Divino Espírito Santo! Olha, pois eu digo: aquele ali é o meu neto e aquele outro (o boto naquela hora aparecera de novo)... aquele outro, o boto, é o pai dele, o que fez, concebeu ele com minha filha. Ou seja, eu digo e mostro!

[...]

Da perspectiva da estruturação narrativa, há nas duas histórias – a do boto e a de Virgem Maria – uma perfeita similaridade, porque o tema da concepção é tratado de maneira sobrenatural, mas a recepção dos sujeitos em relação às duas histórias não considera tal similaridade. A razão dessa recepção diferente em se tratando de um mesmo motivo narrativo (concepção sobrenatural) nas duas histórias deve-se certamente às práticas discursivas e às vontades de verdade por elas geradas.

[...]

Assim, é mister questionar ininterruptamente: se para o estabelecimento e a credibilidade de minha linha eu tenho que realmente criar uma linha “do outro lado” e considerá-la invisível. Essas linhas imaginárias – porém sempre concretas na realidade social – conduzem o

homem muitas vezes a um pensamento abissal que se traduz na impossibilidade da copresença dos dois lados da linha.

Por último, é importante ressaltar a ironia da sogra do boto, no final da narrativa, ao constatar que a concepção da virgem Maria é também sobrenatural e ao demonstrar aos seus interlocutores que o sobrenatural de sua história está visível e evidente para todos: o boto e o seu filho. Uma ironia que põe em suspenso todas as linhas abissais e todas as vontades de verdade; uma ironia que desvela a magia de um mundo povoado por muitas linhas, podendo estas aparecerem de forma paralela, bifurcada ou contraposta. São apenas linhas e possibilidades de desenhar a complexa natureza do homem. (GAMA-KHALIL, 2015, p. 130-145).



Conforme se pode verificar, minhas experiências em sala de aula funcionam como uma base rica para minha experiência como pesquisadora; as duas atividades que para alguns se realizam de modo disjuncto, para mim, se conectam, comprazem-se – dois fios que formam uma trama.

### Trama "Pós na UNIR e na UFAC"

Na época em que atuei na UNIR não havia ainda uma Pós-Graduação na área de Letras. Quando retornei do Doutorado havia acabado de ser criado o Curso de Mestrado em Ciências Humanas para o qual fui convidada a integrar o quadro docente ministrando as disciplinas Teoria Literária, Crítica Literária, e Linguagem e Oralidade.

Pouco tempo depois a UFAC (Universidade Federal do Acre) abriu um Mestrado na área de Letras e fui chamada a atuar lá também como professora colaboradora. Meus queridos amigos professores da UFAC, Maria do Socorro Calixto Marques e Henrique Silvestre<sup>14</sup>, receberam-me com carinho. Também era professora colaboradora

---

<sup>14</sup> Entremeadada "Amigos do Acre": Conheci Maria do Socorro Calixto em Araraquara. Estávamos em um corredor à espera da entrevista para a seleção de Doutorado. Olhamo-nos detidamente pelos colares que usávamos, colares da Amazônia e logo descobrimos que eu era professora da UNIR e ela, da UFAC. A grande amizade nasceu naquele instante. Depois que vim trabalhar no Curso de Letras da UFU, Maria veio também, fez concurso para o Curso de Teatro. Com o corre-corre das atividades, vemo-nos aqui em Uberlândia menos do que gostaríamos. Muitas vezes brincamos, dizendo que nos víamos quando morávamos em Porto Velho e Rio Branco. Faz pouco tempo que Maria defendeu seu Memorial intitulado "Rios, risos e sorrisos pelos varadouros acadêmicos", jogo entre rios e risos que instigou meu jogo entre fios e tramas! Henrique Silvestre, poeta, ator, autor, diretor e professor. Uma imagem de que não me esqueço é Henrique com seu grupo de teatro formado por alunos da UFAC apresentando a peça *Do outro lado do rio* em um evento nosso no *campus* da UNIR em Porto Velho. Foi mágico.

de lá Rosário Gregolin, da UNESP, e com ela eu dividia uma disciplina de Análise do Discurso, que ministrávamos de forma condensada. Orientei três mestrandos. O primeiro deles tornou-se professor da UNIR anos depois e eu estive na banca de defesa de suas primeiras orientandas. Ciclos que se enlaçam, fios que se cruzam.

### Trama "De mala, cuia, livros, mãe e filhos pras Minas Gerais"

Começo a trama de Uberlândia dizendo como vim parar aqui... e foi pelas mãos do querido amigo Professor Cleudemar Alves Fernandes. Conheci Cleudemar em Araraquara quando eu havia ido para uma banca de um orientando de Rosário Gregolin e Cleudemar estava lá juntamente com Tony – Antônio Fernandes Júnior –, professor de Literatura da UFG (Universidade Federal de Goiás) de Catalão/GO. Na hora do almoço conversamos muito e a amizade nasceu ali. Meses depois, encontrei Rosário e Cleudemar em um evento em Fortaleza. A impressão que tínhamos – eu e Cleu – era de que já nos conhecíamos há muito tempo. Em 2003, fui a Uberlândia participar de uma banca de um orientando dele que trabalhava com a análise da personagem Sancha de *Dom Casmurro*, e fazer palestra em uma mesa do SEMAD, evento que o grupo dele promovia na área de Análise do Discurso. Amei a cidade e a Universidade Federal de Uberlândia com suas árvores coloridas:



Cleudemar e Tony insistiam: “Venha para a UFU!”. Um carinho de irmãos parecia nos atrair. O amor pela literatura e a paixão teórica por Foucault eram o mote dessa atração. Fiquei seduzida também pela paisagem do cerrado; também pensei na proximidade de Uberlândia com outros centros de pesquisa, o que seria bom para expandir meus projetos.

No ano seguinte aconteceu um concurso para a área de Literatura na UFU. Fiz e passei. Não fui chamada imediatamente. Voltei a Porto velho e, numa tarde, eu estava na UNIR conversando com o grupo de meus orientandos e tomando café antes de entrar

para a sala de aula. Meu celular tocou no momento em que me levantei em direção à sala de aula. Era Adélia, secretária do ILEEL (Instituto de Letras e Linguística), dizendo que eu precisaria ir imediatamente para assumir minha vaga na UFU. Fiquei paralisada. Pedi a um orientando que pegasse outro café para mim, e a outro orientando que avisasse à turma que eu ia demorar mais uns quinze minutos. Não sei como ministrei aquela aula, pois eu estava completamente sem chão. Estava ali no *campus* da UNIR, tão cotidiano e mágico – a um só tempo – para mim, olhava ao meu redor e não sabia se teria mesmo coragem de deixar aquele espaço, aquelas pessoas, aquela história, uma história de dezenove anos.

Fui para casa. Seis dos meus orientandos foram comigo. Eles me diziam: “Professora, se decidir que deve ir mesmo, iremos entender”. Passei praticamente toda a noite sentada em minha varanda olhando a lua crescente naquele lindo céu da Amazônia. Eles ali, ao meu lado, junto com minha mãe e meus dois filhos. De manhã, disse a todos: vou fazer novas histórias em outros espaços.

E assim, em 2006, vim para Uberlândia, ser professora na Universidade Federal de Uberlândia – UFU! Não me arrependi. Eram outras pessoas, outras histórias, novos olhares, entretanto a UNIR sempre será a minha querida universidade, na qual aprendi e reaprendi o exercício da docência, uma prática que entrelaçava os fios com a extensão e com a pesquisa!

No *campus* Santa Mônica da UFU a paisagem colorida do cerrado domina suas ruas e contorna salas, blocos e prédios. Atuei como docente na Graduação, especialmente nas seguintes disciplinas: Leituras do Texto Literário, Teoria da Narrativa, Literatura infantil e juvenil, Prática de Ensino de Literatura, Estágio Supervisionado de Literatura, Literaturas Portuguesas, Literatura e Nacionalismo, Poesia e Cultura Quinhentista, Literatura Brasileira (Realismo, Naturalismo e Simbolismo).

Na UFU, teci novas e significativas amizades, além de Cleudemar Alves Fernandes (Cleu), Enivalda Nunes Freitas e Sousa (a Eni), João Bôsco Cabral dos Santos, Maria Cristina Martins, que me deram as mãos, me enlaçaram afetiva e intelectualmente.

Assim que eu cheguei na UFU, solicitei o meu credenciamento para a Pós-Graduação em Estudos Literários. Inicialmente meu pedido foi recusado, porque a coordenadora na época alegou que eu trabalhava com Análise do Discurso (AD). Sim, de fato, trabalhava – e trabalho ainda – com a AD foucaultiana, entrelaçando-a à Teoria Literária. Parece-me que a coordenadora não percebeu esse produtivo enlace e não quis ver que muitos pesquisadores da área dos Estudos Literários no Brasil – e no

mundo – valem-se de teorias foucaultianas. Aconselhada por alguns amigos, entrei com recurso, falei com o Colegiado, pedi que abrissem o meu Lattes, observassem as produções, verificando os objetos de estudo e as abordagens teóricas. E, depois disso, o recurso foi aceito. Na Pós-Graduação em Estudos Literários, ministrei aulas das disciplinas: A teoria da narrativa e suas formas: ficção, história e memória; Teoria Literária: Tradição e Contemporaneidade; Correntes Críticas; e nos Seminários: Poéticas do espaço, Literatura Fantástica: vertentes teóricas e ficcionais.

Em 2014, comecei a atuar no PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras), ministrando aulas e orientando. Ser professora e orientadora no PROFLETRAS foi muito significativo profissionalmente, pois nele nossas alunas e alunos são professores e os diálogos sobre as teorias são muito profícuos! Teoria e prática numa trama só! Ministrei três disciplinas: Leituras do Texto Literário, Literatura infantil e juvenil, e Literatura e Ensino.

### Trama "Em outras IFEs"

Em 2013, ministrei a disciplina Literatura fantástica: vertentes teóricas e ficcionais na Pós-Graduação em Estudos Literários da UnB (Universidade de Brasília), em regime condensado durante duas semanas, e em 2019 ministrei-a também na Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP de Araraquara, com aulas distribuídas em três blocos condensados ao longo de três meses – agosto, setembro e outubro.

## FIOS DE EXTENSÃO



CENA I

Arte não pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê  
É preciso transver o mundo.  
Isto seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso desformar o mundo:  
Tirar da natureza as naturalidades.  
Manoel de Barros (2015, s.p.)

## Trama "Prosaleitura/UNIR"

Minha história na UNIR ficaria incompleta se eu não narrasse minha experiência com o PROSALEITURA. Liderado pela Professora Aracy Alves Martins, um grupo de professores da UNIR (do qual eu fazia parte) montou um projeto que buscava desenvolver variadas atividades de extensão e pesquisa envolvendo a leitura – especialmente a da literatura infantil e juvenil – e integrando em ação conjunta as Secretarias Estadual e Municipal de Educação, bem como a Biblioteca Municipal Francisco Meirelles. Por intermédio do PROSALEITURA, levamos a Porto Velho para encontros literários autores como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós, dentre outros. Também oferecíamos cursos com pesquisadores diversos brasileiros, seja do campo da Literatura infantil, como a Professora Maria Antonieta Antunes Cunha (UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais), seja do campo das práticas de leitura e escrita, como o Professor Wanderley Geraldi (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas). Para esses grandes encontros, em geral, usávamos o auditório da Biblioteca Municipal. Como resultado das ações do PROSALEITURA, essa biblioteca fez anos depois um espaço especialmente dedicado à leitura da literatura infantil. No prédio da UNIR no Centro, o PROSALEITURA tinha uma sala na qual eram desenvolvidos encontros com alunos e com professores das escolas municipais e estaduais. Era a “Casa da Madriza”, espaço que nomeamos com a junção de Casa da Madrinha, narrativa de Lygia Bojunga, e Mariza, nome de uma de nossas monitoras de Literatura Infantil que falecera de malária. A “Casa da Madriza” tinha livros espalhados por todos os lados, em estantes e cestas grandes e pequenas, tinha almofadas coloridas, era, enfim, aconchegante!

A disciplina Literatura Infantil da UNIR sempre teve, desde o seu início, uma proposta que tinha como um dos seus objetivos atingir diretamente a comunidade, seja por meio da Casa da Madriza, seja no espaço da biblioteca ou em projetos realizados em associações de bairro, escolas, praças e outros espaços nos quais fosse plausível a nossa relação com um público aberto ao contato com a leitura.

## Trama "Roberto Farias, CCPC & outros acontecimentos"

Na UNIR, o Curso de Letras organizava anualmente o CCPC (Concurso de Contos, Poesias e Crônicas), que mobilizava a comunidade interna e externa. Particpei algumas vezes da comissão julgadora dos trabalhos, mas em um ano o Professor Roberto Farias<sup>15</sup>, meu grande amigo, chamou-me para atuar com ele na organização. Tínhamos que eleger um tema e ele veio quase que ao mesmo tempo de nossas bocas: a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, a Ferrovia do Diabo.



Na Comissão Julgadora de um dos CCPCs com Sonia Sampaio (à direita).

Conversamos com alguns historiadores de Porto Velho, fomos a arquivos de jornais e a livros que relatavam a história da Ferrovia do Diabo. Aquela ferrovia serviria para o escoamento da borracha produzida na Amazônia, mas a selva e os seus

---

<sup>15</sup> **Entremeada "Roberto, AMIGO"**: Não sei nem por onde começar a falar do Roberto, porque nossa relação foi tão intensa, inexplicavelmente com uma forte sensação de ir além desta esfera, deste mundo. Conhecemo-nos quando ele ainda era aluno do Curso de Letras e eu era professora substituta na UNIR. Ele me disse uma vez no corredor: "Com esse jeans desbotado e esse cabelão, você mais se parece com uma aluna. Olha, isso é um elogio!". Tive a certeza de que era, sim, um elogio. Depois disso pouco nos falamos em função do corre-corre diário. Ao final daquele ano, fui convidada por ele para fazer parte da comissão julgadora. E depois, como contarei na Trama, ele me chamou para fazer parte da comissão organizadora. Estreitamos nossos olhares sobre o mundo, como dois irmãos, dois amigos, iluminados pelos mistérios que envolviam nossas tramas às tramas da Amazônia.

Depois do CCPC, nossas vidas emaranharam-se, víamo-nos todos os dias na UNIR ou fora dela. Tínhamos uma sintonia muitíssimo forte em torno de um ponto: o amor pela docência e pela pesquisa. A sala de aula sempre nos tornou mais felizes.

Os anos se passaram, Roberto foi aprovado em uma seleção para Doutorado em Santiago de Compostela e lá se foi ele. Das terras de Espanha trouxe-me uma pequena estátua em metal daquele personagem que amo: Dom Quixote de La Mancha. Um ano depois que Roberto havia viajado, fui aprovada para o Doutorado na UNESP em Araraquara. Quando Roberto encerrou as disciplinas em Santiago de Compostela, voltou ao Brasil para concluir a pesquisa. Foi até Porto Velho e decidiu ir para Araraquara. Lá alugou uma casa e começou a escrever sua tese, perto de mim e da minha família... perto da sua família. Foram dois anos repletos de discussões. Ele começou a participar do grupo de pesquisa do qual eu fazia parte, o GEADA, coordenado pela Professora Maria do Rosário Gregolin. O foco do grupo eram as teorias de Michel Foucault. Alguns anos depois escrevemos um artigo intitulado "Lendo as vozes da sala de aula através do olhar de Michel Foucault", publicado no v. 10-11 da Revista *Linguagem: Estudos e pesquisas* (GAMA-KHALIL; FARIAS, 2007). Nele, tratamos da nossa paixão, a docência, traçando uma reflexão acerca da leitura e da escrita na sala de aula na época da ditadura e, depois, em tempos de democracia, por meio de uma perspectiva foucaultiana.

Depois voltamos juntos para Porto Velho. Fizemos lindas parcerias em alguns projetos da universidade. O arrepio conjunto da rotunda nos acompanhou em toda nossa trajetória; quando lembrávamos sorríamos felizes. Adoeceu um dia. Tinha uma doença cardíaca que fez seu coração aumentar de tamanho. Quando o médico disse a nós sua situação, rindo, ele me disse "Eu já sabia que meu coração era grande, mas nem tanto assim". Um tempo depois se foi... o meu Robertinho!

mistérios venceram quase que totalmente as empreitadas para a construção. Ela era emblemática, um monumento envolto em mistério. As tentativas, as mortes, as histórias dos sujeitos daqueles tempos e do nosso tempo, tudo se entrelaça no som ardido do apito que ainda soa mesmo sem os trens.



O tema já estava devidamente escolhido, faltava decidir o local da entrega dos prêmios. O CCPC acontecia todo ano nas escadarias da UNIR Centro, pois o patamar de cima funcionava como um amplo palco. Mas naquele ano queríamos algo diferente. E se fizéssemos no espaço da Estrada de Ferro? Fomos até lá, pensamos na rotunda, espaço redondo, como um amplo palco do teatro romano. Chegamos à rotunda. No meio dela, um diante do outro, começamos a chorar. Depois que conversamos, soubemos que ao mesmo tempo tínhamos sentido um arrepio intenso e uma vontade de chorar, primeiro miudinha e depois alongada. O choro era um misto de alegria e de saudade (saudade de quê?) Uma epifania... *bliss*... iluminação sem luz externa. Nesse dia conversamos sobre o fato de sermos “cabrais”, como na música de Bado, em busca de uma história, talvez uma história que havia ficado perdida na trama daqueles trilhos. Se nos sentíamos irmãos, daquele dia em diante esse sentimento tomou-nos por inteiro. Voltando ao CCPC, tivemos que ser realistas e perceber que daria muito trabalho e seria mais oneroso levar a premiação para aquele espaço, porque ele deveria ser preparado, em sua estrutura física, para receber um público, ao passo que a escadaria da UNIR já nos oferecia tudo, uma vez que lá já era um espaço destinado a abrigar shows e eventos com certa frequência durante o ano. Foi lá que aconteceu e foi lindo, porém a rotunda estava em nossos olhos quando da entrega de cada prêmio.

Além do CCPC, eu e Roberto organizamos dois outros eventos, mas estes depois que voltamos de meu Doutorado em Araraquara. Chegando em Porto Velho, criamos o GEADUNIR, um grupo voltado para os estudos sobre o discurso a partir das teorias de Michel Foucault – um grupo filho do grupo de Rosário. Fazíamos reuniões quinzenais sobre leituras elencadas com antecedência, reunindo alunos da Pós-Graduação e da Graduação dos cursos da UFU, e pessoas da comunidade externa. Com o GEADUNIR (Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UNIR), eu e Roberto fizemos em 2004 o

evento “20 anos sem Foucault”, reunindo obras de um artista plástico local com motivações foucaultianas, bem como cartazes com trechos da obra do autor francês. Outro evento foram os Saraus literários, que aconteciam bimensalmente e homenageavam escritores, como Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade. Havia cartazes com textos dos autores, projeção em vídeo de trechos de filmes e entrevistas, música, declamação e um espaço para conversa sobre a escrita dos autores homenageados e sobre a leitura que fazíamos deles.



Roberto e eu... Roberto, Paulinho, eu e Ilza.

### Trama “Teatro na UNIR”

Em 1990, ao ministrar a disciplina Literatura Infantil na UNIR, lemos algumas obras a partir da técnica da leitura dramatizada, o que incitou a turma a querer vivenciar mais aquela experiência que enlaçava literatura infantil e teatro, e instigada por esse desejo nosso – meu e dos alunos – ofertei no semestre seguinte a disciplina Literatura Infantil: Teatro, ancorada em estudos de dramatização, como o *Improvisação para o teatro*, de Viola Spolin, e *Jogo, aprendizagem e criação - dramatização*, de Héctor González.

Nosso trabalho teve resultados bem concretos: a criação de um grupo de teatro da UNIR e a encenação de três peças dirigidas ao público infantil. A primeira foi uma adaptação da narrativa *Flicts*, de Ziraldo, na qual unimos as cores – personagens do texto – a músicas clássicas. Cada cor era apresentada por meio de uma música clássica de Chopin, Debussy, Ravel, Bethoven e outros. Toda ação delas tinha ao fundo a música clássica a ela correspondente, por exemplo: o vermelho era o “Bolero”, de Ravel, e *Flicts* era “*Clair de lune*”, de Debussy.

Depois, com uma turma de alunos, formamos um grupo teatral coordenado/ dirigido por mim e pela amiga Professora Wany Sampaio. Esse grupo elaborou e representou duas peças – *A história da Dona Baratinha* e *A verdadeira história da Bela Adormecida* –, que ficaram em cartaz no SESC (Serviço Social do Comércio) de Porto Velho. Atuamos no teatro durante dois anos aproximadamente. Infelizmente, como o

teatro demandava muito tempo, não havia como conciliá-lo por muito tempo com as atividades acadêmicas.

## Trama "CENAs na UFU"



Mesa de abertura de um dos CENAs

Essa trama se refere, e muito, à pesquisa e bem que poderia estar lá nos Fios da pesquisa. Aliás, ensino, pesquisa e extensão se enlaçam sempre – ou deveriam enlaçar-se. Os CENAs são os Colóquios de Estudos em Narrativa organizados e desenvolvidos pelo GPEA<sup>16</sup>. Os CENAs, que ocorrem bianualmente, têm como tema fixo as narrativas ficcionais e a cada edição trazem um tema agregador dos estudos apresentados nas mesas-redondas e conferências.



A primeira edição do CENA aconteceu em 2008 e elegeu como tema “O espaço”. Foi um evento que, quando elaborado inicialmente, tinha o objetivo de ser muito mais local. A maioria dos conferencistas pertencia à UFU, sendo somente dois deles de outras universidades – UFTM (Universidade do Triângulo Mineiro) e UNESP/Araraquara –, os quais, além de virem por conta própria, trouxeram alunos de suas universidades. Contudo, o evento foi crescendo em função da divulgação feita por meio das mídias digitais, até abarcar um público bastante amplo, contando com

<sup>16</sup> Nos FIOS DE PESQUISA haverá uma trama dedicada ao GPEA.

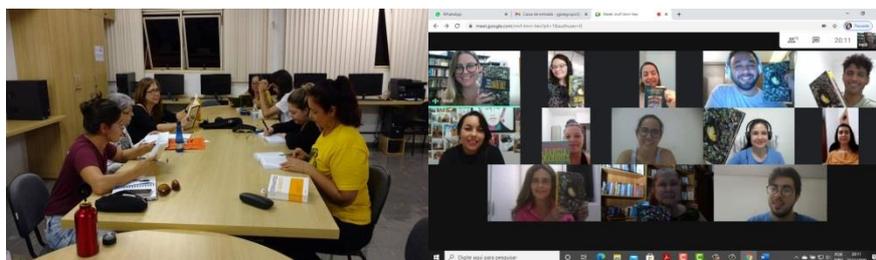
pesquisadores de todas as regiões brasileiras. Algumas mesas redondas foram compostas por uma diversidade de níveis de pesquisa acadêmicos da UFU – um professor doutor, um aluno da Pós-Graduação e um aluno da Graduação, todos apresentando suas pesquisas com a perspectiva de abordagem sobre o espaço. Essa formação híbrida objetiva evidenciar as peculiaridades da produção de trabalhos nos vários âmbitos acadêmicos, instigando um maior diálogo entre tais âmbitos, entretanto respeitando as diferenças hierárquicas comuns aos distintos níveis de pesquisa. Tivemos nessa edição o apoio da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). O CENA II, em 2010, teve o tema “História e ficção no universo do fantástico”. Nele, contamos com o apoio da FAPEMIG e da CAPES e, com isso, pudemos ter diversos conferencistas de outras universidades, todos eles vinculados ao GT (Grupo de Trabalho) da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) Vertentes do Insólito Ficcional. Em 2012, com o tema “As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez” realizamos o CENA III com o apoio da FAPEMIG e da CAPES. Em 2015, também com o apoio da FAPEMIG e da CAPES, realizamos o CENA IV, com o tema “A ficcionalização do medo na narrativa”, e nessa edição internacionalizamos o evento, trazendo de Portugal uma das conferencistas. Em 2016, fizemos um CENA intermediário, o CENINHA, reunindo nas palestras e comunicações trabalhos de pesquisadores da UFU. “No território de *mirabilia*: teorias e práticas do maravilhoso” foi a temática que abarcou as conferências e mesas do CENA V, em 2017, contando mais uma vez com o apoio financeiro da CAPES e da FAPEMIG. Em 2019, o GPEA realizou o CENA VI, trazendo o tema “Nos multiversos da ficção científica”, com conferencistas de várias regiões do país e também da Argentina, tratando das diferentes perspectivas e modalidades da ficção científica.

Em todas as edições do evento contamos com o apoio financeiro do ILEEL, do PPLET (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários), do Idiomas sem Fronteiras e das Pró-Reitorias da UFU. Há uma rede de produções do GPEA relacionada aos CENAs. A primeira edição do CENA gerou a publicação do livro *O espaço (en)cena* (Editora Claraluz, 2008), que reuniu os trabalhos apresentados nas conferências e mesas-redondas. Além desse livro, outra publicação resultante foi um e-book (EDUFU, 2008) contendo as comunicações apresentadas no evento. A segunda edição teve como produtos resultantes das discussões um e-book intitulado *História e ficção no universo do fantástico* (EDUFU, 2012), contendo as conferências e as comunicações apresentadas. Ainda como resultado do CENA II, três revistas foram organizadas a partir da temática do evento: *Letras & Letras* (UFU-MG), *Caderno Seminal* (UERJ-RJ) e *Semioses* (UNISUAM-

RJ). A terceira edição do evento teve como produto principal o livro *As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez* (1ª edição: Composer/2013; 2ª edição DIALOGARTS-RJ, Bonecker-RJ, 2017), livro esse que figura hoje na bibliografia básica do PROFLETRAS de todo o Brasil. Ainda como produto da terceira edição, foram publicados os Anais (EDUFU, 2013), contendo todas as comunicações apresentadas. O CENA IV teve como produtos os Anais (EDUFU, 2015) e um livro intitulado *Nos labirintos do medo: estudos sobre o medo na ficção* (DIALOGARTS-RJ, Bonecker-RJ, 2018), que integra as conferências e palestras apresentadas no evento. O livro *No território de mirabilia: estudos sobre o maravilhoso na ficção* (DIALOGARTS-RJ, Bonecker-RJ, 2018) reuniu os textos das conferências e mesas do CENA V. Esse evento gerou também um e-book contendo os textos das comunicações (EDUFU, 2018). As publicações referentes ao CENA VI atrasaram um pouco em função da pandemia, mas o e-book, intitulado *Nos multiversos das letras: estudos em literatura, letras e interartes*, já está finalizado e aguarda apenas a fase de editoração final na editora DIALOGARTS/UERJ, devendo ser lançado entre dezembro de 2020 a janeiro de 2021. O livro, *Nos multiversos da ficção científica*, com os textos das conferências e mesas entrará em fase de revisão e pretendemos lançá-lo até maio de 2021.



### Trama "Lector in fabula"

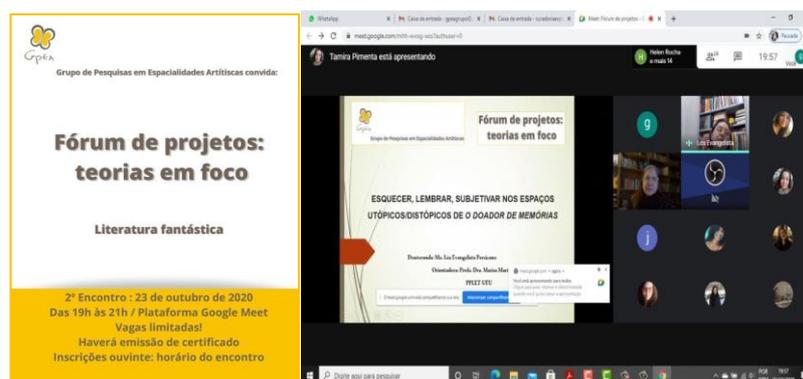


O "Lector in fabula" é um projeto de extensão do GPEA que coordeno desde 2012 e tem como proposta central a realização de encontros semanais para a

realização de leituras da literatura. O público-alvo do projeto é bem abrangente, uma vez que agrega tanto a comunidade de Letras, professores e alunos, como a comunidade acadêmica de outros cursos da UFU, e o público externo de uma forma geral que se interessa pela leitura do texto literário. O objetivo do projeto é ampliar a formação de leitura dos participantes do grupo. Outro objetivo é o de instigar a prática da comunicação oral, tão esvaziada nas escolas e universidades em decorrência da primazia que se concedeu à leitura silenciosa. Esperamos que os debates gerados pelas leituras nos encontros do grupo contribuam com a formação acadêmica-profissional dos participantes e, especialmente, com a sua formação pessoal, uma vez que, concordando com Antonio Candido, consideramos que uma das principais funções da literatura é a humanização do homem. Antes da pandemia do covid-19, os encontros eram realizados presencialmente no Bloco 5M do campus Santa Mônica da UFU. Após a pandemia, em função do isolamento social, os encontros reiniciaram-se em junho de 2020 por meio da plataforma digital Google Meet.

Alguns livros que lemos: *A hora da estrela*, *Crime e castigo*, *A morte de Ivan Ilitch*, *Infância*, *A Odisseia*, *Grande Sertão Veredas*, *Dom Quixote de La Mancha*, *O papel de parede amarelo*, *A peste*, *Ensaio sobre a cegueira*. Atualmente estamos lendo *Cem anos de solidão*.

## Trama "Fórum de projetos: teorias em foco"



Coordeno também este projeto, vinculado ao GPEA, que tem como objetivo a divulgação de projetos pesquisas em desenvolvimento ou recentemente encerrados e elege como foco a exposição das teorias que compõem a base teórica desses trabalhos. Os projetos devem ter como objeto de estudo a literatura. Tomamos como foco norteador para as discussões as teorias fundamentadoras dos projetos para que sejam

viabilizados diálogos amplos sobre a área dos estudos literários. O projeto teve início em setembro de 2020.

## FIOS DE PESQUISA



Sempre – se penso – a ponta dos meus dedos coça. É como se uma infinita fila de formigas perfilasse entre meus dedos, com seu passo adocicado. Assim, eu tomo o lápis, enlaço-o com saudades das árvores, e as palavras surgem finas pela ponta da grafite. E vêm de muito longe as palavras. Dormem desde antigamente em mim.

Bartolomeu Campos de Queirós (2012, p. 8)

## Trama “CEL da UNIR”



O CEL (Centro de Estudos da Linguagem), um centro de pesquisas da área de Letras da UNIR, tem uma história que perpassa mais de duas décadas e muitos caminhos. Tudo começou na antiga sala da Coordenação do Curso de Letras, situada perto do portão de entrada do *campus*, em um espaço que inicialmente seria destinado a hospedar professores visitantes. A sala, que seria um dormitório, era dividida em três ambientes – sala para a secretária do Curso, sala da coordenação e banheiro – um espaço amplo que os professores de Letras literalmente frequentavam. Naquela época eu coordenava o Curso de Letras. Alguns professores não saíam de lá e acabavam levando livros, que eram lidos não só pelos seus donos, mas pelos outros que por ali passavam. Os donos dos livros deixados ali geralmente faziam um convite à leitura: “Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo devir” (LARROSA, 2000, p. 139). O querido e saudoso Mauro Carneiro dizia que aquele espaço já estava ficando com ares de biblioteca. Alguns livros foram permanecendo – em sua maioria de Literatura –, doados pelos seus donos àquele espaço e um *locus* de leitura foi se instalando para além da sala de aula. Eu e Cassilda Duran ministrávamos aulas de Literatura Portuguesa e, vendo crescer aquele espaço de leitura, pensamos como seria bom e necessário ampliar aquela prática leitora tão produtiva também para os alunos do Curso. A frutuosidade de diálogos entre os professores sobre os livros lidos poderia estender-se aos alunos que por ali passavam. Como nossa área maior de atuação naquela época era a Literatura Portuguesa, decidimos inaugurar o Centro de Estudos Portugueses Florbela Espanca e, para tanto, fizemos contato com a Embaixada Portuguesa e com a Fundação Calouste Gulbenkian. “Navegar era preciso!” e nossa navegação conseguiu seu porto. Prontamente recebemos

um retorno e, mais que uma simples resposta formal de incentivo, conquistamos a parceria efetiva dessas instituições, as quais prontamente começaram a nos enviar publicações diversas sobre a literatura e a cultura portuguesas. A cada remessa de livros e revistas ficávamos entusiasmados. Abríamos as caixas, sedentos e curiosos, já esperando as belas publicações da Fundação Calouste Gulbenkian, que eram usadas nas aulas, bem como emprestadas aos alunos e professores.

Nossa biblioteca informal já havia se transformado em um centro de estudos e os livros, revistas, periódicos, que chegavam até nós continuamente, foram exigindo um espaço maior. Começamos a pleitear esse espaço, esforços foram feitos, muitos diálogos com a Reitoria e a Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação, até que conseguimos um espaço amplo, próximo à cantina do *campus* e às salas onde ocorriam as aulas de Letras. No início, revezávamos o trabalho no Centro: professores e alunos envolvidos com aquele gesto tão importante não só à universidade, mas à comunidade de uma forma geral, o gesto de formação de práticas leitoras. Conseguimos depois um secretário para assessorar nosso trabalho no Centro: catalogação de livros, ordenação nas estantes, empréstimos, assessoramento dos grupos de estudo e de leitura. O espaço congregava não só os leitores e interessados pela Literatura Portuguesa, como também toda a comunidade de Letras e cursos afins da UNIR. Doações de livros de várias áreas foram acontecendo e o nosso Centro continuava a crescer. Alunos e professores encontravam-se ali para pesquisar, conversar sobre as leituras e a vida acadêmica, planejar atividades diversas, como cursos de extensão e eventos (como o CCPC – Concurso de Crônicas, Poesias e Contos – e as Semanas de Letras). Ali foi gerada boa parte da história/memória do Curso de Letras da UNIR. E “navegar era sempre preciso”, por isso pensamos em fundar um Centro que abarcasse as literaturas de uma forma geral e os outros campos de conhecimento relacionados às letras. Foi então que criamos o CEL, um espaço agregador de formação leitora relacionado aos estudos de literatura, de linguística, de línguas estrangeiras, de latim e outros estudos do campo das Letras. Construímos juntos o Estatuto do CEL, criando normas específicas de seu funcionamento. Contudo, mais importante que as normas era o nosso desejo de sempre aliar, à maneira de Roland Barthes (1988), “saberes e sabores”. O Centro desenvolveu-se e “existe” até hoje. Poderíamos dizer “resiste”, porque, mesmo enfrentando as crises pelas quais a universidade brasileira passou, ele continua oferecendo-se como espaço agregador para o contínuo e necessário fortalecimento do Curso de Letras da UNIR. É importante ressaltar o quanto fomos pioneiros, pois, naquele tempo, nas universidades brasileiras, não era tão comum a ideia de centros de pesquisa como é atualmente. E,

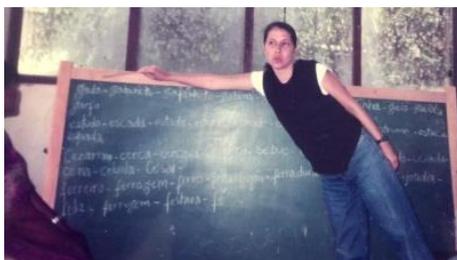
naquele tempo, já pensávamos em letrar a nós mesmos e a nossos alunos. O letramento corria solto entre nós em um tempo no qual essa palavra ainda não era moda! O letramento, como evidencia Graça Paulino (2017, p. 33), constitui-se como uma narrativa de identidade, como uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura e de escrita que se revelam sempre imperfeitas em função de seu não acabamento, de um constante devir, desvelando descobertas, perguntas e indícios a novos gestos de leitura e de formação de subjetividades. E reconheço que tudo começou em decorrência de termos naquele momento professores que entendiam que o espaço acadêmico ia muito além da sala de aula. Eram os encontros sobre leituras diversas, as rodas de discussão de textos teóricos e literários, e um grupo de teatro que eu coordenava com a professora Wany Sampaio, com os nossos alunos-atores, que garantiu até um espaço de apresentação das peças no SESC de Porto Velho. Tudo gerado nos espaços do nosso Centro, desde a sala-dormitório-biblioteca da coordenação a outros espaços que ocupamos. Essa rede de memórias faz-me pensar na importância de atuarmos como docentes que se propõem à tarefa de humanização dos sujeitos e dos saberes, ou seja, como docentes que compreendem que a leitura deve estar entranhada em nossas práticas cotidianas, constituindo nossos processos de subjetivação. Assim, tudo começou meio que despretensiosamente: de uma biblioteca improvisada em um canto da coordenação a um Centro que hoje é referência no Curso de Letras da nossa universidade. Nessa despretensão conseguimos alcançar espaços outros – acima e além –, ou como afirma poeticamente Manoel de Barros (2015, s.p.): “No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo”.

### Trama “Intercampus: ponte Amazônia & Espanha”

Voltamos aqui para alguns anos antes de eu ser liberada para o meu Doutorado, ano de 1996. Na UNIR, logo no início da habilitação de Espanhol do nosso Curso de Letras, foi feito um acordo entre a nossa universidade e algumas universidades espanholas que consistia no intercâmbio de alunos brasileiros e espanhóis durante dois meses. Os alunos brasileiros recebiam os espanhóis e vice-versa. Alguns professores eram designados como tutores desses alunos e com eles desenvolviam um pequeno projeto. Fui tutora de María Cuquejo, de Santiago de Compostela, e de Helena Capdevila, de Barcelona. A primeira desenvolveu um projeto interartes no qual tratamos do romance *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel, e da sua adaptação fílmica. A segunda desenvolveu um projeto tendo como base teórica a

Estética da Recepção. Tratamos de algumas obras da literatura infantil e nelas vimos de que forma elas, em suas tessituras, “esperavam” uma criança leitora ou se abriam a um público menos específico. Nos dois casos, encerramos os projetos com um minicurso com excelentes resultados. Foi uma experiência maravilhosa e na qual cresci muito como profissional das Letras.

### Trama “Linhas, celas, magias e Paulo Freire”



No curso que ministrei sobre a Proposta de Alfabetização de Paulo Freire

Em relação às minhas atividades na UNIR não posso deixar de narrar a minha experiência com a proposta de Paulo Freire, que vivi juntamente com Eliete Maria da Silva entre/em dois espaços bem diferentes: as celas do presídio Ênio Pinheiro e as linhas que se situavam entre Porto Velho e Candeias do Jamari. As linhas eram estreitas estradas de chão que adentravam a mata. Eu e mais duas outras professoras, Sonia Sampaio e Graça Martins, desenvolvíamos projetos diferentes em cinco escolas das linhas. O meu projeto mesclava a proposta de alfabetização de adultos de Paulo Freire ao trabalho com a literatura infantil e juvenil, especialmente as narrativas visuais. Eliete monitorava os três projetos das três professoras, mas envolveu-se bastante com o meu projeto e o levou para o presídio Ênio Pinheiro, onde era professora. A partir dessas duas experiências desenvolveu seu projeto de IC (Iniciação Científica) e de monografia no Curso de Letras da UNIR, no qual era aluna.

Antes de começarmos o trabalho nas linhas com o projeto, nas férias, eu e Eliete ministramos um curso intensivo sobre a proposta de Freire e a possível aliança com os livros – narrativas visuais – selecionados. Antes disso, eu e ela estudamos a proposta, pesquisamos práticas a ela relacionadas, fomos à pedagogia freiriana de uma forma geral. Constato hoje, ainda leitora de Freire e seguidora de sua pedagogia da autonomia, que esse importante filósofo da educação brasileira propôs o letramento muito antes de essa noção ter sido fundada, uma vez que, em sua proposta de alfabetização e leitura, não basta que o sujeito aprenda a decodificar a língua, é

preciso que, por meio de uma aprendizagem problematizadora, ele se apodere das redes de linguagens que encontra ao redor de si no mundo, tornando-se efetivamente sujeito do processo de leitura do mundo e das palavras, numa experiência contínua e significativa. Imergimos na filosofia freiriana e, com certeza, tornamo-nos diferentes, algumas percepções e conhecimentos nos modificaram como docentes e pesquisadoras. Voltando ao curso que ministramos. Seria a primeira experiência daquelas professoras com a educação de jovens e adultos. Foi uma experiência singular dar aulas sobre aquela proposta que havia nos modificado tão significativamente e, junto com as professoras, aprendemos mais coisas, outras facetas da proposta, novas possibilidades de entendimento. As aulas dos adultos iniciaram um mês e meio antes das aulas das crianças. Num sábado, dia da semana em que nos encontrávamos num sítio que ficava em um ponto intermediário entre as cinco escolas, a professora Vilma relatou-me feliz que os adultos estavam começando a formar palavras e a ler em um ritmo muito rápido. Ela estava encantada com a proposta de Freire e perguntou-me se poderia aplicá-la com as crianças. As aulas delas começariam na próxima semana. Eu disse a ela que poderia, sim, fazendo as necessárias adequações à realidade das crianças. A turma de crianças da Vilma alfabetizou-se muito rapidamente. Com os adultos, que estudavam à luz de lampiões<sup>17</sup>, a proposta também foi um sucesso.

No presídio, os alunos também se interessaram muito pelo aprendizado e as presenças nas aulas eram frequentes. Considerando-se que as aulas no presídio não eram obrigatórias, esse já foi um ponto positivo. A primeira palavra geradora escolhida pelos apenados nos diálogos na Roda foi revólver. Ficamos em um impasse. Palavra difícil! (ra-re-ri-ro-ru-val-vel-vil-vol-vul-var-ver-vir-vor-vur). Será? Decidimos que sim, respeitaríamos o processo. Deu certo. Além de certo, porque por meio do trabalho com revólver, os diálogos entre professora e alunos se encaminharam para o sentido do revólver na vida deles, na vida dos outros, no mundo.

Meses depois de encerrado o projeto, em 1996, Paulo Freire esteve em Porto Velho. Eu e Eliete assistimos juntas a sua fala – tão linda e pertinente... sempre! A

---

<sup>17</sup> Entremeada "Céu de estrelas": Fomos algumas noites assistir às aulas, fazer um acompanhamento do processo nas linhas. Relato a minha primeira viagem noturna pelas linhas: Completamente indizível a maravilha do caminho da mata escura amazônica em contraste com o céu mais estrelado que já havia visto. Eu via nitidamente a Via Láctea, no alto, como um sinuoso caminho por cima da sinuosa linha. Outro momento de epifania. Dentro da escola da Zilma, a luz pálida dos lampiões e a luz intensa dos olhos daqueles alunos, muitos deles com as peles enrugadas e um desejo enorme de aprender a ler e escrever. Uma senhorinha de sessenta e sete anos dizia que queria logo aprender para "eu mesma ler as cartas do meu neto que mora em São Paulo. Não confio muito no que me contam". Um senhor queria ler sozinho a *Bíblia*. Uma outra senhora de cabelos bem branquinhos queria ler sozinho um jornal, pois achava aquilo muito bonito e que "era, sim, coisa para mulher". Experiências significativas que me tocam até hoje em minha prática docente e em minha concepção de humanidade. Paulo Freire me proporcionou essas experiências de humanização!

palestra foi em um auditório muito próximo à sala da coordenação de Letras, para onde eu fui depois da palestra. Terminada a palestra, ele autografou livros. No final de tudo, lá vinha ele ao lado do professor Osmar Siena, nosso reitor à época... lá vinha ele pelo caminho em frente à janela da coordenação. Eliete puxou-me e quando me dei conta eu estava na frente do Paulo Freire escutando Eliete relatar onde havíamos posto em ação a sua proposta. Ele escutou maravilhado. Perguntou o que eram as linhas, depois perguntou qual tinha sido a primeira palavra geradora no presídio e quando escutou a nossa resposta, falando inclusive sobre os resultados positivos, ele deu-nos um sorriso tão doce, humilde e lindo. Falou-nos que o sentido de alfabetizar estava na ambiência mágica por meio da qual as palavras passam a fazer na vida dos sujeitos, palavras assumidas nas experiências diárias e não meramente repetidas mecanicamente. Freire nos dava ali uma aula de letramento!



### Trama "GEADUNIR"



Chegando em Porto Velho, de volta do Doutorado em Araraquara, movida pelo GEADA, criei o GEADUNIR (Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UNIR). O Grupo reunia-se quinzenalmente para estudos da Análise do Discurso Francesa. Em primeiro lugar, fizemos estudos gerais envolvendo os grandes pilares desse campo transdisciplinar de conhecimento, estabelecendo como ponto de partida alguns pressupostos de Michel Pêcheux. Depois desse momento inicial, definimos a perspectiva foucaultiana como a base central de nossas pesquisas e para tanto fizemos a leitura e a discussão de obras basilares como, por exemplo, *As palavras e as coisas*, *A ordem do discurso* e *A Arqueologia do saber*. Nosso grupo, coordenado por mim e por Roberto Farias, contava com alunas e alunos da Graduação e da Pós-Graduação da UNIR e

com pessoas da comunidade, em geral professores e professoras da rede pública e privada.

Quando Rosário Gregolin esteve em Porto Velho para ministrar uma disciplina em nosso Mestrado em Ciências Humanas, esteve conosco em uma de nossas reuniões, uma reunião especial. Eu, Roberto e os pesquisadores do grupo no beiradão do rio Madeira. Rosário Gregolin, quando fez o “Balanço 2002 GEADA” escreveu sobre a cena:

O GEADA-UNIR, extensão primeira do nosso grupo, já está cadastrado no site de Grupos de Pesquisa do CNPq. Tive a satisfação de participar de uma reunião, em Porto Velho, e de ver uma roda falando de Foucault, à margem do Madeira: o rio era um filete de ouro se derramando do horizonte; a roda, viva, como uma serpente encantada em torno de Marisa e de Roberto Farias.<sup>18</sup>

Jamais me esqueci também da magia dessa cena. O GEADUNIR manteve suas atividades – reuniões de estudo e eventos – até o ano de 2006, quando fui morar em Uberlândia.



Em evento promovido pelo GEADUNIR com Rosário Gregolin.

## Trama “GPEA”



Assim que cheguei à UFU, reuni um grupo de alunos da Graduação e da Pós e começamos a fazer encontros para estudar as teorias sobre o espaço na literatura. Como nessa época eu trabalhava em um projeto sobre as “Representações do espaço na narrativa fantástica”, os textos dos encontros agregavam ora os estudos sobre o espaço literário, ora os estudos sobre a literatura fantástica.

---

<sup>18</sup> GREGOLIN, Maria do Rosário. Dos balanços e seus inumeráveis fios II: percursos de leituras do GEADA (2001 e 2002). Disponível em: <<http://geadaararaquara.blogspot.com/2015/07/dos-balancos-e-seus-inumeraveis-fios-ii.html>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

Como decidi enveredar-me nos estudos sobre o espaço? Na época em que estava terminando o Doutorado, debruçada sobre a obra de Foucault, detive-me com atenção especialmente em dois textos: o prefácio de *As palavras e as coisas* (1968) e o ensaio “Outros espaços” (2001). Percebi a importância atribuída por Foucault ao espaço. Depois, ao ler o ensaio “Sobre a geografia”, que integra o livro *Microfísica do poder* (2015) confirmei minhas hipóteses:

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder. (FOUCAULT, 2015, p. 252).

Prossigui minhas investigações, e cheguei ao ensaio “Linguagem e literatura” (2016), conferência proferida em Bruxelas em 1964, dois anos antes da publicação de *As palavras e as coisas*, livro no qual expõe pela primeira vez as noções de heterotopia e utopia. Nessa conferência, Foucault afirma que a crítica literária esteve muito tempo preocupada em tratar da literatura atrelada a esquemas e noções temporais e isso talvez tenha ocorrido devido ao fato de a linguagem funcionar no tempo, ser articulada em uma dada temporalidade. Foucault admite, então, o parentesco da linguagem com o tempo, reitera que a função da linguagem é temporal; todavia, esclarece que:

a função da linguagem não é o seu ser: se sua função é o tempo, seu ser é o espaço. Espaço porque cada elemento da linguagem só tem sentido em uma rede sincrônica. Espaço porque o valor semântico de cada palavra ou de cada expressão é definido por referência a um quadro, a um paradigma. Espaço porque a própria sucessão dos elementos, a ordem das palavras, as flexões, a concordância entre as palavras ao longo da cadeia falada obedecem, mais ou menos, às exigências simultâneas, arquitetônicas, por conseguinte espaciais, da sintaxe. [...] E o que permite a um signo ser signo não é o tempo, mas o espaço. (FOUCAULT, 2001, p. 168).

Atrelei essas leituras a outras, porque lembrei-me de que, em “A filosofia da composição”, Edgar Allan Poe também enfatiza a importância do espaço para os efeitos gerados em “O corvo”. Recordei-me dos contos de Poe e de outros autores da literatura fantástica: Julio Cortázar, Murilo Rubião, Borges, Silvina Ocampo, Lygia Fagundes Telles, Mia Couto... E cheguei à conclusão de que o espaço é de fundamental importância para a irrupção do fantástico em muitas narrativas. Cheguei aos dois pontos que enlaçaram o meu primeiro projeto de pesquisa na UFU (“Representações do espaço na narrativa fantástica”), bem como ao ponto de partida para a criação do GPEA (Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas).

O grupo, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ([dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/)

9021202725739708), foi criado oficialmente em 2008 e possui sede na Universidade Federal de Uberlândia.

Cinco são as suas linhas de pesquisa: 1) Espaço discursivo; 2) Espaço e artes visuais; 3) Espaço e narrativa; 4) Espaço fantástico; 5) Espaço e Experiência. As duas linhas que agregam o maior número de projetos são “Espaço fantástico” e “Espaço e narrativa”.

Até sua aposentadoria, em 2015, Maria Cristina Martins, professora do núcleo de Línguas Estrangeiras, foi a vice-líder do GPEA e grande companheira de diálogos e leituras.

O grupo conta com a integração de participantes externos de outras universidades brasileiras e outras estrangeiras. Há também a integração do grupo com outros grupos e centros de pesquisa: LABEDISCO – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana), Vertentes do Fantástico (UNESP), Nós do Insólito (UERJ), TOPUS (UnB, UFTM), A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ), Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra) e GEF – Grupo de Estudios sobre lo Fantástico (Universidade de Barcelona).

As reuniões de estudo do grupo ocorrem mensalmente, pondo em debate textos que convergem sobre os temas de suas linhas de pesquisa. O GPEA organiza bianualmente o CENA, que foi abordado nos Fios de Extensão. Outros projetos organizados e desenvolvidos pelo GPEA, e que igualmente foram descritos nos Fios de Extensão, são o “*Lector in fabula*” e o “Fórum de projetos: teorias em foco”.

### Trama “GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional”

Nas urdiduras dos encontros e diálogos entre alguns professores e seus grupos de pesquisa nasceu o GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Karin Volobuef (Vertentes do Fantástico da Literatura – UNESP), Flavio García<sup>19</sup>, Cristina Batalha, Julio França e Regina Michelli (Nós do Insólito – UERJ) e eu (GPEA – UFU) encontramos-nos em alguns eventos e unimos nossos olhares em torno de um objeto comum aos nossos grupos; depois fomos trazendo novos colegas de outros grupos e outras universidades para um projeto que fazia (e faz) todos sentido para nós: o GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. O GT iniciou-se oficialmente pela ANPOLL em 2011 e tem atualmente

---

<sup>19</sup> Entremeadada “Amigo do Rio”: Com Flavio García tenho feito variadas parcerias no campo da Literatura Fantástica: coordenação de eventos, coordenação de simpósios e GTs em eventos, parcerias em mesas redondas, organização de livros e de periódicos técnico-científicos, participação em bancas de conclusão da Pós-Graduação. Sempre muitas trocas frutuosas!

quarenta e um membros. O grupo se reúne nos ENANPOLLs (Encontros Nacionais da ANPOLL) e em eventos organizados pelos nossos grupos, estabelecendo uma agenda para que não haja coincidência de datas. Também faz parte de nosso planejamento bianual a organização de dossiês em periódicos e de livros na área de abrangência do nosso GT. No ano de 2014 assumi a vice-liderança do GT e em 2016 a liderança. Na nossa página no site da ANPOLL – <http://anpoll.org.br/gt/vertentes-do-insolitoficcional/> – é possível conferir os planos de trabalho e os relatórios de atividade do grupo, desde a sua criação até o último biênio.



Um dos encontros do nosso GT.

### Trama “Projetos CNPq”

Os quatro projetos que apresentei às instâncias da UFU – de 2006 à presente data – para vincular aos projetos de IC e à Pós-Graduação em Estudos Literários também submeti aos editais de bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, sendo contemplada em todos os casos.

Comecei a desenvolver o primeiro projeto, “Representações do espaço na narrativa fantástica”, no ano de 2006. Ele foi o responsável pelos primeiros balizamentos de minhas pesquisas na UFU e por isso estendeu-se por um longo tempo de desenvolvimento. Em 2010, eu o submeti ao edital de Produtividade em Pesquisa do CNPq e fui contemplada com a bolsa.

Nesse projeto, partimos da hipótese de que o espaço ficcional é um elemento basilar para a configuração do insólito nas narrativas fantásticas. O espaço ficcional possui admirável relevância na constituição de sentidos da narrativa literária, uma vez que os acontecimentos ficcionais só conseguem edificar-se por intermédio de uma localização que lhes dê suporte e sentido. A importância das espacialidades ficcionais pode ser entendida, por exemplo, por meio de narrativas que apontam para o desenho espacial desde o seu título, como é o caso, por exemplo, de “A Casa do Girassol

Vermelho”, de Murilo Rubião; “A máquina extraviada”, de J. J. Veiga; “A queda da casa de Usher”, de Edgar Allan Poe; *A Jangada de pedra*, de José Saramago; ou *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino. Essa importância do espaço não se encerra apenas no plano da caracterização das personagens ou da paisagem geográfica, como um mero pano de fundo, porém pode ser entendida como uma forma de revelar metaforicamente as práticas ideológicas do mundo posto em ficção e ser um potente canal para a deflagração de sentidos, contribuindo para o desdobramento múltiplo da polissemia literária.

E, no caso da narrativa fantástica, como o espaço é construído? Para os teóricos da literatura fantástica, qual o lugar que o espaço ficcional ocupa na deflagração de efeitos insólitos? Acreditamos que um procedimento potencial para a instauração do fantástico advém de sua capacidade de sobrepor duas (ou mais) dimensões diversas em um mesmo contexto narrativo. Essas espacialidades diferentes e postas em conjunção são encontradas em muitas narrativas fantásticas. Para citar apenas um exemplo, basta lembramo-nos da intersecção de planos espaciais que ocorre em “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar (1971), já que o mundo ficcional do livro lido pelo protagonista-leitor invade o mundo de seu cotidiano, e o leitor que lê o conto cortaziano já não sabe qual o ponto que limita esses dois mundos, bem como se esse ponto de limite de fato existe. O homem a ser assassinado no romance lido está sentado na mesma poltrona em que se posiciona o homem que lê o romance, e o conto de Cortázar se encerra com esse efeito de esfumamento dos limites.

O projeto foi encerrado no início do ano de 2013, quando iniciamos outro projeto, intitulado “Representações espaciais do horror na narrativa fantástica brasileira dos séculos XX e XXI”, também contemplado com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Nele, buscamos mostrar a importância dos espaços ficcionais para a construção de uma atmosfera de horror em contos brasileiros nos séculos XX e XXI.

Apresento aqui a motivação que me levou a conceber e desenvolver este projeto: a narrativa “Trem fantasma”, do escritor brasileiro Moacyr Scliar. Nele, Matias é um menino de nove anos com leucemia, que tinha um último desejo: passear de Trem fantasma. A mãe pede ao amigo de Matias, o narrador da história, que a auxilie a realizar o desejo do seu filho. Como não seria possível transportar o menino até um parque onde funcionava o Trem Fantasma, o narrador vai até o parque, visita o Trem Fantasma várias vezes e, depois, munido dessa experiência, projeta e constrói, junto com os familiares de Matias, um Trem Fantasma improvisado na casa de Matias, e “[a] sessão teve lugar a três de julho de 1956, às vinte e uma horas” (SCLIAR, s.d., p. 79). O

menino foi envolto em cobertores e colocado em um carrinho de bebê para realizar o seu passeio pelo Trem Fantasma criado só para ele. A família toda entra na atmosfera horrífica do Trem e cada um atua como ator de uma cena: a mãe encarnou uma bruxa que invocava deuses do mal e perseguia o narrador, e este carregava em disparada o carrinho de Matias; o pai encenou um enforcado com língua de fora e pele arroxeadada; o irmão, um esqueleto; e as irmãs, mortas esfaqueadas. O menino, depois do espetáculo, foi dormir saciado e semanas depois, satisfeito o desejo, morreu feliz.

Essa narrativa de Scliar serviu com eficácia para o lançamento de algumas indagações necessárias a esse projeto: por que as pessoas precisam do horror? Por que razão o medo suscita uma curiosidade e às vezes uma satisfação enorme nas pessoas, sejam elas leitoras ou não? E, para respondê-las, recorri a uma citação antológica de Howard Phillips Lovecraft (1987, p. 1): “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido”. Por esse motivo, a narrativa de horror sobreviveu e atravessou séculos, modas, estéticas e estilos. Como afirma Alberto Manguel (2005, p. 9) na introdução que faz à coletânea de contos de horror do século XIX organizada por ele: “Por medo ao desconhecido construímos sociedades com muralhas e fronteiras mas, nostálgicos, contamos histórias para não esquecer sua pálida presença”.

Esse projeto encerrou-se no início do ano de 2016, quando demos início a um outro projeto, “Projeções estéticas de objetos insólitos em contos fantásticos dos séculos XX e XXI”, também contemplado com a bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. O projeto teve como proposta de base o estudo da importância dos espaços ficcionais na construção da ambientação fantástica de contos fantásticos dos séculos XX e XXI. Dentre os espaços ficcionais elencados como objeto de pesquisa, selecionamos os “objetos” que aparecem no centro da narração dos contos. Para tanto, as perspectivas teóricas norteadoras tiveram por fundamento as noções sobre espaço e, mais especificamente, sobre objetos; bem como sobre narrativa fantástica.

Ao longo do projeto, procuramos pesquisar a relação entre os objetos e os sujeitos. Que humanidade possuem os sujeitos que têm a posse de objetos? Qual a relação de sua subjetividade com esse exterior – o objeto – que os aflige? De acordo com alguns autores, o sujeito, para dobrar-se, subjetivar-se, necessita de intensificar sua relação com os objetos que se localizam em seu entorno:

segundo Serres, podemos dizer que não existe vida humana sem ao menos um objeto. A dobra mínima aparece na relação com um objeto. A subjetividade, nesse sentido, é sempre um dispositivo que exige ao menos a relação com um objeto. Não se pode falar de processo de subjetivação sem

referir-se a obras, mas não se pode falar de obras sem referir-se ao objetual. (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001, p. 128).

Para reforçar essa tese, é preciso acionar o que Francis Ponge (1996) assinala sobre a transitividade dos objetos: os sujeitos necessitam de objetos que os afetem. Em muitos contos fantásticos nos quais os objetos estão no centro, os autores acabam realizando uma espécie de ensaio sobre a poesia das coisas, sua potencialidade insólita, sua magia imersa em um mundo aparentemente prosaico.

No início do ano de 2019, o referido projeto foi encerrado e iniciamos o projeto “Cronotopias fantásticas: estudo das modalidades cronotópicas na literatura fantástica”, e mais uma vez tivemos a aprovação desse projeto no edital de bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, que será encerrado no início de 2022.

O projeto tem como proposta de base o levantamento e o estudo das cronotopias mais incidentes na literatura fantástica. Mikhail Bakhtin define a noção de cronotopia como a conjunção fundamental entre tempo e espaço na literatura. Procuramos pensar de que forma a cronotopia pode atuar no processo de construção da ambientação na literatura fantástica, sendo responsável por efeitos tão comuns a essa literatura e apontados por alguns teóricos, como a hesitação (Tzvetan Todorov), a incerteza (Irene Bessièrre), o medo (David Roas) ou o insólito (Lenira Marques Covizzi). Por entendermos que a conjunção entre espaço e tempo, que elabora o cronotopo, corrobora para a composição insólita da narrativa, procuramos investigar se podemos pensar em cronotopos específicos relacionados à literatura fantástica, buscando gerar uma tipologia relacionada a cronotopos fantásticos. Até o momento já levantamos alguns: a cronotopia da metamorfose, a cronotopia das múltiplas histórias, a cronotopia do onirismo, a cronotopia dos limiares vida/morte, e as cronotopia das utopias e das distopias.

Esses projetos vêm agregando outros projetos, como os de Iniciação Científica e aqueles ligados ao Mestrado e Doutorado Acadêmicos. Eles também são responsáveis por toda a produção desse período, configurando-se como um motor para os textos publicados e/ou apresentados em conferências, palestras e comunicações.

### Trama “Projeto A literatura em devir”

O projeto em tela nesta trama foi apresentado para o meu credenciamento no PROFLETRAS, da UFU. O lugar indireto que a literatura confere aos saberes relaciona-se ao conceito de devir. Para Gilles Deleuze (1997), a escrita da literatura não impõe

formas de expressões às matérias reais, vividas e por isso ela cria um espaço de devir, um espaço “entre”, inacabado, que toma continuamente uma nova forma na medida em que o texto é lido, relido e vivido, praticado como deslocamento, reinvenção de culturas e possibilidade de vida. A cada releitura, uma descoberta de algo no texto. Todavia a descoberta de algo diferente não é só no plano da superfície do texto, mas também a descoberta de que, pela leitura, descobrimo-nos diferentes, porque, no ato da leitura, assumimos variados devires e podemos reinventar nosso processo de subjetivação na sociedade. É com base nessa rede de ideias em torno da noção de devir que o projeto toma como metas principais a investigação de práticas de letramento literário em escolas e outros espaços de leitura (por meio do diálogo com os projetos desenvolvidos pelos mestrados do PROFLETRAS), bem como a análise da produção literária para crianças e jovens.

Vinculado a esse projeto, escrevi o ensaio intitulado “O território da *semiosis*: a palavra literária dirigida a crianças”, que foi publicado no livro *Literatura de Recepção infantil e juvenil: modos de emancipar*, organizado por Rosemar Coenga e Fabiano Tadeu Grazioli. Esse livro ganhou o prêmio Melhor livro teórico da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) no ano de 2019 (Produção de 2018).

### Trama “ICs da UNIR”

Resgato, em minha rede de lembranças, outras recordações de orientações de Iniciação Científica da UNIR. Uma no campo da poesia, cujo projeto intitulava-se “Criança rima com poesia” e no qual a orientanda pesquisou o trabalho dos professores com a poesia na terceira série do ensino fundamental em duas escolas de Porto Velho – uma central e outra periférica. Também pesquisamos, nos livros adotados pelas referidas escolas e naqueles indicados pelo MEC (Ministério da Educação), qual a frequência de apresentação e de trabalho com a poesia. Por último, a orientanda desenvolveu uma oficina de criação poética com as crianças das escolas enfocadas pela pesquisa.

Orientei também o trabalho de monografia de final de Curso de duas alunas da Graduação com foco em narrativas contadas pelos meninos de rua de Porto Velho.

Outro projeto que resgato aqui, o “Apontamentos para uma história da leitura de Porto Velho”, tinha como objetivos principais a pesquisa da história da leitura em Porto Velho; bem como o desenvolvimento, junto à comunidade, da importância do real e efetivo aproveitamento das bibliotecas e salas de leitura como espaços de formação

de gosto pela leitura. O projeto abarcava alguns subprojetos: “O Espaço e as Práticas de Leitura nas Bibliotecas Escolares”, “Centro de Documentação Histórico: Jornais”, “Centro de Documentação Histórico: Imagens e livros”, “As bibliotecas públicas como formadoras de leitores – Pontes Pinto: novas entrevistas e perspectivas de reabertura”, “As bibliotecas públicas como formadoras de leitores – Francisco Meireles antes da reforma”, “As bibliotecas públicas como formadoras de leitores – Francisco Meireles depois da reforma”, “As livrarias como espaços de circulação da leitura” e “Oficinas de leitura: entre práticas e concepções de educandos e educadores”. Para o desenvolvimento de um projeto desse porte contávamos com seis orientandos, três deles recebendo bolsas. Foi um projeto que recebeu um ótimo acolhimento da comunidade e foi muito bem avaliado pelo comitê avaliador de ICs.

### Trama “ICs da UFU”

De 2007 até a presente data, orientei vinte e cinco projetos de Iniciação Científica na UFU, todos eles relacionados ao espaço e/ou à literatura fantástica, às linhas de pesquisa do GPEA, e aos meus projetos de pesquisa. Orientei alguns alunos e alunas em mais de um projeto e em muitos casos, quase a maioria, os/as orientei no Mestrado após concluírem a Graduação. Todos os projetos dos alunos foram contemplados com bolsas, seja do CNPq, seja da FAPEMIG, seja da UFU ou do PET (Plano de Estudo Tutorado) Letras:

1. JUCELÉN MORAES CARDOSO. **(M)ACHADO: UM LOUCO - A CRÍTICA AO CIENTIFICISMO PELA CONSTRUÇÃO DA LOUCURA NO TEXTO LITERÁRIO.**
2. LÍGIA SOARES SENE. **REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS DE MURILO RUBIÃO**
3. ALINE BRUSTELLO PEREIRA. **O ESPAÇO E O FANTÁSTICO NA OBRA DE EDGAR ALAN POE.**
4. BRUNO DE SOUSA FIGUEIRA. **TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ABORDAGEM ESTÉTICA NOS CONTOS DE FADAS.**
5. EDUARDA LAMANES GOMES. **TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ABORDAGEM ESTÉTICA NOS CONTOS DE FADAS.**
6. LUMA MARIA BRAGA DE URZEDO. **REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS DE JOÃO GUIMARÃES ROSA.**
7. JUCELÉN MORAES CARDOSO. **O RUBIÃO: LOUCURA COMO UM NOVO ENGAGEMENT LITERÁRIO, O ENGENHO DE MACHADO.**
8. LÍGIA SOARES SENE. **AS “PORCARIAS” DAS METAMORFOSES: UM ESTUDO DA TRANSFORMAÇÃO HOMEM-ANIMAL-HOMEM NA NARRATIVA FANTÁSTICA.**
9. EDUARDA LAMANES GOMES. **AS CONSTRUÇÕES DO ESPAÇO NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO E CLARICE LISPECTOR.**
10. DALILA ANDRADE LARA. **ANÁLISE DO ESPAÇO DIEGÉTICO NA OBRA FANTÁSTICA O MANDARIM, DE EÇA DE QUEIRÓS.**
11. CARLINE BARBON DOS SANTOS. **REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**
12. LUMA MARIA BRAGA DE URZEDO. **ÁGUA, FOGO, TERRA E AR: OS ELEMENTOS DA NATUREZA E A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO EM GABRIEL GARCÍA MARQUEZ.**

13. LILIAN LIMA MACIEL. **O REAL E O FANTÁSTICO EM A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA: LIMITES E DEFINIÇÕES.**
14. CARLINE BARBON DOS SANTOS. **OS OBJETOS MEDIADORES DE AS MIL E UMA NOITES.**
15. EDUARDA LAMANES GOMES. **OBJECTO(S) QUASE: OS ESPAÇOS FANTÁSTICOS NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO.**
16. SANDRA MARA CARVALHO. **A SUBJETIVIDADE NOS ESPAÇOS DO JARDIM SECRETO.**
17. ITALIENE SANTOS DE CASTRO. **AS REPRESENTAÇÕES DO SAPATO NA POLISSEMIA DE SAPATO DE SALTO, DE LYGIA BOJUNGA.**
18. ANA CLARA ALBUQUERQUE BERTUCCI. **REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA HISTÓRIA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS.**
19. MARCUS VINÍCIUS LESSA DE LIMA. **IRRUPÇÕES INSÓLITAS EM VERGÍLIO FERREIRA: ALEGRIA BREVE, ESTRELA POLAR E OS MECANISMOS DE PRODUÇÃO DO INSÓLITO FICCIONAL.**
20. TAMIRA PIMENTA. **COMO ESCREVER UMA VIDA? O INSÓLITO NA ESCRITA E PINTURA KAHLIANA.**
21. AMANDA LETÍCIA FALCÃO TONETTO. **A NARRATIVA FANTÁSTICA DE LYGIA FAGUNDES TELLES.**
22. VITOR RODRIGUES SOARES. **A INTERTEXTUALIDADE DO DUPLO E DO ESPELHO ENTRE WILLIAM WILSON E CISNE NEGRO.**
23. MARCUS VINÍCIUS LESSA DE LIMA. **O(S) DISCURSO(S) EXISTENCIALISTA(S) E FENOMENOLÓGICO(S) COMO FATOR CONDICIONANTE NA IRRUPÇÃO DO INSÓLITO EM APARIÇÃO, DE VERGÍLIO FERREIRA.**
24. AMANDA LETÍCIA FALCÃO TONETTO. **A NARRATIVA FANTÁSTICA DE LYGIA FAGUNDES TELLES: VISÕES DO INSÓLITO E DO METAEMPÍRICO.**
25. ANA CLARA ALBUQUERQUE BERTUCCI. **UMA ANÁLISE DE SOB A REDOMA, DE STEPHEN KING, PELA ÓTICA DO MODO FANTÁSTICO.**

### Trama "Orientações de Mestrado"

Antes da UFU, orientei três projetos de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre, no qual atuei como professora colaboradora. Todos os projetos integravam a linha de pesquisa relacionada aos estudos sobre a Amazônia:

1. IZA REIS GOMES. **ANA: UMA ÍNDIA NAUÁ NA FRONTEIRA DE SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.**
2. ELIOMAR RODRIGUES DA ROCHA. **MICROFÍSICAS DO IMPERIALISMO: A AMAZÔNIA NA DÉCADA DE 80 EM ALGUNS RELATOS DE VIAGEM.**
3. EDUARDO DE ARAÚJO CARNEIRO. **O DISCURSO FUNDADOR DO ACRE: HEROÍSMO E PATRIOTISMO NO ÚLTIMO OESTE.**

Quando estava em Porto Velho, ainda orientei um projeto de Mestrado em Educação realizado por meio de um convênio entre a UNIR, a Faculdade São Lucas e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa):

1. MARIA DE NAZARÉ GOMES DE OLIVEIRA. **HISTÓRIAS DE VIDA E DE LEITURA DE PROFESSORES-LEITORES.**

Na UFU, algumas das minhas orientações de Mestrado, conforme anunciei anteriormente, originaram-se em um trabalho principiado na Iniciação Científica. As

orientações de Mestrado têm duas origens: no Mestrado Acadêmico em Teoria Literária (posteriormente Pós-Graduação em Estudos Literários) e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS):

1. POLIANA GONÇALVES LIMA. **A VISÃO BERNARDINA DO ÍNDIO N'O ERMITÃO DO MUQUÉM.**
2. MARLI CARDOSO DOS SANTOS. **O SONHO EM MACHADO DE ASSIS: ANÁLISE DOS ESPAÇOS FANTÁSTICOS.**
3. ROSANA GONDIM REZENDE. **NAS TEIAS DA FICÇÃO: ESPACIALIDADES E VISUALIDADES EM ANTES DO BAILE VERDE.**
4. ALEXANDER REZENDE LUZ. **IDENTIDADE E ALTERIDADE EM A CONFISSÃO DE LÚCIO, DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO.**
5. CÁSSIA DIONÉIA SILVEIRA MENDES. **AS ESPACIALIDADES EM OBJETOS TURBULENTOS.**
6. JÚLIO CEZAR PEREIRA DE ASSIS. **A CASA E O UNIVERSO MANAUARA: UMA LEITURA TOPOANALÍTICA DA OBRA DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM.**
7. JUCELÉN MORAES CARDOSO. **DOBRADURAS E DESDOBRAMENTOS DO ENGENHO LITERÁRIO EM MACHADO DE ASSIS: A REPRESENTAÇÃO DO ANORMAL.**
8. KEULA APARECIDA DE LIMA. **TEMPO E ESPAÇO EM LA SEMANA DE COLORES DE ELENA GARRO.**
9. DALILA ANDRADE LARA. **REPRESENTAÇÕES DOS ESPAÇOS FANTÁSTICOS DO ORIENTE SOB A ÓTICA OCIDENTAL: UMA ANÁLISE DE O MANDARIM E A RELÍQUIA, DE EÇA DE QUEIRÓS.**
10. HENRIQUE SOARES LANDIM. **O PARAÍSO REVISITADO DE PAULO HENRIQUES BRITTO E OUTROS 'PARAÍÇOS'.**
11. ALINE BRUSTELLO PEREIRA. **LABIRINTOS FANTÁSTICOS EM CLARICE LISPECTOR E ALICE MUNRO.**
12. SAMIRA DAURA BOTELHO. **HISTÓRIA, FICÇÃO E MEMÓRIA NOS ESPAÇOS FANTÁSTICOS DE A JANGADA DE PEDRA: UMA (A)VENTURA IBÉRICA.**
13. LILIAN LIMA MACIEL. **ESPACIALIDADES REAIS E FANTÁSTICAS NAS NARRATIVAS DE LYGIA BOJUNGA: UMA LEITURA DE A BOLSA AMARELA, A CASA DA MADRINHA E O SOFÁ ESTAMPADO.**
14. TATIANE GALDINO DA SILVA. **APROPRIAÇÕES E RECORRÊNCIAS À GRÉCIA ANTIGA: "LA MIRADA ESTRABICA" DE MACHADO DE ASSIS.**
15. SUELENE ALVES LOPES LOPES. **LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.**
16. LORENA FARIA DE SOUZA. **LENDAS DO NEGRO E ÍNDIO NO LETRAMENTO LITERÁRIO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.**
17. MARINEIA LIMA CENEDEZI. **LEITURA LITERÁRIA E DISCURSO: A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.**
18. JOSIANE TAVARES SILVA. **LEITURA EM MOSAICO: A CONSTRUÇÃO DA LEITURA SUBJETIVA POR MEIO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NO LETRAMENTO LITERÁRIO.**
19. SANDRA MARA CARVALHO. **O JARDIM DAS VEREDAS QUE SE ENCONTRAM: CINCO PASSEIOS NOS ESPAÇOS LITERÁRIO E FÍLMICO DO JARDIM SECRETO.**
20. HELEN CRISTINE ALVES ROCHA. **O INSÓLITO NO ESPAÇO-CORPO DO CAVALEIRO INEXISTENTE E DO VISCONDE PARTIDO AO MEIO, DE ITALO CALVINO.**
21. CARLINE BARBON DOS SANTOS. **O ESPAÇO FICCIONAL E O EFEITO DO HORROR NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**
22. ECIVAL CARVALHO DOS SANTOS. **POESIA COM TECNOLOGIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO 9º ANO DA EJA.**
23. LILLIÂN ALVES BORGES. **NOS RASTROS DO SUJEITO: ESPACIALIDADES, SUBJETIVAÇÃO E DESSUBJETIVAÇÃO EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE.**
24. ALAUANDA DE VASCONCELOS FERNANDES. **A RAINHA DA NEVE, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FANTÁSTICO NAS AVENTURAS DE GERDA.**
25. JOSAINÉ CORSSO. **SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: A CASA DO LEITOR.** 2016. DISSERTAÇÃO (MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
26. ITALIENE SANTOS DE CASTRO PEREIRA. **REPRESENTAÇÕES DO MEDO EM LYGIA BOJUNGA: CAMINHOS PARA A SUBJETIVAÇÃO.**
27. BETHÂNIA MARTINS MARIANO. **REAL MARAVILHOSO EM GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO LATINOAMERICANO.**
28. LUMA MARIA BRAGA DE URZEDO. **"RUÍDOS, REDONDOS, RODAS, GERINGONÇA E ENTES": UMA ANÁLISE DO EXTRATERRESTRE E DA FICÇÃO CIENTÍFICA LATINO-AMERICANA.**

29. CRISTIANE MOREIRA DA COSTA. **O UNIVERSO FANTÁSTICO – UMA EXPERIMENTAÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO.**
30. ÂNGELA MÁRCIA FERNANDES PEREIRA. **RELEITURA DOS CONTOS DE FADAS POR MEIO DOS CORDÉIS NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO,**
31. TAMIRA FERNANDES PIMENTA. **O ENLACE INSÓLITO ENTRE IMAGEM E PALAVRA NAS OBRAS DE FRIDA KAHLO.**
32. PRISCILLA DA SILVA CESAR CARVALHO. **DRAMAS HUMANOS – UMA EXPRESSÃO DA REALIDADE PARA A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO POR MEIO DO GÊNERO CONTO.**
33. SUNAMITA DA SILVA SOARES. **O GÊNERO CONTO COMO INTERFACE PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEMA FEMINICÍDIO.**

Há três projetos de Mestrado que oriento em andamento:

1. MARCUS VINÍCIUS LESSA DE LIMA. **UMA VERDADE MERAMENTE SENSÍVEL.**
2. ANA CLARA ALBUQUERQUE BERTUCCI. **MONSTROS COMEDORES DE CRIANÇAS: FIGURAÇÕES E ESPACIALIDADES.**
3. AMANDA LETÍCIA FALCÃO TONETTO. **IMAGENS PREGNANTES: O FANTÁSTICO PELA ÓTICA DE LYGIA FAGUNDES TELLES.**

### Trama "Orientações de Doutorado"

No Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFU, concluí quatro orientações de Doutorado:

1. BRUNO SILVA DE OLIVEIRA. **PELAS BRENHAS ESCURAS DO INSÓLITO: OS ESPAÇOS TOPOFÓBICOS NA LITERATURA SERTANISTA.**
2. JAMILLE DA SILVA SANTOS. **PROJEÇÕES DO LOBISOMEN NA LITERATURA: UMA ARQUEOGENEALOGIA DO CORPO-ESPAÇO LUPINO.**
3. ANA PAULA SILVA. **O LIVRO SILENCIOSO DESVELADO PELAS ESPACIALIDADES EM O ARQUIPÉLAGO DA INSÔNIA.**
4. ANDRÉIA DE OLIVEIRA ALENCAR IGUMA. **DE QUAIS JOVENS FALA A LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA PREMIADA PELA FNLIJ DE 2000 A 2017?.**

E há seis orientações de Doutorado em andamento:

1. LILLIÂN ALVES BORGES. **HISTÓRIAS DE ALEXANDRE: OS ESPAÇOS FANTÁSTICOS E A CONCEPÇÃO GRACILIÂNICA DE LITERATURA INFANTIL.**
2. HELEN CRISTINE ALVES ROCHA. **SINALITURA: CONCEITO, ADAPTAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE.**
3. GEORGE LIMA DOS SANTOS. **POÉTICA DA SOLIDÃO EM GABRIEL GARCÍA MARQUEZ PARA ALÉM DOS CEM ANOS.**
4. LÉA EVANGELISTA PERSICANO. **ESQUECER, LEMBRAR, SUBJETIVAR NOS ESPAÇOS UTÓPICOS/DISTÓPICOS DE "O DOADOR DE MEMÓRIAS"**
5. SANDRA HELENA BORGES. **CONTOS DE FADAS: O QUE ELES SE TORNARAM NESTE MILÊNIO?**
6. TAMIRA FERNANDES PIMENTA. **A POÉTICA DO VESTUÁRIO EM FRIDA KAHLO: DIÁRIO, FOTOGRAFIAS E PINTURAS.**

## Trama "Supervisões de Pós-Doutorado"

Há também as supervisões de Pós-Doutorado interligadas ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. São até o momento duas concluídas: Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá (UnB) e Profa. Dra. Cláudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP); e duas em andamento: Prof. Dr. Nilton Milanez (UEFS)<sup>20</sup> e Profa. Dra. Regina Michelli Perim (UERJ).

## Trama "Artigos publicados em periódicos"

Até a presente data publiquei cinquenta e sete artigos em periódicos da área. Ressalto o quanto é prazerosa a atividade de escrita de artigos cujo foco são os resultados parciais ou finais (será que existe mesmo um final definitivo?) das pesquisas que desenvolvo. Esse prazer não se deve ao fato de cumprir uma produção, porém em função de essa produção ser um exercício de construção de subjetividade. À medida que escrevo e que elaboro e reelaboro minhas pesquisas em palavras, reelaboro-me a mim mesma; as palavras me dizem, me delineiam, definem minhas experiências.

Os artigos foram publicados em revistas de variadas regiões do país. Tenho procurado escrever em parceria com alguns orientandos e orientandas, contudo é necessário que a parceria seja uma realidade de fato e os artigos se escrevam a duas mãos.

As abordagens temáticas são variadas, havendo uma maior incidência de textos que tratam da literatura fantástica, do espaço ficcional e da literatura infantil. A fundamentação teórica parte de noções referentes aos estudos foucaultianos, teorias do fantástico, teorias do espaço ficcional e conceitos relacionados à literatura infantil e ao letramento literário.

Trago aqui algumas dessas produções para ilustrar:

---

<sup>20</sup> Entremeadada "Labedisco & GPEA": Nilton Milanez, querido amigo e parceiro intelectual, hoje me dá a honra de supervisionar seu projeto pós-doutoral, vem se fazendo presente em vários momentos de minha caminhada. Quando fez seu primeiro estágio pós-doutoral com Jean-Jacques Courtine em Paris, organizou o evento que se intitulava "Horror à brasileira" e convidou-me a fazer uma conferência sobre o horror e as espacialidades em *O coronel* e *o lobisomem*, na Maison du Brésil, na Cité Internationale Universitaire de Paris. Depois, nossos grupos, o Labedisco e o GPEA, coordenaram muitas vezes, em conjunto, simpósios no evento Vertentes do Insólito Ficcional da UERJ, organizado pelo amigo Flavio García. Além disso, em outros encontros por todo o Brasil, nossos grupos se encontravam e trocavam ideias sobre os dois focos de interesse: o corpo e o espaço. Desses encontros, surgiu a noção "corpo-espaço". Depois de muitos anos de discussões, resolvemos formalizar a noção por meio de um ensaio, intitulado "Corpo-espaço: organização e funcionamento de uma noção discursiva", que será publicado entre final de 2020 e início de 2021 na *Revista Moara* da UFPA.

A POSIÇÃO DO LEITOR NO TEXTO LITERÁRIO E NA CRÍTICA. **ITINERARIOS** (UNESP. ARARAQUARA), V.13, P.233 - 249, 1998.

AS MÚLTIPLAS VOZES NAS LEITURAS E RELEITURAS DE BAKHTIN. **ITINERARIOS** (UNESP. ARARAQUARA), V.17/18, P.49 - 64, 2001.

O ESPAÇO LABIRÍNTICO EM DUELO, DE GUIMARÃES ROSA. **CERRADOS** (UNB. IMPRESSO), V.17, P.3 - 54, 2008.

O ESPAÇO DO FANTÁSTICO COMO LEITOR DAS DIFERENÇAS SOCIAIS: UMA LEITURA DE "O HOMEM CUJA ORELHA CRESCER". **O EIXO E A RODA** (UFMG), V.17, P.89 - 102, 2008.

O LUGAR TEÓRICO DO ESPAÇO FICCIONAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS. **REVISTA DA ANPOLL** (IMPRESSO), V.28, P.213 - 235, 2010.

IMAGENS INSÓLITAS DE UM CRIME EM NÓS TRÊS, DE LYGIA BOJUNGA. **ALETRIA** (UFMG), V.20, P.117 - 125, 2010.

O INSÓLITO E AS ESPACIALIDADES MOVENTES: UMA ANÁLISE DO DEVIR-ANIMAL EM AXOLOTES, DE CORTÁZAR. **MOARA**. V.37, P.102 - 111, 2012.

A LITERATURA FANTÁSTICA DE GUIMARÃES ROSA ANTES DAS PRIMEIRAS ESTÓRIAS. **REVISTA OLHO D'ÁGUA**, V.4, P.141 - 156, 2012.

LAR AMARGO LAR: MORADIAS INSÓLITAS NAS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR E DE MURILO RUBIÃO. **BRUMAL: REVISTA DE INVESTIGACIÓN SOBRE LO FANTÁSTICO**, V.1, P.57 - 78, 2013.

A LITERATURA FANTÁSTICA: GÊNERO OU MODO?. **TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS**, V.26, P.18 - 31, 2013.

OS INQUIETANTES E INSÓLITOS ANJOS LATINO-AMERICANOS. **A COR DAS LETRAS** (UEFS), V.15, P.119 - 137, 2014.

MURILO RUBIÃO NOS ARREDORES DO MITO E DO REAL MARAVILHOSO. **LITERARTES**, V.6, P.46 - 70, 2016.

ESPAÇOS DA RECEPÇÃO, DA ANGÚSTIA E DO MEDO EM WERTHER E O HOMEM DA AREIA. **NONADA: LETRAS EM REVISTA**, V.2, P.79 - 94, 2016.

A INSÓLITA 'CADEIRA' DE JOSÉ SARAMAGO: QUASE OBJETO?. **MILLENIUM** (VISEU), V.50-A, P.33 - 44, 2016.

ATOPIA E APORIA: OS CORPOS DESMORTOS NA FICÇÃO. **REVISTA DE LETRAS** (UNESP. IMPRESSO), V.57, P.131 - 144, 2017.

O EXTRATERRESTRE: ESSE SER MARAVILHOSO DE TODOS OS TEMPOS. **ABUSÕES**, V.08, P.36 - 66, 2019.

LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA E INTERTEXTUALIDADE: O JOVEM E SEUS ENCONTROS COM LEITURAS OUTRAS. **CADERNO SEMINAL DIGITAL** (RIO DE JANEIRO), v.34, p.138 - 174, 2020.

Atuei na organização de alguns dossiês com foco sobre a literatura fantástica e sobre a literatura infantil e juvenil em alguns periódicos, dentre os quais: *Abusões, Itinerários, A cor das Letras, Entrelaces, Caderno Seminal, Letras & Letras.*

## Trama "Capítulos de livros"

A publicação de capítulos de livros segue a mesma abordagem temática e a fundamentação teórica dos artigos em periódicos. Foram ao todo sessenta e seis artigos publicados em livros.

A seguir, ilustro com algumas dessas publicações:

TEORIAS E ALEGORIAS DA INTERPRETAÇÃO: NO THEATRUM DE MICHEL FOUCAULT. IN: **M. FOUCAULT E OS DOMÍNIOS DA LINGUAGEM: DISCURSO, PODER, SUBJETIVIDADE.** 1 ED. SÃO CARLOS: CLARALUZ, 2004, P. 217-230.

ESPACIALIDADES GERADORAS DA AMBIENTAÇÃO FANTÁSTICA EM A INVENÇÃO DE MOREL. IN: **POÉTICAS DO ESPAÇO LITERÁRIO.** 1 ED. SÃO CARLOS: CLARALUZ, 2009, V.1, P. 63-74.

O ESPAÇO METAMORFOSEADO DA LITERATURA. IN: **A (DES)ORDEM DO DISCURSO.** 1 ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010, V.1, P. 187-199.

EL ESPACIO DE LA MUJER EN LA LIJ BRASILEÑA: ENTRE VOCES VELADAS Y DESVELADAS. IN: **DIALOGOS INTERTEXTUALES 3: EN BUSCA DE LA VOZ FEMENINA.** 1 ED. FRANKFURT: PETER LANG, 2010, V.1, P. 221-247.

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS: AS CONSTRUÇÕES INSÓLITAS DE MURILO RUBIÃO. IN: **VERTENTES DO FANTÁSTICO NA LITERATURA.** 1 ED. SÃO PAULO: ANNABLUME; FAPESP, 2012, V.1, P. 221-237.

AS TEORIAS DO FANTÁSTICO E A SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL. IN: **VERTENTES TEÓRICAS E FICCIONAIS DO INSÓLITO.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: CAETÉS, 2012, V.1, P. 30-38.

AS METAMORFOSES DO CORPO E A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NAS NARRATIVAS DE MURILO RUBIÃO. IN: **MURILO RUBIÃO - 20 ANOS DEPOIS DE SUA MORTE.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: EDUERJ, 2013, V.1, P. 33-45.

FLICTS: AS ESPACIALIDADES INSÓLITAS NO RECONTO MINEIRO D'O PATINHO FEIO. IN: **LITERATURA INFANTOJUVENIL E LEITURA: NOVAS DIMENSÕES E CONFIGURAÇÕES.** 1 ED. ERECHIM-RS: HABILIS, 2014, V.1, P. 35-51.

A MORTE E A PALAVRA LISA DA CRIANÇA: IMAGENS INSÓLITAS. IN: **ARTE COMO PROVOCAÇÃO À MEMÓRIA.** 1 ED. CURITIBA: CRV, 2014, V.1, P. 121-131.

OS OBJETOS E A IRRUPÇÃO DO FANTÁSTICO EM OBJECTO QUASE DE JOSÉ SARAMAGO E OBJETOS TURBULENTOS DE JOSÉ J. VEIGA. IN: **VERTENTES DO INSÓLITO FICCIONAL - ENSAIOS I.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: DIALOGARTS, 2015, V.1, P. 198-213.

O BOTO E SUA SOGRA: O MITO E O REAL MARAVILHOSO. IN: **LITERATURAS E AMAZÔNIAS: COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO.** 1 ED. RIO BRANCO: NEPAN EDITORA, 2015, V.1, P. 129-146.

J. J. VEIGA E SEUS TURBULENTOS OBJETOS: ESPAÇOS DE INQUIETAÇÃO E DE MEDO. IN: **VERTENTES DO FANTÁSTICO NO BRASIL: TENDÊNCIAS DA FICÇÃO E DA CRÍTICA.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: DIALOGARTS, 2015, V.1, P. 173-187.

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DO HORROR EM "O LODO", DE MURILO RUBIÃO, E "O HOMEM CUJA ORELHA CRESCER", DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO. IN: **VERTENTES DO INSÓLITO E DO FANTÁSTICO: LEITURAS.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: DIALOGARTS, 2017, V.1, P. 235-253.

FIGURAÇÕES DOS CORPOS FEMININOS NA PERSPECTIVA DO GROTESCO E DO INSÓLITO. IN: **LITERATURA FANTÁSTICA E GROTESCO.** 1 ED. RECIFE: ED. UFPE, 2017, V.1, P. 39-55.

O TERRITÓRIO DA SEMIOSIS: A PALAVRA LITERÁRIA DIRIGIDA A CRIANÇAS. IN: **LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL E JUVENIL: MODOS DE EMANCIPAR.** 1 ED. ERECHIM-RS: HABILIS PRESS, 2018, V.1, P. 17-40.

LEITURA EM DISCURSO: (DES)CAMINHOS PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO. IN: **ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL.** 1 ED. NATAL: SEDIS-UFRN, 2018, V.1, P. 106-128.

DE DEVIRES E MARGENS: O ESPAÇO DA LITERATURA. IN: **AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E A(S) VOZ(ES) E O(S) SILENCIAMENTO(S) DE VULNERÁVEIS: REFLEXÃO E PRÁXIS - HOMENAGEM AO PROF. LUÍS ANTONIO MARCUSCHI.** 1 ED. CAMPINAS: PONTES, 2018, V.1, P. 127-141.

O DISCURSO E A DIEGESE DO FANTÁSTICO: O PLUS ULTRA DA SINGULARIZAÇÃO. IN: **REFLEXÕES SOBRE O INSÓLITO FICCIONAL.** 1 ED. JOÃO PESSOA: EDITORA DA UFPB, 2019, V.1, P. 11-23.

O UNIVERSO FANTÁSTICO: UMA EXPERIMENTAÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO. IN: **PRÁTICAS DE ENSINO EM LITERATURA: VIVÊNCIAS DO PROFLETRAS.** 1 ED. JOÃO PESSOA: EDITORA UFPB, 2019, V.1, P. 133- 152.

CRONOTOPIAS FANTÁSTICAS EM O DIABO NO CAMPANÁRIO. IN: **EDGAR ALLAN POE: EFEMÉRIDES EM TRAMA.** 1 ED. RIO DE JANEIRO: DIALOGARTS, 2019, V.1, P. 167-186.

DA MIRADA INTERNA: O "ESPIAR PRA DENTRO" E A LITERATURA INFANTIL. IN: **LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: TRAVESSIAS E ATRAVESSAMENTOS**. 1 ED. SÃO PAULO: PIMENTA CULTURAL, 2020, V.1, P. 123-146.

## Trama "Livros organizados"

Organizo com outros pesquisadores da área e com orientandos/as dezenove livros. Esse trabalho é especial porque oportuniza o diálogo com diversos pesquisadores, bem como nosso olhar dirigido ao recorte e seleção em torno de temas e textos. Alguns livros foram resultado dos CENAs que coordenei junto ao GPEA. Listo os dezenove livros:

GAMA-KHALIL, MARISA MARTINS; OLIVEIRA, B. S.; SILVA, A. P. **Espacialidades metaempíricas: do insólito ao monstruoso**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, v.1. 161p.

GAMA-KHALIL, M. M.; GARCÍA, F.; BATALHA, M. C.; MICHELLI, R.; REIS, C.; SANTOS, A. C. **Monstruosidades ficcionais**. Anais com comunicações em simpósios. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, v.1. 167p.

GAMA-KHALIL, M. M.; GARCÍA, F.; COLUCCI, L.; PHILIPPOV, R. **Edgar Allan Poe: efemérides em trama**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019, v.1. 340p.

GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A. **No território de Mirabilia: estudos sobre o maravilhoso na ficção**. Rio de Janeiro: Editora Bonecker; Editora Dialogarts (UERJ), 2018, v.1. 328p.

GAMA-KHALIL, M. M.; SANTOS, J. S. **Nos labirintos do medo: estudos sobre o medo na ficção**. Rio de Janeiro: Editora Bonecker; Editora Dialogarts (UERJ), 2018, v.1. 280p.

GAMA-KHALIL, M. M.; MILANEZ, N. **Personas insólitas: conjunções espaciais e temporais na composição de personagens do insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018, v.1. 241p.

GAMA-KHALIL, M. M. **Vertentes do Insólito Ficcional – Ensaios II**. Rio de Janeiro: Dialogarts (UERJ), 2018, v.1. 161p.

GAMA-KHALIL, M. M.; ANDRADE, P. F. **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Rio de Janeiro: Bonecker; Dialogarts, 2017, v.1. 154p.

GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; LIMA, M. V. L. **Pesquisas e estudos em literatura fantástica e em Letras**. Vitória da Conquista: Labedisco, 2017, v.1. 155p.

GAMA-KHALIL, M. M.; MILANEZ, N.; BARROS-CAIRO, C. **Espaços, corpos e subjetividades insólitas e horríficas na literatura e no cinema**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015, v.1. 127p.

GAMA-KHALIL, M. M.; GARCÍA, F. **Vertentes do Insólito Ficcional – Ensaios I**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015, v.1. 446p.

GAMA-KHALIL, M. M.; MILANEZ, N.; PESSOA-BRAZ, A. **Outros corpos, espaços outros**. Vitória da Conquista: Labedisco, 2014, v.1. 272p.

GAMA-KHALIL, M. M.; ANDRADE, P. F. **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Uberlândia: GPEA/Composer, 2013, v.1. 154p.

GAMA-KHALIL, M. M.; SOARES, L.F.; CARDOSO, J.M. **História e ficção no universo do fantástico**. VITÓRIA DA CONQUISTA: Edições LABEDISCO, 2013, v.1. 489p.

GAMA-KHALIL, M. M.; GARCÍA, F.; VOLOBUEF, K. **Letras & Letras: Literatura fantástica - vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Uberlândia: EDUFU, 2012, v.1. 767p.

GAMA-KHALIL, M. M.; FERNANDES, C. A.; ALVES Jr., José Antônio. **Análise do Discurso na Literatura: Rios turvos de margens indefinidas**. São Carlos: Claraluz, 2009, v.1. 304p.

GAMA-KHALIL, M. M.; STAFUZZA, G.; FRANCA, T. M. **Análise do discurso: sujeito e subjetividade**.

Uberlândia: EDUFU, 2008.

GAMA-KHALIL, M. M.; CARDOSO, J.M.; REZENDE, R.G. **O ESPAÇO (EN)CENA**. São Carlos/SP: Claraluz, 2008. 260p.

GAMA-KHALIL, M. M.; CRUVINEL, M. F.; GREGOLIN, M. R. V. **Análise do discurso: os entornos do sentido**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, v.1. 322p.

Estão em construção dois livros, um sobre literatura infantil e juvenil, e outro sobre literatura fantástica, os quais serão concluídos depois de minha aposentadoria, quando meu cotidiano (assim creio!) terá menos atividades. Espero publicar um deles ainda no ano de 2021. Nesses livros, procuro alinhar algumas ideias construídas por mim ao longo de duas décadas de pesquisas.

### Trama "Publicizações orais das pesquisas"

Penso que uma das experiências mais importantes de nossa atuação acadêmica seja a publicização oral de nossas pesquisas, que podem acontecer em forma de conferências, palestras, comunicações, coordenações de GTs e de simpósios, minicursos e oficinas. São mais de trezentas apresentações orais de minhas pesquisas. Parece bastante – e é. Mas sempre gosto muito de participar de eventos. O encontro com outros pesquisadores de uma mesma área de interesse tende a contribuir com nosso crescimento. Nesses eventos/acontecimentos o compartilhamento de experiências é muito frutuoso. Quando apresento minha pesquisa, em geral, consigo rever minha pesquisa, é como se, pelo olhar do outro, eu conseguisse enxergá-la a uma certa distância.



## Trama "Verbetes, prefácios, posfácios e outros"

Outra atividade importante é prefaciar, posfaciar, apresentar obras, porque podemos praticar um exercício elaborado de crítica literária, que deve ser sempre feito com muito respeito, pertinência e sensibilidade.

Uma produção bibliográfica que venho exercendo atualmente é a escrita de verbetes para o *E-Dicionário Vertentes do Insólito Ficcional*. Já escrevi quatro – “Real Maravilhoso”, “Realismo Mágico”, “Fantástico Gênero” e “Fantástico Modo” – e estou escrevendo três outros – “Realismo Maravilhoso”, “Encantaria” e “João de Jesus de Paes Loureiro”.

## Tramas "Bancas de conclusão de trabalhos acadêmicos"

Sempre escutamos o quanto é trabalhosa a participação em bancas de conclusão de Pós-Graduação. Sim, ler páginas e páginas de pesquisas de outrem, ler, compreender, avaliar, formular arguições. Enfim, um serviço laborioso, mas muitíssimo necessário, uma vez que as avaliações dos trabalhos de Pós-Graduação têm que ser realizadas por alguém. Por isso não costumo rejeitar comumente esse serviço, porém seleciono as bancas pelas áreas de abordagem, que devem coincidir com as minhas áreas de pesquisa.

Esta Trama geralmente é vinculada aos trabalhos técnicos, entretanto decidi colocá-la aqui, na parte atinente à pesquisa, em função de as bancas açambarcarem momentos decisivos das pesquisas: as qualificações e as defesas. Foram até o momento cento e dezenove atuações em defesas de Mestrado, vinte e sete em defesas de Doutorado, cinquenta e cinco qualificações de Mestrado, vinte e uma qualificações de Doutorado.



Banca na UNIR – campus Porto Velho.  
O orientador, Hélio Rocha, foi meu primeiro orientando de Mestrado.



Banca na UFG – Regional Catalão. A recém-mestra do dia hoje é minha orientanda de Doutorado.

FIOS DE ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS  
E TÉCNICAS...



Na minha sala na UFU

## Tramas “na UNIR”

A universidade tinha apenas cinco anos de existência quando comecei a atuar inicialmente como professora substituta e logo depois como efetiva do quadro permanente, e esse fato nos delegava uma grande responsabilidade, a de construir toda uma história junto àquela instituição que me viu crescer como docente e pesquisadora. Para colaborar com essa construção, unindo ensino, pesquisa e extensão – sempre –, atuei como coordenadora de Curso de Graduação em Letras por duas vezes, como chefe de departamento, como coordenadora do Mestrado em Ciências Humanas e como diretora do setor da Pós-Graduação na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, além de atuar várias vezes como membro dos conselhos universitários. Atuei em comissões de ética e inúmeras vezes em bancas de concurso público no *campus* de Porto Velho e em outros *campi* da Universidade Federal de Rondônia.

Como coordenadora e membro do Colegiado do Curso de Letras, atuei em algumas ações muito importantes, como a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Letras (Habilitações Português, Espanhol e Inglês), sempre tendo em mente uma maior valorização das disciplinas de Literatura no Curso. Uma dessas ações importantes foi a configuração da disciplina Literatura Infantil e Juvenil como disciplina obrigatória do Curso de Letras.

## Tramas “na UFU”

De 2006 até a presente data, atuei em variadas esferas técnicas, como membro do Colegiado do Curso de Letras-Português; conselheira do CONSILEEL (Conselho do Instituto de Letras e Linguística); coordenadora do Mestrado em Teoria da Literatura; membro do Colegiado da Pós-Graduação em Estudos Literários, representando a Linha 2 (atividade atual); membro do NDE (Núcleo Docente Estruturante) – com dois mandatos, sendo um deles como presidente; supervisora dos estágios supervisionados do Curso de Letras; banca de concursos públicos; membro da comissão de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras-Português.

## Tramas "na CAPES"

Atuei duas vezes como parecerista dos projetos relativos ao PAEP (Programa de Apoio a Eventos no País). Fui avaliadora da análise de mérito de APCN (Apresentação de Propostas para Cursos Novos) Acadêmico e MINTER/DINTER (Mestrado e Doutorado Interinstitucional) 2015 na área de Letras e Linguística. Ainda em 2015, integrei a Comissão de Acompanhamento – Fotografia de Meio Termo – dos Programas de Pós-Graduação da Área de Letras e Linguística. Em 2017, integrei a Comissão de Avaliação Quadrienal da Área de Letras e Linguística<sup>21</sup>.

Em 2011, meu nome foi um dos indicados para a vice-coordenação da área de Letras e Linguística, junto a mais outros quatro nomes.

## Tramas "no CNPq"

Na qualidade de bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, atuei como consultora *Ad hoc*, emitindo pareceres para diversificados editais desse órgão de fomento de 2010 até o presente momento.

## Tramas "Outras..."

Em 2009, atuei na equipe de Revisão das Diretrizes para o ensino de Literatura no Ensino Fundamental do Município de Uberlândia, junto ao CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz) e à Secretaria Municipal.

Entre os anos de 2015 e 2016 integrei a equipe de parecerista do Processo de Avaliação e Seleção de Obras de Literatura, com vistas à composição de acervos destinados às bibliotecas de escolas públicas do país, no contexto do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) 2015, executado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), em parceria com a SEB (Secretaria de Educação Básica) do MEC (Ministério da Educação). E, ainda, nesse mesmo processo, atuei na elaboração de resenhas literárias que compõem o Guia de Leitura, destinado a orientar o uso dos acervos de livros selecionados pelo PNBE 2015.

Atuei como parecerista de algumas revistas, dentre elas: *Bakhtiniana* - Revista de Estudos do Discurso; *Revista Crioula*; *Ikala*: Revista de Language y Cultura; *Revista*

---

<sup>21</sup> Essa área atualmente é denominada Linguística e Literatura.

*Práticas Discursivas da Amazônia; Revista Linguagem - Estudos e Pesquisa; Revista Abusões; Caderno Seminal; Revista Brumal - Revista de Investigación sobre lo Fantástico; Letras & Letras; Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.*

Uma outra atividade relacionada às revistas refere-se à composição do Conselho Editorial e/ou Científico. Atualmente faço parte do Conselho Editorial dos seguintes periódicos: *Letras & Letras; Abusões; Brumal - Revista de Investigación sobre lo Fantástico; Fólio - Revista de Letras*. Também integro o Conselho Editorial da Editora Dialogarts.

FIOS DA CONCLUSÃO NA FORMA DE TRÊS CARTAS E  
MUITOS SONHOS<sup>22</sup>



Na Casa Lygia Bojunga - Santa Tereza/RJ

---

<sup>22</sup> Uma homenagem ao livro de Lygia Bojunga: *Sete cartas e dois sonhos*, publicado pela Berlendis e Vertechia Editora.

Mas o 'close' da mão saiu do ar; acordei do meu cinema: tinha me dado conta de que eu estava balbuciando pro artesão, falando baixinho dos artesãos da minha memória

Lygia Bojunga (1999, p. 80)

O final da trajetória deste Memorial foge do formato/norma de um Memorial para apresentar aos meus leitores um diálogo essencialmente frutuoso com Lygia Bojunga, autora que propiciou uma parte expressiva de minhas pesquisas, de meus escritos, apresentações orais, minicursos, aulas...

Esse diálogo parte de três cartas (incitadoras de muitos sonhos) que representam três momentos importantes da minha trajetória acadêmica, na medida em que a primeira relaciona-se à minha dissertação de Mestrado; logo, a uma atividade de escrita acadêmica dirigida à Pós-Graduação. A segunda insere-se no contexto da organização de um evento. Um evento, como sempre defendo, é uma atividade exemplar da vida acadêmica, porque ela concentra de forma harmoniosa as três instâncias universitárias: ensino, pesquisa e extensão. A terceira carta relaciona-se à publicação de um livro. Nesse sentido, essas três cartas acabam por demonstrar não só meu diálogo com Lygia, mas também figurativizar minha trajetória ao longo de todos esses anos de exercício de docência, pesquisa e extensão.

Como narrei na Trama referente ao Mestrado, Maria Antonieta Antunes Cunha, após a defesa de minha dissertação, sugeriu-me que eu deveria enviar uma carta para Lygia falando do meu trabalho, porque, em seu ponto de vista, ela ia gostar muito de saber do meu trabalho. Disse que quando encontrasse com ela no Brasil<sup>23</sup> entregaria uma cópia de minha dissertação. Tomei coragem (sempre fui muito avessa ao tietismo) e escrevi a carta.

---

<sup>23</sup> Lygia passava nesse período seis meses no Brasil e seis em Londres, onde morava o seu marido, Peter. Hoje, soube pela responsável pela Casa Lygia Bojunga que ela se mudou praticamente para o Brasil e vai a Londres mais raramente.

Alguns meses depois, recebi a resposta:

Rua Eliseu Visconti 425  
20251-250 Rio de Janeiro, RJ  
Brasil  
Tel (021) 2220266

Lygia Bojunga Nunes

26 Cressy Road  
London NW3 2LY  
England  
Tel (071) 267 4524

Marisa, foi em maio que recebi a tua carta e o Olhar Estampado do Soff. Lá em Belo Horizonte. Estava entregue à minha 4ª "mambembade brasileira", que se estendeu até o final de junho. Em seguida voltei aqui pra Londres, e o monte de coisas que estava esperando eu voltar desabou na minha cabeça. Daí só hoje viri te contar que a tua carta me interessou muitíssimo, e que fico esperando uma cópia da tua dissertação.

Tua carta abre tantos caminhos curiosos que — sabe o que que eu acho? — o bom mesmo seria a gente bater um papo. Imagino que nessa rota São Paulo/Rondônia, você — talvez — passe pelo Rio? Penso voltar em novembro e ficar uns meses por lá tratando do 2º projeto da Casa (o 1º eu encerreí nessa última "mambembade", quando tornei a levar o meu projeto livro, eu te lembro e eu te escrevendo ("Os casos de suor" e "Fazendo Ana Tag") a várias cidades). O 2º projeto da Casa tem a ver com a curiosidade que há muito tempo eu sinto a respeito de como é que se faz o objeto livro; tenho vontade de fazer o caminho todo, desde o princípio da ideia até o momento de ver o livro chegando a quem me lê. E, outra

2.  
vez, da maneira mais artesanal possível.  
Não sei se chego lá. Mas isso é assunto  
comprido, que hoje não vai ter tempo de se  
mostrar.

Você me pergunta o que é essa Casa. É uma  
idéia. Mas é também o espaço onde eu  
desenvolvo os projetos. O 1º foi desenvolvido na  
casa de Santa Teresa (e depois eu saí com ele  
por aí); o 2º eu pretendo que seja na  
sede que a Casa vai ter (no Estado do Rio,  
na montanha) e que eu vou preparar quando  
voltar. Assim que ela estiver preparada  
posso te falar mais dela. Porque aí eu vou  
poder ver com que cara ela vai ficar.

Foram só 2 mesmo os textos publicados  
na Coleção Teatro — "O Pintor" e "Nós Três".

De 60 a 64 desenvolvi uma atividade quase  
frenética na televisão: escrevia, traduzia, adaptava,  
representava, fequei um enjôo daquilo tudo  
que só vendia. Desde aquela época estou pra  
sentar e inventar tudo que fiz. Mas  
como o enjôo ainda não passou eu não senti.

Hoje é domingo. E agora o Peter está me  
chamando pra jantar. Respondi (mais ou  
menos) as tuas perguntas, e vou ficar um  
dia desses e falar de tantas coisas  
e coisas que nos interessam (e muito especial-  
mente da tua idéia do estampa menta).

Terei sempre prazer em saber de você.  
Te desejo o melhor, e te envio um  
abraço muito afetivo. Lúcia Rojaya

LONDRES, 21 de agosto/1994,

Quando estávamos organizando o CENA III, que tinha como tema "As literaturas infantil e Juvenil... ainda uma vez", escrevi uma carta convidando-a a participar do evento, que faria uma homenagem a ela e ao escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queiroz.

Ela não poderia vir, porém enviou uma resposta carinhosa:

Londres, 3 de agosto - 2012.

Minha cara leitora

Gostei muito, muito mesmo, de receber tua carta. Ainda mais assim, guardada em envelope amarelo, emfeitado de selos, e carimbos, e letras manuscritas, quanto coisa legal pra olhar, sobretudo para quem já está ausente do Brasil há vários meses. Depois, fiquei até pensando se teria sido você a escolher os selos (embora, nos livros meus que você menciona, não tenha mencionado o "Feito à mão"):- um lindo, do Sô Oliveira, e mais três, comoventemente simpáticos, na homenagem feita às estúbreiras, aos carteiros, aos trompetistas. Gostei até daquele outro selo, tipo "cheguei!", registrado urgente (ah, Brasil! será que ainda foi você?....): a carta levou 15 dias pra chegar. Mas, claro! o melhor

de tudo foi te ler. Saber que meu  
frescal (começando pelo Vitor) tem te  
feito boa companhia, ano atrás de ano,  
me deu um contentamento muito grande.

Imaginar você e seus amigos do  
GPEA querendo que mais gente convites  
com meu frescal me comoveu.

Saber que a Aracy te comoveu que  
a carta que eu te escrevi "outro dia" foi  
um presente me fez logo querer te  
escrever de novo. Agora te afirmar que  
presente, sim - foi teu convidado con-  
vite e tudo que você me contou.

Muito obrigada, Marisa.

Infelizmente, não vou poder  
aceitar o teu convite, uma vez que  
prometi a mim mesma que não  
abriria mais exceções, como - de fato -  
não aceitei mais convite algum desde  
que, em março, ao me despedir da  
Feira do Livro, em Bolonha, sei lá  
que aquele convite era a última

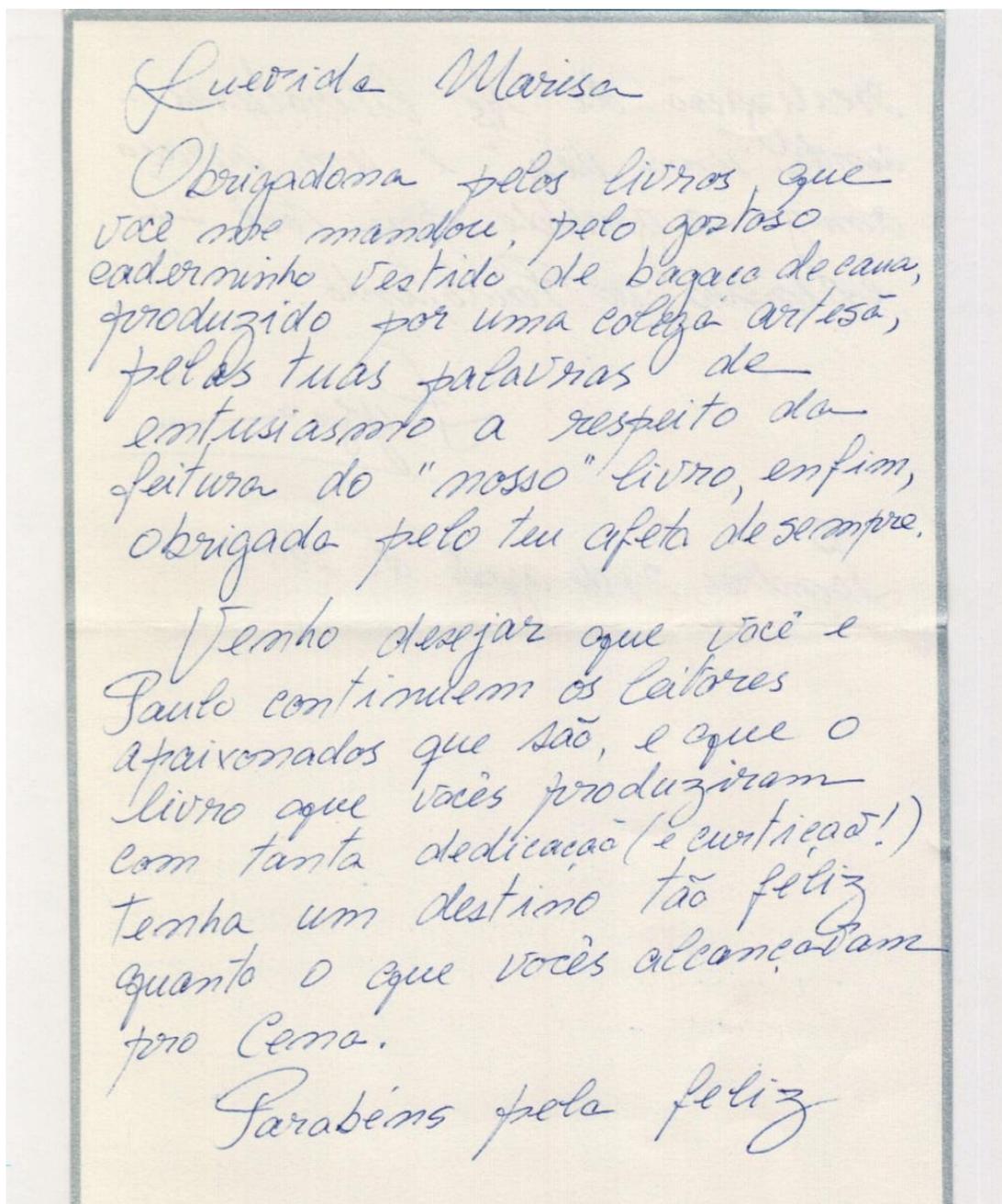
- 3 -  
exceção feita! Não que o radicalismo da  
promessa feita pro mim mesma tenha  
que se estender indefinidamente, não,  
não é isso; a duração do "facto" vai  
defender da necessidade que venho  
sentindo de continuar muito mais  
"pra dentro" do que "pra fora", digamos  
assim. Qualquer data que eu  
agendasse - próxima ou distante -  
destabeleceria um limite, um termo de  
extinção para o facto e, pra te ser bem  
sincero, eu não sei até quando esta  
necessidade de um relativo isolamento  
vai persistir.

Se te caí - e aos teus amigos, teu grupo -  
desapontamento, preso desculpas. Mas,  
quem sabe? O tempo ainda vai nos  
unir fisicamente? Caso contrário,  
fiedri desejando que meus personagens  
continuem a não desajustar vocês.

Um grande e afetuoso abraço  
em todos -

Syria

Após o CENA III, fizemos o livro resultante das palestras proferidas no evento. Enviei a ela um exemplar e obtive a linda e afetuosa resposta, que me encheu de sonhos e alegrias:

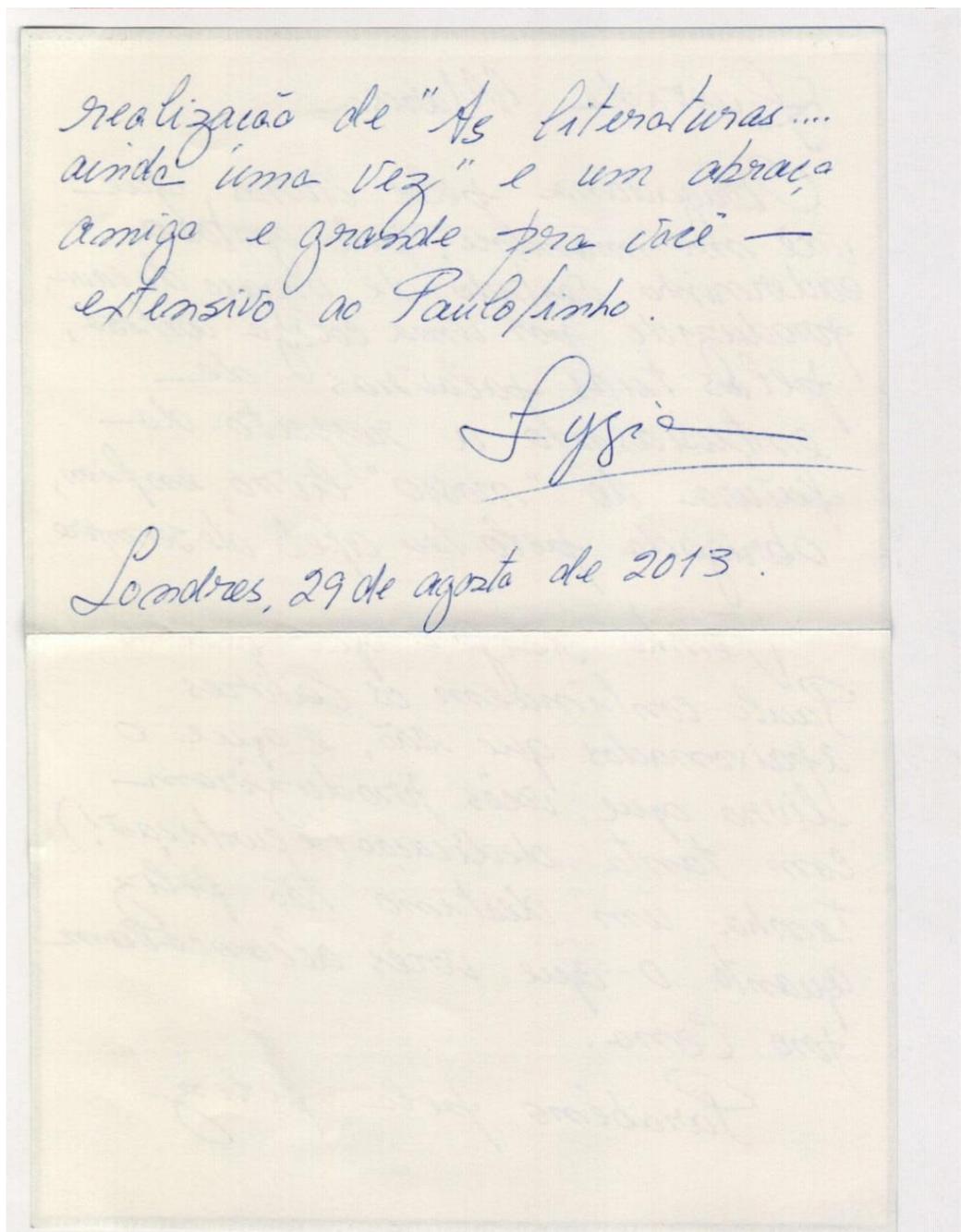


Querida Marisa

Obrigadíssima pelos livros que você me mandou, pelo gostoso caderninho vestido de bagaca de cana, produzido por uma colega artesã, pelas tuas palavras de entusiasmo a respeito da feitura do "nosso" livro, enfim, obrigada pelo teu afeto de sempre.

Venho desejar que você e Paulo continuem os leitores apaixonados que são, e que o livro que vocês produziram com tanta dedicação (e criatividade!) tenha um destino tão feliz quanto o que vocês alcançaram pro Cerna.

Parabéns pela feliz



Essas três cartas suscitaram em mim o calor de três abraços, abraços feito de linguagem. Com eles, tive a certeza de que foram muito frutuosas as minhas experiências de docência, de pesquisa, de extensão, enfim, minhas experiências que me constituem profissionalmente e que igualmente delineiam e instituem minha subjetividade. E, se foram frutuosas, foi em função de eu sempre fazê-las com prazer, um prazer IMENSO. Com essas experiências – de leitora, professora, pesquisadora –, sinto que consegui instigar a experiência de outras pessoas, sempre tentando imprimir nesse gesto a “leveza” de Maria e a “desejo de aprender” do Gama.

E assim chego neste ponto, prestes a apresentar este Memorial, já pensando na aposentadoria...

Mas as tramas certamente não pararão por aqui. Agora, por exemplo, enquanto termino este Memorial, há dois artigos que estão no prelo, já com confirmação de publicação até o fim do ano: um na *Organon* (UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e outro na *Terra Roxa e Outras Terras* (UEL – Universidade Estadual de Londrina). Além disso, há a organização de um e-book com as comunicações do CENA VI, que será publicado pela Dialogarts (UERJ) até janeiro de 2021. E o livro com as palestras do CENA VI também está encaminhado e deverá ser publicado até meados de 2021, conforme citado na Trama CENAs na UFU. Há também três capítulos de livros que também aguardam a publicação e tais capítulos têm como foco: os objetos e as narrativas góticas; os objetos nos contos dos Irmãos Grimm; e os leitores narrativizados em *Uma história verídica*, de Luciano de Samósata.

E depois? Depois eu quero outros sonhos, muitos sonhos, outros fios e muitas tramas. Dois livros estão já esboçados – um sobre literatura fantástica e outro sobre literatura infantil e juvenil. Estão sendo escritos e reescritos no acúmulo de coisas do cotidiano de uma professora, entretanto, com a aposentadoria, esse tecer/retecer será concluído.

E depois de escritos esses dois, quero continuar lendo, pesquisando, escrevendo, fiando, re-fiando, em-fiando: “Enfiar-se na leitura é en-fiarse no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever” (LARROSA, 2000, p. 146). E assim fazer as leituras produzirem sentidos, entremeando tramas, enfiando fios e enfiando-me nos textos...

Talvez eu tenha medos escondidos nessa nova etapa, mas o fascínio que o tecer a vida e a lida me propicia(ra)m em toda essa extensa, intensa, meticulosa e artística teia tecida acalenta-me e ao mesmo tempo não me deixa nunca estagnar.

Fechando o Memorial, entre um ajuste e outro, participei hoje, 9 de dezembro de 2020, do XXXV Encontro Nacional da ANPOLL, no qual fui eleita mais uma vez coordenadora do GT Vertentes do Insólito Ficcional. E, assim, outros fios se encetam e se enfiam, produzindo novas tramas.

## FIOS DAS REFERÊNCIAS



Em uma livraria no Pará

E no meio dessa explosão emocional, de repente, eu me dei conta de como é forte a transa livro-e-a-gente.

Lygia Bojunga (2007, p. 32)

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BARROS, Manoel. *As arquiteturas do silêncio*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BOJUNGA, Lygia. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- BOJUNGA, Lygia. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. O outro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas III*. São Paulo: Globo, 1999. p.9-15.
- CALVINO, Italo. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORTÁZAR, Julio. A continuidade dos parques. In: \_\_\_\_\_. *Final do jogo*. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. p. 11-13.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p.11-16.
- DOMÈNECH, Michel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.11-136.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalia, 1968.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*. Tradução de Jorge Lima Barreto; Maria Cristina Cupertino. São Paulo: Landy, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.411-422.
- FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France*. Tradução de Rosemary Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: \_\_\_\_\_. *A grande estrangeira: sobre a literatura*. Tradução de Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.73-135.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMA-KALIL, Marisa Martins; FARIAS, Roberto. Lendo as vozes na sala de aula através do olhar de Michel Foucault. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, v. 10-11, p. 155-165, 2007.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O boto e sua sogra: o mito e o real maravilhoso. In: ALBUQUERQUE, Gerson R.; SAMPAIO, Sonia; NENEVÉ, Miguel. *Literaturas e Amazônia: colonização e descolonização*. Rio Branco: Nepan, 2015. p.121-131.

JESUALDO. *A literatura infantil*. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1985.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes; João W. Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia - sobre textos e têxteis. In: \_\_\_\_\_. *Texturas - sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.11-51.

MANGUEL, Alberto. Introdução: História do terror. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Contos de horror do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.9-11.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo Fonseca (Orgs.). *As literaturas infantil e juvenil ... ainda uma vez*. Rio de Janeiro: Bonecker; Dialogarts, 2017. p.23.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PONGE, Francis. *Alguns poemas (Antologia poética)*. Org. e trad. Manuel Gusmão. Lisboa: Cotovia, 1996.

PONGE, Francis. *De parte de las cosas – Proemios = Le parti pris des choses: Proêmes*. Tradução para o espanhol e prólogo de Silvio Mattoni. [Tradução para o português por Marcus Vinícius Lessa de Lima] Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El cuenco de plata. (extraterritorial), 2017.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O fio da palavra*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.

SCLIAR, Moacyr. *O carnaval dos animais*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

## FIOS TRAMAS DA VIDA<sup>1</sup>



---

<sup>1</sup> Esse bordado e o da próxima página foram feitos por minha aluna Amanda Letícia Falcão Tonetto, que oriento desde a Graduação.













